

# GEORGE R.R. MARTIN

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO NOVE

## A DANÇA DOS DRAGÕES



TRADUÇÃO DE JORGE CANDEIAS

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*





*este é para os meus fãs*

*para Lodey, Trebla, Stego, Pod,  
Caress, Yags, X-Ray e Mr. X,  
Kate, Chataya, Mormont, Mich,  
Jamie, Vanessa, Ro  
para Stubby, Louise, Agravaine,  
Wert, Malt, Jo,  
Mouse, Telisiane, Blackfyre,  
Bronn Stone, a Filha do Coiote  
e o resto dos loucos e das selvagens  
da Irmandade Sem Estandartes*

*para os meus feiticeiros da web  
Elio e Linda, senhores de Westeros,  
Winter e Fábio do WIC,  
e Gibbs de Pedra do Dragão, que a tudo deu início*

*para os homens e mulheres de Asshai em Espanha,  
que nos cantaram sobre um urso e uma bela donzela  
e os fabulosos fãs de Itália  
que me deram tanto vinho  
para os meus leitores na Finlândia, Alemanha,  
Brasil, Portugal, França e Holanda  
e de todas as outras terras distantes  
onde têm estado à espera desta dança*

*e para todos os amigos e fãs  
que ainda virei a conhecer*

*obrigado pela vossa paciência*



## UMA TRIVIALIDADE SOBRE A CRONOLOGIA

Passou-se algum tempo entre livros, bem sei. Portanto, um lembrete pode ser necessário.

O livro que têm nas mãos é a tradução do quinto volume [original] das *Crônicas de Gelo e Fogo*. O quarto volume foi *A Feast for Crows* [dividido em *O Festim dos Corvos* e *O Mar de Ferro* na edição portuguesa]. No entanto, este volume não se segue a esse no sentido tradicional, antes forma um conjunto com ele.

Tanto *Dance* como *Feast* retomam a história imediatamente após os acontecimentos do terceiro volume [original] da série, *A Storm of Swords*. Enquanto *Feast* se concentrou nos acontecimentos em Porto Real e em volta da cidade, nas Ilhas de Ferro e lá em baixo em Dorne, *Dance* leva-nos para norte, para Castelo Negro e a Muralha (e mais além), e para o outro lado do mar estreito até Pentos e a Baía dos Escravos, a fim de retomar as histórias de Tyrion Lannister, Jon Snow, Daenerys Targaryen e todas as outras personagens que não viram no volume anterior. Em vez de serem sequenciais, os dois livros são paralelos... divididos geograficamente e não cronologicamente.

Mas só até certo ponto.

*A Dance with Dragons* é um livro mais longo do que *A Feast for Crows*, e abarca um período mais longo. Na segunda parte deste volume [isto é: no próximo volume da edição portuguesa] repararão que certas das personagens de ponto de vista de *A Feast for Crows* começam a reaparecer. E isso significa precisamente o que vocês pensam que significa: a narrativa avançou até ultrapassar o período coberto por *Feast*, e as duas correntes voltaram a reunir-se.

A seguir será *The Winds of Winter*. Onde, espero, todos estarão de novo a tremer juntos.

— George R. R. Martin  
Abril de 2011



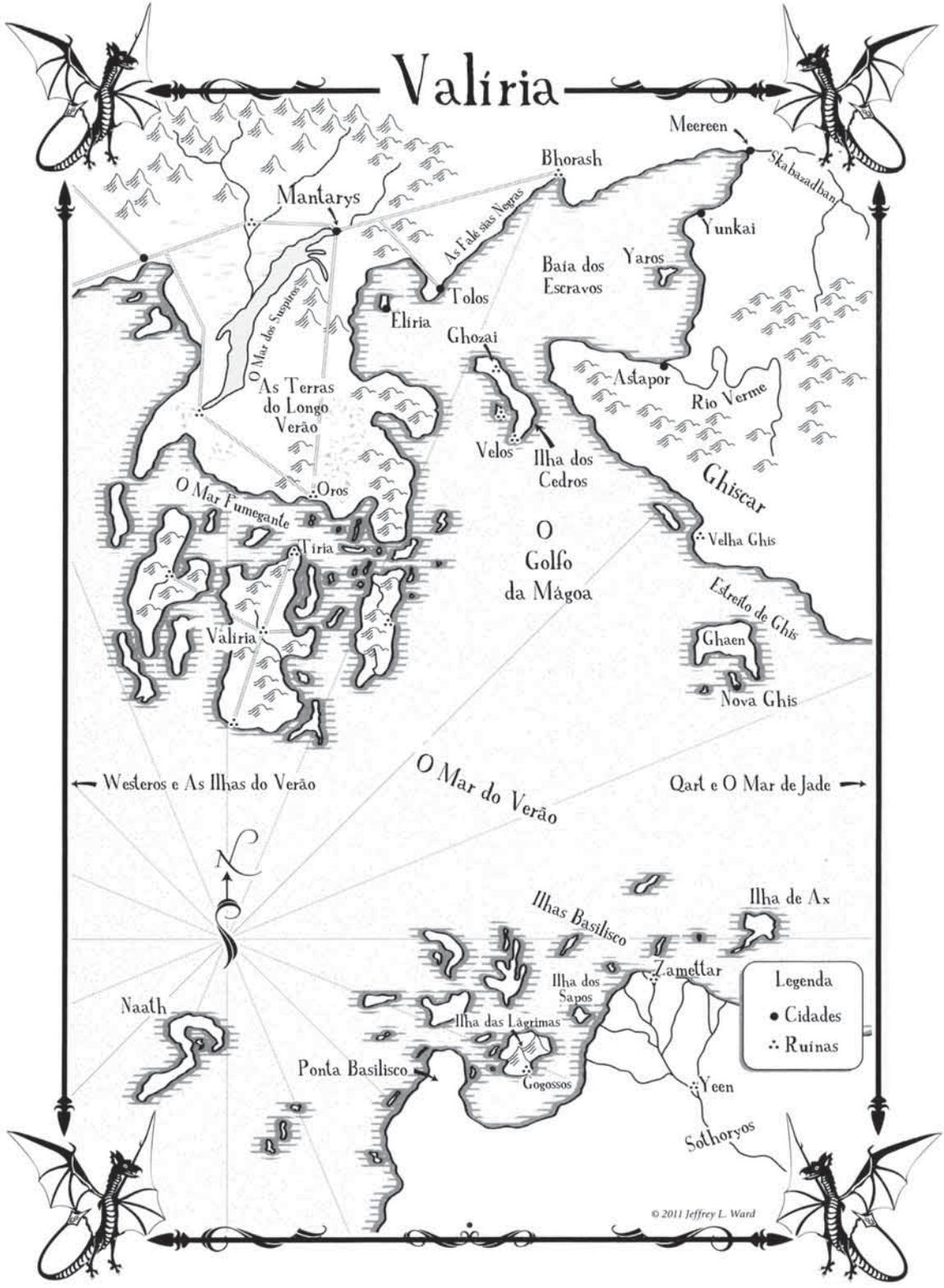
# PARA LÁ DA MURALHA











# Valíria

Meereen  
 Bhorash  
 Skabazadban  
 Yunkai  
 Baía dos Escravos  
 Yaros  
 Tolo  
 As Falas das Negras  
 Eliria  
 Ghozai  
 Astapor  
 Rio Vermo  
 Ghiscar  
 Velos  
 Ilha dos Cedros  
 O Golfo da Mágica  
 Velha Ghis  
 Estreito de Ghis  
 Ghaen  
 Nova Ghis

Westeros e As Ilhas do Verão ←      O Mar do Verão      → Qarl e O Mar de Jade

Naath  
 Ponta Basilisco  
 Ilhas Basilisco  
 Ilha dos Sapos  
 Ilha das Lágrimas  
 Gogossos  
 Zamettar  
 Yeen  
 Solhoryos  
 Ilha de Ax

**Legenda**  
 ● Cidades  
 ✦ Ruínas



## PRÓLOGO

A noite estava fétida com o cheiro a homem.

O *warg* parou debaixo de uma árvore e farejou, com a pelagem cinzenta-acastanhada pintalgada de sombras. Um suspiro de vento com aroma a pinheiro trouxe-lhe o odor a homem, por sobre cheiros mais ténues que falavam de raposa e lebre, de foca e veado, mesmo de lobo. O *warg* sabia que estes eram também cheiros de homem; o fedor de peles velhas, mortas e azedas, quase afogadas sob os odores mais fortes a fumo e sangue e podridão. Só o homem despia as peles aos outros animais e as usava.

Os *wargs* não temem o homem como os lobos temem. O ódio e a fome enrolaram-se-lhe na barriga, e soltou um longo rosnido, chamando pelo irmão zarolho, pela irmã pequena e matreira. Enquanto corria através das árvores, os companheiros de alcateia seguiram-no de perto. Tinham também detetado o cheiro. Enquanto corria, via também através dos olhos deles e vislumbrava-se à sua frente. O hálito da alcateia fazia sair nuvenzinhas tépidas e brancas de longas mandíbulas cinzentas. Gelo formara-se entre as patas deles, duro como pedra, mas a caçada estava agora lançada, tinham as presas em frente. *Carne*, pensou o *warg*, *comida*.

Um homem sozinho é uma coisa frágil. Grande e forte, com bons olhos aguçados, mas embotado de ouvido e surdo aos cheiros. Veados e alces e mesmo lebres eram mais rápidos, ursos e javalis mais ferozes num combate. Mas homens em alcateias eram perigosos. Quando os lobos se aproximaram das presas, o *warg* ouviu o gemido de uma cria, a crosta da neve da noite anterior a quebrar-se sob patas de homem desajeitadas, o matraquear de peleduras e das longas garras cinzentas que os homens transportavam.

*Espadas*, murmurou uma voz dentro de si, *lanças*.

Nas árvores tinham nascido dentes gelados, que rosnavam dos ramos nus e castanhos. Um-Olho arremeteu através dos arbustos, fazendo saltar neve para todos os lados. Os seus companheiros de alcateia seguiram-no. Por uma colina acima e pela encosta abaixo, do outro lado, até que a floresta se abriu à frente deles e os homens ali estavam. Um era fêmea. A trouxe envolta em peles a que se agarrava era a sua cria. *Deixai-a para o fim*, sussurrou a voz, *o perigo são os machos*. Estavam a rugir uns para os outros, como os homens faziam, mas o *warg* sentia o cheiro do seu terror. Um tinha um

dente de madeira tão alto como ele. Atirou-o, mas tinha a mão a tremer e o dente passou bem alto.

Logo a seguir a alcateia estava em cima deles.

O irmão zarolho atirou o lançador do dente para cima de um monte de neve e rasgou-lhe a garganta enquanto ele se debatia. A irmã esgueirou-se para trás do outro macho e apanhou-o pelas costas. Isso deixou a fêmea e a cria para ele.

A fêmea também tinha um dente, um dente pequeno feito de osso, mas deixou-o cair quando as mandíbulas do *warg* se fecharam em volta da sua perna. Enquanto caía, pôs ambos os braços em volta da cria ruidosa. Por baixo das peles, a fêmea era só pele e osso, mas tinha as tetas cheias de leite. A carne mais doce estava na cria. O lobo guardou os pedaços melhores para o irmão. A toda a volta das carcaças, a neve gelada foi-se tornando cor-de-rosa e vermelha enquanto a alcateia enchia a barriga.

A léguas de distância, numa cabana de divisão única feita de lama e palha com telhado de colmo e um buraco para o fumo e um chão de terra batida, Varamyr estremeceu, tossiu e lambeu os lábios. Tinha os olhos vermelhos, os lábios fendidos, a garganta seca e ressequida, mas os sabores do sangue e da gordura enchiam-lhe a boca, mesmo apesar da barriga distendida gritar por alimento. *A carne de uma criança*, pensou, lembrando-se de Bossa. *Carne humana*. Teria caído suficientemente baixo para sentir fome de carne humana? Quase conseguia ouvir Haggon a rosnar-lhe.

— Os homens podem comer a carne de animais e os animais a carne dos homens, mas o homem que come a carne do homem é uma abominação.

*Abominação*. Sempre fora essa a palavra preferida de Haggon. *Abominação, abominação, abominação*. Comer carne humana era uma abominação, acasalar como um lobo com um lobo era uma abominação e capturar o corpo de outro homem era a pior abominação de todas. *Haggon era fraco, tinha medo do seu próprio poder. Morreu a chorar e sozinho quando lhe arranquei a segunda vida*. Varamyr devorara-lhe pessoalmente o coração. *Ele ensinou-me muito e mais ainda, e a última coisa que aprendi com ele foi o sabor da carne humana*.

Contudo, isso fora enquanto lobo. Nunca comeria a carne de homens com dentes humanos. Mas não negaria à alcateia o seu banquete. Os lobos estavam tão famintos como ele, estavam descarnados e tinham frio e fome, e as presas... *dois homens e uma mulher, um bebé de peito, fugindo da derrota para a morte. Em qualquer caso, teriam morrido em breve, de frio ou de fome. Assim foi melhor, foi mais rápido. Uma misericórdia*.

— Uma misericórdia — disse em voz alta. Tinha a garganta em carne viva, mas era bom ouvir uma voz humana, mesmo que fosse a sua. O ar

cheirava a bafio e a humidade, o chão era frio e duro, e a sua fogueira estava a dar mais fumo do que calor. Aproximou-se das chamas tanto quanto se atreveu, tossindo quando não tremia e tremendo quando não tossia, com o flanco a latejar onde o ferimento se lhe abria. Sangue ensopara-lhe as bragas até ao joelho e secara numa crosta dura e castanha.

Thistle avisara-o de que isso poderia acontecer.

— Eu cosi-a o melhor que pude — dissera — mas precisas de descansar e de deixar que se sare, caso contrário a pele vai voltar a abrir-se.

Thistle fora a última dos seus companheiros, uma esposa de lanças dura como uma velha raiz, verrugosa, queimada pelo vento e engelhada. Os outros foram abandonando-os ao longo do caminho. Um por um, foram-se deixando ficar para trás ou avançando em frente, dirigindo-se às suas antigas aldeias, ou ao Guadeleite, ou a Larduro, ou a uma morte solitária na floresta. Varamyr não sabia e não queria saber. *Devia ter capturado um deles quando tive possibilidade. Um dos gémeos, ou o grandalhão da cara marcada, ou o jovem com o cabelo ruivo.* Mas tivera medo. Um dos outros podia ter-se apercebido do que estava a acontecer. E ter-se-iam virado contra ele e tê-lo-iam matado. E as palavras de Haggon tinham-no atormentado, de modo que a oportunidade passara.

Após a batalha tinha havido centenas deles a atravessar penosamente a floresta, esfomeados, assustados, a fugir da carnificina que caíra sobre eles junto da Muralha. Alguns falavam de regressar para as casas que tinham abandonado, outros de organizar um segundo assalto contra o portão, mas a maior parte estava perdida, sem qualquer ideia sobre para onde ir ou o que fazer. Tinham fugido dos corvos cobertos de negro e dos cavaleiros com o seu aço cinzento, mas inimigos mais implacáveis perseguiam-nos agora. Cada dia deixava mais cadáveres na margem dos caminhos. Alguns morriam de fome, alguns de frio, alguns de doenças. Outros eram mortos por aqueles que tinham sido seus irmãos de armas quando marcharam para sul com Mance Rayder, o Rei-para-lá-da-Muralha.

*Mance caiu*, diziam os sobreviventes uns aos outros em vozes desesperadas, *Mance foi capturado*, *Mance está morto*.

— Harma está morta e Mance foi capturado, o resto fugiu e abandonou-nos — afirmara Thistle enquanto lhe cosia o ferimento. — Tormund, o Chorão, o Seis-Peles, todos eles corajosos corsários. Onde estão agora?

*Ela não me reconhece*, apercebera-se então Varamyr, *e porque haveria de reconhecer?* Sem os seus animais não se parecia com um grande homem. *Eu era Varamyr Seis-Peles, que quebrava pão com Mance Rayder.* Chamara a si próprio Varamyr quando tinha dez anos. *Um nome adequado para um lorde, um nome bom para canções, um nome poderoso e temível.* Mas fugira

dos corvos como um coelho assustado. O terrível Senhor Varamyr torna-ra-se covarde, mas não conseguia suportar que ela o soubesse, portanto, dissera à esposa de lanças que o seu nome era Haggon. Mais tarde perguntara a si próprio porque lhe teria *aquele* nome subido aos lábios, entre todos os que poderia ter escolhido. *Comi-lhe o coração e bebi-lhe o sangue, e ainda me assombra.*

Um dia, enquanto fugiam, um cavaleiro chegou a galope pela floresta num esquálido cavalo branco, gritando que se deviam todos dirigir para o Guadeleite, que o Chorão estava a reunir guerreiros para atravessar a Ponte das Caveiras e tomar Torre Sombria. Muitos seguiram-no; mais não o fizeram. Mais tarde, um guerreiro severo vestido de peles e âmbar andara de fogueira em fogueira, incentivando todos os sobreviventes a rumarem a norte e a refugiarem-se no vale dos Thenn. Varamyr nunca soubera porque pensaria o homem que estariam lá a salvo quando os próprios Thenn tinham fugido desse local, mas foram centenas os que o seguiram. Mais centenas partiram com a bruxa da floresta que tinha tido uma visão de uma frota de navios que viria levar o povo livre para sul.

— Temos de ir à procura do mar — gritara a Mãe Toupeira, e os seus seguidores viraram-se para leste.

Varamyr podia ter estado entre eles, se tivesse mais força. Mas o mar era cinzento, frio e distante, e sabia que nunca viveria o suficiente para o ver. Estava nove vezes morto e a morrer, e aquela seria a sua morte verdadeira. *Um manto de pele de esquilo, recordou, ele apunhalou-me por um manto de pele de esquilo.*

A dona do manto estava morta, com a nuca esmagada até se transformar em polpa rubra salpicada de fragmentos de osso, mas o manto parecia quente e grosso. Estava a nevar, e Varamyr perdera os seus mantos junto da Muralha. As suas peles para dormir e a roupa de baixo de lã, as botas de pele de ovelha e as luvas forradas a pele, a sua reserva de hidromel e de comida açambarcada, as madeixas de cabelo que tirava às mulheres com que se deitava, até as braçadeiras em ouro que Mance lhe dera, tudo perdido e deixado para trás. *Ardi e morri, e depois fugi, meio louco de dor e terror.* A recordação ainda o envergonhava, mas não estivera só. Outros tinham também fugido, centenas deles, milhares. *A batalha estava perdida. Os cavaleiros tinham chegado, invencíveis no seu aço, matando todos os que ficaram para lutar. Foi fugir ou morrer.*

Mas não era assim tão fácil fazer com que a morte ficasse para trás. E assim, quando Varamyr deparara com a morta na floresta, ajoelhara para lhe despir o manto, e só vira o rapaz quando ele saltara do esconderijo para lhe enfiar a longa faca de osso no flanco e lhe arrancar o manto dos dedos que o agarravam.

— Da mãe dele — dissera-lhe Thistle mais tarde, depois do rapaz fugir. — Era o manto da mãe dele, e quando te viu a roubá-la...

— Ela estava morta — dissera Varamyr, crispando-se quando a agulha de osso da mulher lhe perfurara a pele. — Alguém lhe esmagou a cabeça. Um corvo qualquer.

— Não foi um corvo. Foram homens de Cornopé. Eu vi. — A agulha dela fechara o profundo golpe que ele tinha no flanco. — Selvagens, e quem resta para os domar? — *Ninguém. Se Mance está morto, o povo livre está condenado.* Os Thenn, os gigantes e os homens de Cornopé, os cavernícolas com os seus dentes limados e os homens da costa ocidental com as suas quadrigas de osso... todos estavam também condenados. Até os corvos. Eles podiam ainda não saber, mas aqueles bastardos cobertos de negro morreriam com os outros. O inimigo vinha aí.

A voz rude de Haggon ecoou-lhe na cabeça.

— Vais morrer uma dúzia de mortes, rapaz, e todas elas doerão... mas quando chegar a tua morte verdadeira voltarás a viver. Dizem que a segunda vida é mais simples e mais doce.

Varamyr Seis-Peles conheceria bem depressa a verdade que naquilo haveria. Conseguia saborear a sua morte verdadeira no fumo que pairava, acre, no ar, sentia-a no calor sob os dedos quando enfiava a mão por baixo da roupa para tocar o ferimento. Mas também tinha em si o gelo, bem fundo nos ossos. Daquela vez seria o frio que o mataria.

A última morte fora pelo fogo. *Ardi.* A princípio, na sua confusão, julgara que um arqueiro qualquer na Muralha o trespassara com uma seta em chamas... mas o fogo estivera *dentro* dele, consumindo-o. E a dor...

Varamyr morrera antes nove mortes. Morrera uma vez de uma estocada com uma lança, uma vez com os dentes de um urso na garganta, e uma vez numa torrente de sangue ao dar à luz uma cria morta. Morrera a primeira morte quando tinha apenas seis anos, quando o machado do pai arremetera através do seu crânio. Nem essa fora tão agonizante como o fogo nas entranhas, crepitando ao longo das suas asas, devorando-o. Quando tentara afastar-se dele a voar, o terror atizara as chamas e fizera-as arder mais quentes. Num momento estivera a pairar sobre a Muralha, observando com os seus olhos de águia os movimentos dos homens lá em baixo. E no seguinte as chamas tinham-lhe transformado o coração num carvão enegrecido e enviara-lhe o espírito, aos gritos, de volta para a própria pele, e durante um curto espaço de tempo enlouquecera. Até a memória bastava para o fazer estremecer.

Foi então que reparou que o fogo se lhe apagara.

Só restava um emaranhado cinzento e negro de madeira carboniza-

da, com algumas brasas a brilhar entre as cinzas. *Ainda há fumo, só precisa de lenha.* Cerrando os dentes contra a dor, Varamyr rastejou até à pilha de ramos partidos que Thistle reunira antes de ir caçar, e atirou alguns paus para as cinzas.

— Pega — rosnou. — *Arde.* — Soprou as brasas e dirigiu uma prece sem palavras aos deuses sem nome da floresta, das colinas e dos campos.

Os deuses não deram resposta. Passado algum tempo, o fumo também deixou de subir. A pequena cabana já estava a ficar mais fria. Varamyr não tinha pederneira, não tinha acendalhas, não tinha gravetos secos. Nunca conseguiria voltar, sozinho, a pôr a fogueira a arder.

— Thistle — gritou, com a voz rouca e debruada de dor. — *Thistle!*

O queixo dela era pontiagudo e o nariz achatado, e numa bochecha tinha um sinal do qual cresciam quatro pelos escuros. Uma cara feia e dura, mas teria dado muito para a ver à porta da cabana. *Devia tê-la capturado antes de sair.* Partira há quanto tempo? Dois dias? Três? Varamyr não tinha certeza. Estava escuro dentro da cabana, e estivera a derivar entre o sono e a vigília, sem nunca saber bem se seria dia ou noite lá fora.

— Espera — dissera ela. — Eu volto com comida. — E ele, como um idiota, esperara, sonhando com Haggon e Bossa e todas as maldades que cometera na sua longa vida, mas tinham-se passado dias e noites e Thistle não regressara. *Ela não vai voltar.* Varamyr perguntou a si próprio se se teria denunciado. Seria ela capaz de compreender o que ele estava a pensar só por o olhar, ou teria ele murmurado no seu sonho febril?

*Abominação,* ouviu Haggon a dizer. Era quase como se estivesse ali, precisamente naquela sala.

— Ela é só uma feia esposa de lanças qualquer — disse-lhe Varamyr. — Eu sou um grande homem. Sou Varamyr, o *warg*, o troca-peles, não está certo que ela viva e eu morra. — Ninguém respondeu. Não havia ninguém ali. Thistle desaparecera. Abandonara-o, tal como todos os outros.

A sua própria mãe também o abandonara. *Ela chorou por Bossa, mas nunca chorou por mim.* Na manhã em que o pai o arrancara da cama para o entregar a Haggon, ela nem sequer quisera olhá-lo. Guinchara e esperneara enquanto era arrastado para a floresta, até que o pai o esbofeteara e lhe dissera para se calar.

— O teu lugar é com os da tua laia — fora tudo o que dissera, quando o atirara ao chão aos pés de Haggon.

*Ele não estava errado,* pensou Varamyr, tremendo. *Haggon ensinou-me muito e mais ainda. Ensinou-me como caçar e pescar, como cortar uma carcaça e amanhoar um peixe, como me orientar na floresta. E ensinou-me os costumes dos wargs e os segredos dos troca-peles, embora o meu dom fosse mais forte do que o dele.*

Anos mais tarde, tentara encontrar os pais, para lhes dizer que o seu Grumo se transformara no grande Varamyr Seis-Peles, mas ambos estavam mortos e queimados. *Tinham partido para as árvores e ribeiros, para as rochas e a terra. Tinham partido para o pó e as cinzas.* Tinha sido isso que a bruxa da floresta dissera à mãe no dia em que Bossa morrera. Grumo não quisera ser um torrão de terra. O rapaz sonhara com um dia em que os bardos cantariam sobre os seus feitos e raparigas bonitas o beijariam. *Quando crescer, serei o Rei-para-lá-da-Muralha,* prometera Grumo a si próprio. Nunca o fora, mas chegara perto. Varamyr Seis-Peles era um nome que os homens temiam. Cavalgava para a batalha sobre o dorso de uma ursa das neves com quatro metros de altura, tinha três lobos e um gato-das-sombras como servos e sentava-se à direita de Mance Rayder. *Foi Mance quem me trouxe para este sítio. Não lhe devia ter dado ouvidos. Devia ter-me enfiado dentro da minha ursa e devia tê-lo feito em bocados.*

Antes de Mance, Varamyr Seis-Peles fora uma espécie de senhor. Vivia sozinho num palácio de musgo e lama e troncos cortados que fora em tempos de Haggon, servido pelos seus animais. Uma dúzia de aldeias prestava-lhe homenagem em pão, sal e cidra, oferecendo-lhe fruta dos seus pomares e legumes dos seus jardins. A carne, era ele próprio que a obtinha. Sempre que desejava uma mulher, mandava o gato-das-neves persegui-la, e qualquer rapariga sobre a qual deitava o olho seguiria docilmente para a sua cama. Algumas vinham a chorar, sim, mas mesmo assim vinham. Varamyr entregava-lhes a sua semente, tirava-lhes uma madeixa de cabelo para as recordar, e mandava-as de volta. De tempos a tempos, um qualquer herói de aldeia aparecia de lança na mão para matar o *warg* e salvar uma irmã ou uma amante ou uma filha. A esses, matava, mas nunca fazia mal às mulheres. A algumas até abençoava com filhos. *Porcarias. Coisas pequenas, insignificantes, como o Grumo, e nenhum com o dom.*

O medo pô-lo em pé, entontecido. Agarrando-se ao flanco para estancar o fluxo de sangue do ferimento, Varamyr cambaleou até à porta e afastou a pele esfarrapada que a cobria para enfrentar uma muralha de branco. *Neve.* Não admirava que tivesse ficado tão escuro e enfumarado lá dentro. O nevão enterrara a cabana.

Quando Varamyr a empurrou, a neve desabou e cedeu, ainda mole e húmida. Lá fora, a noite estava branca como a morte; pálidas nuvens finas dançavam ao serviço de uma lua prateada, enquanto mil estrelas observavam friamente. Conseguia ver as formas corcovadas de outras cabanas enterradas sob montes de neve acumulados pelo vento, e atrás delas a sombra clara de um represeiro couraçado de gelo. Para sul e oeste, as colinas eram uma vasta região selvagem e branca onde nada se movia exceto a neve cegante.

— Thistle — chamou debilmente Varamyr, perguntando a si próprio até quão longe ela podia ter ido. — *Thistle. Mulher. Onde estás?*

Longe, um lobo uivou.

Um arrepio percorreu Varamyr. Conhecia tão bem aquele uivo como Grumo conhecera em tempos a voz da mãe. Um-Olho. Era o mais velho dos seus três, o maior, o mais feroz. Furtivo era mais esguio, mais rápido, mais novo, Matreira mais astuciosa, mas ambos tinham medo de Um-Olho. O velho lobo era destemido, implacável, selvagem.

Varamyr perdera o controlo dos seus outros animais na agonia da morte da águia. O gato-das-sombras corraera para a floresta, enquanto a urso das neves virara as garras contra aqueles que a rodeavam, desfazendo quatro homens antes de cair vítima de uma lança. Teria matado Varamyr se ele tivesse surgido ao seu alcance. A urso odiava-o, enfurecera-se de todas as vezes que ele usara a sua pele ou lhe subira para o dorso.

Mas os lobos...

*Os meus irmãos. A minha alcateia.* Em muitas noites frias dormira com os seus lobos, com os corpos hirsutos dos animais empilhados à sua volta para ajudar a mantê-lo quente. *Quando eu morrer, banquetear-se-ão com a minha carne e deixarão só ossos para saudar o degelo quando a primavera chegar.* A ideia era estranhamente reconfortante. Os seus lobos tinham caçado muitas vezes para ele enquanto deambulavam pela floresta; parecia plenamente adequado que os alimentasse no fim. Podia perfeitamente dar início à sua segunda vida rasgando a carne morta e morna do próprio cadáver.

Os cães eram os animais mais simples para criar um vínculo; viviam tão perto dos homens que eram quase humanos. Deslizar para dentro da pele de um cão era como calçar uma bota velha, com o couro amolecido pelo uso. Assim como uma bota tinha a forma certa para receber um pé, um cão tinha-a certa para aceitar uma coleira, mesmo uma coleira que nenhum olho humano conseguisse ver. Os lobos eram mais difíceis. Um homem podia travar amizade com um lobo, podia mesmo quebrar um lobo, mas nenhum homem conseguiria realmente *domar* um lobo.

— Os lobos e as mulheres casam para a vida — dizia Haggon com frequência. — Se te ligas a um, é um casamento. O lobo torna-se parte de ti desse dia em diante, e tu parte dele. Ambos mudarão.

Quanto aos outros animais, era melhor deixá-los em paz, declarara o caçador. Os gatos eram vaidosos e cruéis, sempre prontos para se virarem contra nós. Alces e veados eram presas; usando as peles deles durante demasiado tempo transformava até o mais corajoso dos homens num cobarde. Ursos, javalis, texugos, doninhas... Haggon não aprovava tais criaturas.

— Há algumas peles que nunca vais querer usar, rapaz. Não ias gostar daquilo em que te transformavas. — Segundo o que ele dizia, as aves eram as piores. — Os homens não estão destinados a abandonar a terra. Se passares demasiado tempo nas nuvens, nunca quererás voltar para baixo. Conheço troca-peles que experimentaram falcões, mochos, corvos. Mesmo nas suas próprias peles ficam aluados, de olhos fixos na porcaria do azul.

Contudo, nem todos os troca-peles sentiam o mesmo. Uma vez, quando tinha dez anos, Haggon levara-o a uma reunião de gente dessa. No grupo, os mais numerosos eram os *wargs*, os irmãos de lobos, mas o rapaz achara os outros mais estranhos e mais fascinantes. Borroq parecia-se tanto com o seu javali que só lhe faltavam as presas, Orell tinha a sua águia, Briar o seu gato-das-sombras (no momento em que os viu, Grumo desejou ter um gato-das-sombras seu), a mulher-cabra, Grisella...

Mas nenhum deles fora tão forte como Varamyr Seis-Peles, nem mesmo Haggon, alto e severo com as suas mãos duras como pedra. O caçador morrera a chorar depois de Varamyr lhe roubar Pelegris, afastando-o para reivindicar o animal para si. *Não há segunda vida para ti, velho*. Nessa época chamava a si próprio Varamyr Três-Peles. Pelegris somara a quarta, embora o velho lobo estivesse débil, quase desdentado e depressa tivesse seguido Haggon para a morte.

Varamyr conseguia capturar qualquer animal que desejasse, submetê-lo à sua vontade, tornar sua a sua carne. Cão ou lobo, urso ou texugo...

*Thistle*, pensou.

Haggon chamar-lhe-ia uma abominação, o mais negro pecado de todos, mas Haggon estava morto, devorado e queimado. Mance também o teria amaldiçoado, mas Mance fora assassinado ou capturado. *Nunca ninguém saberá. Serei Thistle, a esposa de lanças, e Varamyr Seis-Peles estará morto*. Calculava que o dom pereceria com o corpo. Podia libertar os seus lobos e viver o resto dos seus dias como uma mulher magricela e verrugosa... mas viveria. *Se ela voltar. Se ainda estiver suficientemente forte para a capturar*.

Uma vaga de tontura cobriu Varamyr. Deu por si de joelhos, com as mãos enterradas num monte de neve. Pegou numa mancheia de neve e encheu com ela a boca, esfregando-a através da barba e contra os lábios fendidos, sugando a humidade. A água estava tão fria que quase não conseguia obrigar-se a engolir, e de novo se apercebeu de como estava quente.

A neve derretida só o deixou com mais fome. Era por comida que a sua barriga ansiava, não por água. A neve tinha parado de cair, mas o vento estava a aumentar, enchendo o ar de cristais, esbofeteando-o no rosto en-

quanto lutava para ultrapassar a neve acumulada, com o ferimento no seu flanco a abrir-se e a voltar a fechar-se. A sua respiração gerava uma nuvem branca e irregular. Quando chegou ao represeiro, descobriu um ramo caído suficientemente longo para usar como muleta. Apoiando-se pesadamente nele, cambaleou na direção da cabana mais próxima. Era possível que os aldeões se tivessem esquecido de alguma coisa quando fugiram... uma saca de maçãs, alguma carne seca, qualquer coisa para o manter vivo até ao regresso de Thistle.

Estava quase lá quando a muleta se partiu sob o seu peso e as pernas cederam por baixo do corpo.

Varamyr não poderia dizer quanto tempo esteve ali estatelado, com o sangue a avermelhar a neve. *A neve enterrar-me-á.* Seria uma morte pacífica. *Dizem que nos sentimos quentes perto do fim, quentes e sonolentos.* Seria bom voltar a sentir-se quente, embora o entristecesse pensar que agora nunca veria as terras verdes, as terras quentes para lá da Muralha sobre as quais Mance costumava cantar.

— O mundo para lá da Muralha não é para a nossa espécie de gente — costumava Haggon dizer. — O povo livre teme os troca-peles, mas também nos prestam honrarias. A sul da Muralha, os ajoelhadores perseguem-nos e massacram-nos como se fôssemos porcos.

*Tu avisaste-me,* pensou Varamyr, *mas também foste tu que me mostraste Atalaialeste.* Não podia ter tido mais do que dez anos. Haggon trocara uma dúzia de fios de âmbar e um trenó carregado com uma grande pilha de peles por seis odres de vinho, um bloco de sal e uma panela de cobre. Atalaialeste era um sítio melhor para comerciar do que Castelo Negro; era aí que os navios chegavam, carregados de bens vindos das terras lendárias do outro lado do mar. Os corvos sabiam que Haggon era caçador e amigo da Patrulha da Noite, e recebiam bem as notícias que ele trazia sobre a vida para lá da sua Muralha. Alguns também sabiam que era um troca-peles, mas disso ninguém falava. Fora aí, em Atalaialeste-do-Mar, que o rapaz que ele fora começara a sonhar com o quente sul.

Varamyr conseguia sentir os flocos de neve a derreter na testa. *Isto não é tão mau como arder. Deixai-me dormir e nunca acordar, deixai-me dar início à minha segunda vida.* Os seus lobos estavam agora próximos. Conseguia senti-los. Deixaria a sua débil carne para trás, tornar-se-ia uno com eles, passando a noite a caçar e uivando à Lua. O *warg* transformar-se-ia num verdadeiro lobo. *Mas em qual?*

Em Matreira não. Haggon teria chamado abominação a isso, mas Varamyr enfiara-se frequentemente na pele dela enquanto a loba estava a ser montada por Um-Olho. Contudo, não queria passar a sua nova vida como uma loba, a menos que não tivesse outra hipótese. Furtivo, o macho mais

novo, poderia servir-lhe melhor... se bem que Um-Olho fosse maior e mais feroz e fosse Um-Olho quem montava Matreira sempre que ela entrava em cio.

— Dizem que se esquece — dissera-lhe Haggon, algumas semanas antes da sua morte. — Quando a carne do homem morre, o seu espírito continua a viver dentro do animal, mas a memória vai-se desvanecendo todos os dias, e o animal torna-se um pouco menos um *warg*, um pouco mais um lobo, até que nada reste do homem e só fique a fera.

Varamyr sabia que aquilo era verdade. Quando reclamara para si a águia que fora de Orell, conseguira sentir o outro troca-peles a enfurecer-se com a sua presença. Orell tinha sido morto pelo corvo vira-mantos Jon Snow, e o ódio que sentia pelo seu assassino fora tão forte que Varamyr dera por si a odiar também o rapaz. Compreendera o que Snow era no momento em que vira aquele grande lobo gigante branco a caminhar em silêncio a seu lado. Um troca-peles era sempre capaz de detetar outro. *O Mance devia ter-me deixado capturar o lobo gigante. Aí estaria uma segunda vida digna de um rei.* Podê-lo-ia ter feito, não duvidava. O dom era forte em Snow, mas o jovem não fora ensinado e ainda combatia a sua natureza quando devia ter exultado com ela.

Varamyr conseguia ver os olhos vermelhos do represeiro a fitá-lo do tronco branco. *Os deuses estão a avaliar-me.* Foi percorrido por um arrepio. Fizera coisas más, coisas terríveis. Roubara, matara, violara. Empanturrara-se de carne humana e lambera o sangue de moribundos enquanto ele jorrava rubro e quente das gargantas rasgadas. Perseguiu inimigos através dos bosques, caíra sobre eles enquanto dormiam, rasgara-lhes as barrigas fazendo sair as entranhas, e espalhara-as pela terra lamacenta. *Que bem soube a carne deles.*

— Isso foi o animal, não eu — disse num sussurro rouco. — Isso foi o dom que me concedestes.

Os deuses não responderam. A sua respiração pairou pálida e brumosa no ar. Conseguia sentir gelo a formar-se-lhe na barba. Varamyr Seis-Peles fechou os olhos.

Sonhou um velho sonho sobre uma choupana junto ao mar, três cães a ganir, lágrimas de uma mulher.

*Bossa. Ela chora por Bossa, mas nunca chorou por mim.*

Grumo nascera um mês antes do tempo próprio, e estava tantas vezes doente que ninguém esperava que sobrevivesse. A mãe esperara até ele ter quase quatro anos para lhe dar um nome como devia ser, e por essa altura era tarde demais. Toda a aldeia se habituara a chamar-lhe Grumo, o nome que a irmã Meha lhe dera quando ainda estava na barriga da mãe. Meha também dera o nome a Bossa, mas o irmãozinho de Grumo nascera no

tempo próprio, grande, vermelho e robusto, sugando avidamente as tetas da mãe. Ela ia dar-lhe o nome do pai. *Mas ele morreu. Morreu quando tinha dois anos e eu seis, três dias antes do dia do seu nome.*

— O teu pequenino está agora com os deuses — dissera a bruxa da floresta à mãe enquanto ela chorava. — Nunca mais terá dores, nunca terá fome, nunca chorará. Os deuses levaram-no para a terra, para as árvores. Os deuses estão a toda a nossa volta, nas rochas e nos ribeiros, nas aves e nos animais. O teu Bossa foi juntar-se-lhes. Será o mundo e tudo o que existe no mundo.

As palavras da velha tinham trespassado Grumo como uma faca. *O Bossa vê. Está a observar-me. Ele sabe.* Grumo não se podia esconder dele, não se podia enfiar atrás das saias da mãe ou fugir com os cães para escapar à fúria do pai. *Os cães.* Rabo-Cortado, Farejo, Rosnã. *Eram bons cães. Eram meus amigos.*

Quando o pai encontrara os cães a farejar em volta do corpo de Bossa, não tivera maneira de saber qual deles o fizera, portanto, passara todos os três pelo machado. As mãos tremiam-lhe tanto que precisara de dois golpes para silenciar Farejo e quatro para abater Rosnã. O cheiro do sangue pairara, pesado, no ar, e os sons que os cães moribundos fizeram tinham sido terríveis de ouvir, mas mesmo assim Rabo-Cortado fora ter com ele quando o pai o chamara. Era o cão mais velho, e o treino sobrepusera-se nele ao terror. Quando Grumo deslizara para dentro da pele do cão era tarde demais.

*Não, pai, por favor,* tentara dizer, mas os cães não conseguem falar as línguas dos homens e, por isso, tudo o que saiu foi um ganido digno de dó. O machado abatera-se sobre o meio do crânio do velho cão, e dentro da choupana o rapaz deixara sair um grito. *Foi assim que eles souberam.* Dois dias mais tarde, o pai arrastara-o para a floresta. Trouxera o machado, e Grumo julgara que tencionava abatê-lo tal como fizera com os cães. Mas em vez disso, dera-o a Haggon.

Varamyr acordou de repente, com violência, com o corpo inteiro a tremer.

— Levanta-te — estava uma voz a gritar — levanta-te, temos de ir. Eles são centenas. — A neve cobria-o com uma manta rígida e branca. *Tão fria.* Quando tentou mover-se, descobriu que a mão congelara e se colara ao chão. Deixou alguma pele para trás quando a soltou. — Levanta-te — voltou ela a gritar — eles vêm *ai*.

Thistle regressara para junto dele. Agarrara-o pelos ombros e estava a sacudi-lo, gritando-lhe na cara. Varamyr conseguia cheirar-lhe o hálito e sentir o calor que ele trazia com bochechas adormecidas pelo frio. *Agora, pensou, fá-lo agora ou então morre.*

Convocou todas as forças que ainda havia em si, saltou para fora da sua própria pele, e forçou a entrada nela.

Thistle arqueou as costas e gritou.

*Abominação.* Seria ela, ele ou Haggon? Nunca soube. A sua velha carne voltou a cair no monte de neve quando os dedos dela se descontraíram. A esposa de lanças torceu-se com violência, aos guinchos. O gato-das-sombras de Varamyr costumava combatê-lo selvaticamente, e a urso das neves ficara meio louca durante algum tempo, tentando morder árvores, pedras e ar vazio, mas aquilo era pior.

— Sai, *sai!* — ouviu a sua própria boca de mulher a gritar. O corpo cambaleou, caiu e voltou a levantar-se, as pernas abanaram, as mãos sacudiram-se para aqui e para ali, numa dança grotesca qualquer, enquanto o seu espírito e o dela combatiam pela carne. Engoliu um gole de ar gélido, e Varamyr teve meio segundo para rejubilar com o sabor do ar e com a força daquele corpo jovem antes dos dentes dela se cerrarem com força e lhe encherem a boca de sangue. Ela levou as mãos à cara dele. Tentou empurrá-las de novo para baixo, mas as mãos não queriam obedecer, e ela pôs-se a esgatanhar-lhe os olhos. *Abominação*, recordou, afogando-se em sangue, dor e loucura. Quando tentou gritar, ela cuspiu a língua de ambos.

O mundo branco girou e caiu. Por um momento, foi como se estivesse dentro do represeiro, olhando através de olhos esculpido e vermelhos enquanto um moribundo se contorcia debilmente no chão e uma louca dançava, cega e ensanguentada, sob a Lua, chorando lágrimas vermelhas e rasgando a roupa. Depois ambos desapareceram e ele viu-se a subir, a derreter, com o espírito levado por um vento frio qualquer. Estava na neve e nas nuvens, era um pardal, um esquilo, um carvalho. Um bufo voou em silêncio por entre as suas árvores, caçando uma lebre; Varamyr estava dentro do bufo, dentro da lebre, dentro das árvores. Profundamente enterradas sob o chão gelado, minhocas escavavam cegamente na escuridão, e também era elas. *Sou a floresta, e tudo o que ela contém*, pensou, exultante. Uma centena de corvos levantou voo, crocitando ao senti-lo passar. Um grande alce trombeteou, perturbando as crianças que se lhe agarravam ao dorso. Um lobo gigante adormecido ergueu a cabeça para rosar ao ar vazio. Antes que os corações de todos eles tivessem tempo de voltar a bater, já ele tinha passado, procurando os seus, procurando Um-Olho, Matreira e Furtivo, procurando a alcateia. Disse a si próprio que os seus lobos o salvariam.

Esse foi o seu último pensamento enquanto homem.

A morte verdadeira chegou de súbito; sentiu um choque de frio, como se tivesse sido mergulhado nas águas geladas de um lago congelado. Depois deu por si a correr por neves iluminadas pelo luar com os companheiros de

alcateia logo atrás de si. Metade do mundo estava escuro. *Um-Olho*, compreendeu. Soltou um latido e Matreira e Furtivo serviram-lhe de eco.

Quando chegaram ao cume, os lobos fizeram uma pausa. *Thistle*, recordou, e uma parte de si sentiu dor por aquilo que perdera, e outra parte pelo que fizera. Em baixo, o mundo transformara-se em gelo. Dedos de geadas subiam lentamente pelo represeiro, tentando alcançarem-se uns aos outros. A aldeia vazia já não estava vazia. Sombras de olhos azuis caminhavam por entre os montes de neve. Algumas usavam roupa castanha, algumas preta e algumas estavam nuas, com a pele tornada branca como neve. Um vento suspirava pelas colinas, pesado com os seus odores: carne morta, sangue seco, peles que fediam a bafio e podridão e urina. Matreira rosnou e arreganhou os dentes, com a pelagem no cachaço a eriçar-se. *Não são homens. Não são presas. Aqueles não.*

As coisas lá em baixo mexiam-se, mas não viviam. Uma por uma, ergueram as cabeças para os três lobos na colina. A última a olhar foi a coisa que fora *Thistle*. Usava lã, peles e couro, e por cima disso usava uma cobertura de geadas que crepitava quando se mexia e cintilava ao luar. Pálidos pingentes rosados pendiam das pontas dos seus dedos, dez longas facas de sangue congelado. E nos poços onde os seus olhos tinham estado, uma luz azul clara estava a tremeluzir, emprestando às suas feições rudes uma beleza fantasmagórica que nunca tinham conhecido em vida.

*Ela vê-me.*

## TYRION

Atravessou o mar estreito a beber.

O navio era pequeno, a sua cabina mais pequena ainda, mas o capitão não queria deixá-lo subir ao convés. O balançar da coberta sob os pés deixava-lhe o estômago agitado, e a maldita comida sabia ainda pior quando voltava para cima num vômito. Mas para que queria ele carne de vaca salgada, queijo duro e pão repleto de vermes quando tinha vinho com que se nutrir? Era tinto e amargo, muito forte. Às vezes também vomitava o vinho, mas havia sempre mais.

— O mundo está cheio de vinho — resmungou na humidade fria da cabina. O pai nunca quisera bêbados para nada, mas que importava isso? O pai estava morto. Fora ele que o matara. *Um dardo na barriga, senhor, e todo para vós. Se eu fosse melhor com uma besta teria trespassado essa picha com que me fizeste, bastardo dum raio.*

Abaixo do convés não havia nem noite nem dia. Tyrion contava o tempo pelas idas e vindas do criado de bordo que trazia as refeições que não comia. O rapaz trazia sempre também uma escova e um balde, para limpar.

— Isto é vinho de Dorne? — perguntara-lhe Tyrion uma vez, enquanto destapava um odre. — Faz-me lembrar uma certa serpente que conheço. Um tipo engraçado, até que uma montanha lhe caiu em cima.

O criado de bordo não respondeu. Era um rapaz feio, embora Tyrion admitisse que era mais bem parecido do que um certo anão com meio nariz e uma cicatriz do olho ao queixo.

— Ofendi-te? — perguntara Tyrion, enquanto o rapaz escovava. — Ordenaram-te para não falares comigo? Ou será que algum anão te vingarizou a mãe? — aquilo também não obteve resposta. — Para onde nos dirigimos? Diz-me isso. — Jaime mencionara as Cidades Livres, mas não chegara a dizer qual delas. — É Bravos? Tyrosh? Myr? — Tyrion teria preferido ir para Dorne. *Myrcella é mais velha do que Tommen, pela lei dornesa o Trono de Ferro é seu. Vou ajudá-la a reclamar os seus direitos como o Príncipe Oberyng sugeriu.*

Mas Oberyng estava morto, com a cabeça esmagada até se transformar numa ruína sangrenta pelo punho couraçado de Sor Gregor Clegane. E sem a Víbora Vermelha para o instar a avançar, iria Doran Martell sequer pensar em pôr em prática um plano tão arriscado? *Em vez disso, pode acorrentar-me e devolver-me à minha querida irmã.* A Muralha poderia ser

mais segura. O Velho Urso Mormont dissera que a Patrulha da Noite tinha necessidade de homens como Tyrion. *Mas Mormont pode estar morto. Por esta altura pode ser Slynt o Senhor Comandante.* Não era provável que aquele filho de carneiro se tivesse esquecido de quem o enviara para a Muralha. *Quererei mesmo passar o resto da vida a comer carne de vaca salgada e papas de aveia com assassinos e ladrões?* Não que o resto da sua vida fosse durar muito. Janos Slynt trataria disso.

O criado de bordo molhou a escova e continuou a esfregar intrepidamente.

— Alguma vez visitaste as casas de prazer de Lys? — inquiriu o anão. — Poderá ser para aí que as rameiras vão? — Tyrion não parecia capaz de recordar a palavra valiriana para rameira, e fosse como fosse era tarde demais. O rapaz voltou a atirar a escova para dentro do balde e retirou-se.

*O vinho enevoou-me o espírito.* Aprendera a ler alto valiriano ainda muito novo, se bem que aquilo que falavam nas Nove Cidades Livres... bem, não era tanto um dialeto, mas nove dialetos a caminho de se transformarem em línguas separadas. Tyrion sabia algum bravosiano e tinha umas noções de myrano. Em tyroshi podia ser capaz de amaldiçoar os deuses, chamar batoteiro a um homem e pedir uma cerveja, graças a um mercenário que conhecera em tempos no Rochedo. *Pelo menos em Dorne falam o idioma comum.* Tal como acontecia com a comida dornesa e a lei de Dorne, a fala dornesa era temperada com os sabores de Roine, mas um homem compreendia-a. *Dorne, sim, para mim é Dorne.* Gatinhou para o beliche, agarrando-se a essa ideia como uma criança a uma boneca.

O sono nunca chegara facilmente para Tyrion Lannister. A bordo daquele navio raramente chegava de todo, embora de vez em quando conseguisse beber vinho suficiente para desmaiar durante algum tempo. Pelo menos, não sonhava. Já sonhara o suficiente para uma pequena vida. *E com tolices tão grandes: amor, justiça, amizade, glória. Mais valia sonhar com ser alto.* Tyrion sabia agora que tudo aquilo estava fora do seu alcance. Mas não sabia para onde iam as rameiras.

— Onde quer que as rameiras vão — dissera o pai. *As suas últimas palavras, e que palavras elas foram.* A besta soltara um *tuang*, o Lorde Tywin voltara a sentar-se, e Tyrion Lannister dera por si a bambolear-se pelas trevas com Varys a seu lado. Devia ter voltado a descer a chaminé, duzentos e trinta degraus até ao local onde brasas cor de laranja brilhavam na boca de um dragão de ferro. Não se lembrava de nada disso. Só do som que a besta fizera, e do fedor das tripas do pai a abrirem-se. *Até na morte arranjou maneira de cagar em mim.*

Varys acompanhara-o pelos túneis, mas não falaram até saírem junto à Água Negra, onde Tyrion conquistara uma vitória famosa e perdera um

nariz. Fora então que o anão se virara para o eunuco e dissera “Matei o meu pai,” no mesmo tom que um homem poderia usar para dizer “Dei uma topada com o pé.”

O mestre dos murmúrios estivera vestido como um irmão mendicante, trajando uma túnica castanha de tecido grosseiro comido pelas traças, com um capuz que lhe ensombrava as bochechas lisas e gordas e a cabeça careca e redonda.

— Não devíeis ter subido aquela escada — dissera, numa censura.

— Onde quer que as rameiras vão. — Tyrion avisara o pai para não dizer aquela palavra. *Se não tivesse disparado, ele teria visto que as minhas ameaças eram ocas. Ter-me-ia tirado a besta das mãos, como um dia me tirou Tysha dos braços. Estava a levantar-se quando o matei.*

— Também matei Shae — confessara a Varys.

— Sabíeis o que ela era.

— Sabia. Mas nunca soube o que ele era.

Varys soltara um risinho sufocado.

— E agora sabeis.

*Também devia ter matado o eunuco.* Um pouco mais de sangue nas mãos, que importaria? Não sabia dizer o que lhe detivera o punhal. Não fora gratidão. Varys salvara-o da espada de um carrasco, mas só porque Jaime o forçara a isso. *Jaime... não, é melhor não pensar em Jaime.*

Em vez disso, encontrou um odre novo de vinho, e pôs-se a chupá-lo como se fosse o seio de uma mulher. O tinto amargo escorreu-lhe pelo queixo abaixo e ensopou-lhe a túnica porca, a mesma que usara na cela. A coberta estava a oscilar sob os seus pés e, quando tentou levantar-se, ela ergueu-se para o lado e atirou-o com força contra uma antepara. *Uma tempestade, compreendeu, ou então estou ainda mais bêbado do que pensava.* Vomitou o vinho e ficou algum tempo deitado em cima dele, perguntando a si próprio se o navio se afundaria. *É esta a tua vingança, pai? O Pai no Céu fez de ti sua Mão?*

— Tais são as recompensas daquele que mata parentes — disse enquanto o vento uivava lá fora. Não parecia justo afogar o criado de bordo, o capitão e todos os outros por algo que ele fizera, mas quando teriam os deuses sido justos? E mais ou menos por essa altura, a escuridão engoliu-o.

Quando voltou a despertar, sentia a cabeça pronta a rebentar e o navio rodopiava descrevendo círculos entontecedores, embora o capitão insistisse que tinham chegado ao porto. Tyrion disse-lhe para se calar, e esperneou debilmente quando um enorme marinheiro calvo o enfiou debaixo de um braço e o levou a contorcer-se para o porão, onde uma pipa vazia de vinho o aguardava. Era uma pipazinha atarracada, e era apertada mesmo para um anão. Tyrion mijou-se enquanto se debatia, embora nada tivesse lucrado

com isso. Foi espremido para dentro da pipa com a cara para baixo e os joelhos foram-lhe empurrados contra as orelhas. O toco do nariz dava-lhe uma comichão horrível, mas os braços estavam tão apertados que não conseguia erguer a mão para o coçar. *Um palanquim adequado a um homem da minha envergadura*, pensou enquanto fechavam a tampa à martelada. Conseguiu ouvir vozes a gritar quando foi içado. Cada sacudidela atirava-lhe a cabeça contra o fundo da pipa. O mundo pôs-se a rodopiar quando a pipa rolou para baixo, e depois parou com um estrondo que lhe deu vontade de gritar. Outra pipa colidiu com a sua, e Tyrion mordeu a língua.

Aquela foi a mais longa viagem que fez na vida, embora não pudesse ter durado mais de meia hora. Foi erguido e baixado, rolado e empilhado, virado de pernas para o ar, endireitado e rolado de novo. Através das aduelas de madeira ouvia homens a gritar, e uma vez um cavalo relinchou ali perto. Começou a sentir câibras nas pernas atrofiadas, e em breve elas doíam tanto que se esqueceu do martelar na sua cabeça.

Tudo terminou como começara, com outro rodopio que o deixou tonto e mais sacolejos. Lá fora, vozes de estranhos estavam a falar numa língua que não conhecia. Alguém começou a bater no topo da pipa e a tampa abriu-se de repente. O interior foi inundado por luz e também por ar fresco. Tyrion arquejou avidamente e tentou levantar-se, mas só conseguiu fazer a pipa cair de lado e derramar-se para cima de um chão de terra batida.

Acima dele erguia-se um gordo grotesco com uma barba bifurcada amarela, que tinha nas mãos um malho de madeira e um escopro de ferro. O roupão que trazia vestido era suficientemente grande para ser usado como pavilhão de torneio, mas o cinto mal atado tinha-se desatado, expondo uma enorme barriga branca e um par de pesados seios que pendiam como sacas de sebo cobertas de pelos amarelos e pouco densos. Fez lembrar a Tyrion um manatim morto que dera um dia à costa nas cavernas sob o Rochedo Casterly.

O gordo olhou para baixo e sorriu.

— Um anão bêbado — disse, no idioma comum de Westeros.

— Um manatim putrefacto. — A boca de Tyrion estava cheia de sangue. Cuspiu-o aos pés do gordo. Estavam numa longa adega mal iluminada, de teto arqueado, com paredes de pedra manchadas de salitre. Pipas de vinho e cerveja rodeavam-nos, bebida mais do que suficiente para fazer companhia a um anão sedento durante a noite. *Ou durante uma vida.*

— Sois insolente. Gosto disso num anão. — Quando o gordo se riu, a sua carne sacolejou com tal vigor que Tyrion teve medo que o outro caísse e o esmagasse. — Tendes fome, meu amiguinho? Estais cansado?

— Tenho sede. — Tyrion pôs-se de joelhos com dificuldade. — E estou imundo.

O gordo farejou-o.

— Um banho primeiro, isso mesmo. Depois comida e uma cama macia, sim? Os meus criados tratarão disso. — O anfitrião de Tyrion pôs de lado o malho e o escopro. — A minha casa é vossa. Qualquer amigo do meu amigo do outro lado do mar é um amigo de Illyrio Mopatis, sim.

*Qualquer amigo de Varys, a Aranha, é alguém em que eu confiarei só até onde o possa atirar.*

Contudo, o gordo cumpriu a promessa do banho. Assim que Tyrion entrou e se baixou na água quente, fechou os olhos e adormeceu profundamente. Acordou nu sobre um colchão de penugem de ganso, tão suave que se sentiu como se tivesse sido engolido por uma nuvem. Sentia a língua a saber a papéis de música e a garganta em carne viva, mas tinha a picha tão dura como uma barra de ferro. Rolou para fora da cama, descobriu um penico e começou a enchê-lo, com um gemido de prazer.

O quarto estava obscurecido, mas havia barras de luz amarela a ver-se entre as ripas das portadas. Tyrion sacudiu as últimas gotas e meneou-se por cima dos padrões de tapetes de Myr tão suaves como erva nova de primavera. Desajeitadamente, trepou para cima do banco de janela e escancarou as portadas para ver para onde Varys e os deuses o tinham enviado.

Sob a sua janela, seis cerejeiras estavam de sentinela em volta de uma piscina de mármore, com ramos esguios despídos e castanhos. Um rapaz nu estava na água, em pose de duelo, com uma lâmina de espadachim na mão. Era ágil e bem-parecido e não teria mais de dezasseis anos, com um cabelo louro e liso que lhe roçava pelos ombros. Parecia tão natural que o anão precisou de um longo momento para se aperceber de que era feito de mármore pintado, embora a espada cintilasse como aço verdadeiro.

Atrás da piscina erguia-se um muro de tijolo com três metros e meio de altura e espigões de ferro ao longo do topo. Atrás do muro ficava a cidade. Um mar de telhados de telha aglomerava-se apertadamente em volta de uma baía. Viu torres quadradas de tijolo, um grande templo vermelho, uma mansão distante no topo de uma colina. Na distância longínqua, a luz do sol cintilava em águas profundas. Barcos de pesca moviam-se pela baía, com as velas a ondular ao vento, e Tyrion conseguia ver os mastros de navios maiores a espetarem-se ao longo da costa. *Certamente haverá algum com rumo a Dorne, ou a Atalaialeste-do-Mar.* Mas não tinha meios para pagar a passagem, e não era feito para puxar um remo. *Suponho que me podia alistar como criado de bordo e ganhar a passagem deixando a tripulação enrabar-me de um lado ao outro do mar estreito.*

Perguntou a si próprio onde estaria. *Aqui até o ar tem um cheiro diferente.* Estranhas especiarias aromatizavam o vento gélido de outono, e ou-

via gritos ténues a pairar por sobre o muro, vindos das ruas mais adiante. Soavam algo semelhantes ao valiriano, mas não reconhecia mais do que uma palavra em cinco. *Não é Bravos*, concluiu, *nem Tyrosh*. Aqueles ramos nus e o frio no ar também argumentavam contra Lys, Myr e Volantis.

Quando ouviu a porta a abrir-se atrás de si, Tyrion virou-se para enfrentar o seu gordo anfitrião.

— Isto é Pentos, não é?

— Precisamente. Que outro sítio seria?

*Pentos*. Bem, não era Porto Real, pelo menos isso podia dizer-se em prol do lugar.

— Para onde vão as rameiras? — ouviu-se a perguntar.

— Encontram-se aqui rameiras em bordéis, tal como em Westeros. Não tereis necessidade de tal, meu pequeno amigo. Escolhei de entre as minhas criadas. Nenhuma se atreverá a recusar-vos.

— Escravas? — perguntou o anão sem rodeios.

O gordo afagou uma das pontas da sua barba amarela e oleada, um gesto que Tyrion achou notavelmente obsceno.

— A escravatura é proibida em Pentos, segundo os termos do tratado que os bravosianos nos impuseram há cem anos. Mesmo assim, elas não vos recusarão. — Illyrio fez uma imponente meia vénia. — Mas agora o meu pequeno amigo terá de me dar licença. Tenho a honra de ser um magíster nesta grande cidade, e o príncipe convocou-nos para uma reunião. — Sorriu, mostrando uma boca cheia de dentes tortos e amarelos. — Explorai a mansão e a propriedade como quiserdes, mas em nenhum caso vagueeis para lá dos muros. É melhor que ninguém saiba que estivestes aqui.

— *Estive?* Fui a algum lado?

— Haverá tempo bastante para conversar sobre isso esta noite. O meu pequeno amigo e eu comeremos e beberemos e faremos grandes planos, sim?

— Sim, meu gordo amigo — respondeu Tyrion. *Ele pensa usar-me para lucro próprio*. Tudo se resumia a lucro com os príncipes mercadores das Cidades Livres. O senhor seu pai chamava-lhes “soldados das especiarias e senhores do queijo”, com desprezo. Se amanhecesse um dia em que Illyrio Mopatis visse mais lucro num anão morto do que num vivo, daria por si envasilhado noutra pipa de vinho ao pôr-do-sol. *Seria bom se me tivesse ido embora antes de esse dia chegar*. Não duvidava de que chegaria; não era provável que Cersei o esquecesse, e mesmo Jaime poderia ficar contrariado por descobrir um dardo na barriga do pai.

Um vento ligeiro estava a encrespar as águas da piscina, lá em baixo, a toda a volta do espadachim nu. Fez-lhe lembrar o modo como Tysha lhe passava a mão pelo cabelo durante a falsa primavera do seu casamento, an-

tes de Tyrion ajudar os guardas do pai a violá-la. Pensara nesses guardas durante a fuga, tentando lembrar-se de quantos tinham sido. Julgar-se-ia que se lembraria disso, mas não. Uma dúzia? Uma vintena? Uma centena? Não sabia dizer. Tinham sido todos homens feitos, altos e fortes... embora todos os homens fossem altos para um anão de treze anos. *Tysha sabia quantos eram.* Cada um lhe dera um veado de prata, de modo que só precisaria de contar as moedas. *Um de prata para cada um deles e um de ouro para mim.* O pai insistira que ele também lhe pagasse. *Um Lannister paga sempre as suas dívidas.*

— Onde quer que as rameiras vão — ouviu o Lorde Tywin dizer mais uma vez, e mais uma vez a corda da besta soltou um *tuang*.

O magíster convidara-o para explorar a mansão. Descobriu roupa limpa numa arca de cedro com embutidos de lápis-lazúli e madrepérola. Ao lutar por se enfiar na roupa, apercebeu-se de que fora feita para um rapazinho. Os tecidos eram bastante ricos, ainda que algo bafientos, mas o corte era longo demais nas pernas e demasiado curto nos braços, com um colarinho que lhe teria deixado a cara tão negra como a de Joffrey se tivesse arranjado maneira de o fechar. Traças também tinham andado a roê-la. *Pelo menos não fede a vômito.*

Tyrion deu início à exploração pela cozinha, onde duas mulheres gordas e um jovem latrineiro o observaram com prudência enquanto se servia de queijo, pão e figos.

— Bons dias para vós, belas senhoras — disse com uma vénia. — Sabeis para onde vão as rameiras? — Quando não responderam, repetiu a pergunta em alto valiriano, embora tivesse de dizer *cortesã* em vez de *rameira*. Dessa vez, a cozinheira mais jovem e mais gorda dirigiu-lhe um encolher de ombros.

Perguntou-se o que fariam elas se lhes pegasse nas mãos e as arrastasse para o seu quarto. *Nenhuma se atreverá a recusar-vos*, afirmara Illyrio, mas, por um motivo qualquer, parecia a Tyrion que ele não se referia àquelas duas. A mais nova era suficientemente velha para ser sua mãe, e a mais velha era provavelmente mãe *da outra*. Ambas eram quase tão gordas como Illyrio, com tetas maiores do que a sua cabeça. *Podia sufocar-me em carne.* Havia maneiras piores de morrer. A maneira como o senhor seu pai morrera, por exemplo. *Devia tê-lo obrigado a cagar um pouco de ouro antes de expirar.* O Lorde Tywin podia ter sido avaro com a sua aprovação e afeto, mas sempre fora um mãos-largas quando se tratava de dinheiro. *A única coisa mais digna de dó do que um anão sem nariz é um anão sem nariz que não tem nenhum ouro.*

Tyrion deixou as gordas com os seus rolos e painéis e foi à procura da adega onde Illyrio o decantara na noite anterior. Não foi difícil de achar.

Havia lá vinho suficiente para o manter bêbado durante cem anos; tintos doces da Campina e tintos amargos de Dorne, pálidos vinhos ambarinos de Pentos, o néctar verde de Myr, três vintenas de pipas de dourado da Árvore, até vinhos do fabuloso leste, de Qarth e Yi Ti e Asshai da Sombra. Por fim, Tyrion escolheu uma pipa de vinho-forte marcada como reserva particular do Lorde Runceford Redwyne, o avô do atual Senhor da Árvore. O sabor da bebida na sua língua era langoroso e capitoso, a cor era um púrpura tão escuro que parecia quase negro na adega mal iluminada. Tyrion encheu uma taça, e já agora também um jarro, e levou-os para os jardins, a fim de beber à sombra daquelas cerejeiras que vira.

Aconteceu-lhe sair pela porta errada e não chegar a descobrir a piscina que vira da janela, mas não se importou. Os jardins por trás da mansão eram igualmente agradáveis e muito mais extensos. Vagueou através deles por algum tempo, bebendo. Os muros teriam envergonhado qualquer castelo, e os espigões ornamentais de ferro ao longo do topo pareciam estranhamente despidos sem cabeças a adorná-los. Tyrion imaginou como ficaria a cabeça da irmã lá em cima, com alcatrão no cabelo dourado e moscas a entrar e a sair, a zumbir, da sua boca. *Sim, e Jaime deve ficar com o espigão ao lado dela*, decidiu. *Nunca ninguém se deve interpor entre o meu irmão e a minha irmã*.

Com uma corda e um arpéu podia conseguir ultrapassar aquele muro. Tinha braços fortes e não pesava muito. Devia ser capaz de trepar até ao outro lado, se não se empalasse num espigão. *Amanhã vou procurar uma corda*, decidiu.

Viu três portões durante as suas deambulações; a entrada principal, com a sua casa de portão, uma poterna junto dos canis, e um portão de jardim, oculto por trás de um emaranhado de trepadeiras claras. Este último estava acorrentado, os outros guardados. Os guardas eram rechonchudos, com caras tão lisas como o traseiro de um bebé, e cada um desses homens usava um capacete de bronze com espigão. Tyrion reconhecia eunucos quando os via. Conhecia aquela espécie de gente pela reputação. Nada temiam e não sentiam qualquer dor, segundo se dizia, e eram leais aos seus amos até à morte. *Podia dar bom uso a algumas centenas que fossem minhas*, refletiu. *Uma pena que não tivesse pensado nisso antes de me tornar pedinte*.

Caminhou ao longo de uma galeria provida de colunas, atravessou um arco de ponta em bico e deu por si num pátio enladrilhado onde uma mulher estava a lavar roupa num poço. Parecia ter a sua idade, e mostrava um cabelo ruivo sem brilho e uma cara larga salpicada de sardas.

— Queres um pouco de vinho? — perguntou-lhe. Ela olhou-o com incerteza. — Não tenho taça para ti, teremos de partilhar. — A lavadeira regressou à sua atividade de torcer túnicas e estendê-las a secar. Tyrion ins-

talou-se num banco de pedra com o jarro. — Diz-me, até que ponto deverei confiar no Magíster Illyrio? — O nome levou-a a erguer o olhar. — Até esse ponto? — Aos risinhos, cruzou as pernas atrofiadas e bebeu um gole. — Sinto aversão por desempenhar o papel que o queijeiro tem em mente para mim, seja ele qual for, mas como posso recusá-lo? Os portões estão guardados. Talvez possas fazer-me sair debaixo das tuas saias? Ficava tão grato, olha, até me casava contigo. Já tenho duas esposas, porque não três? Ah, mas onde viveríamos? — dirigiu-lhe o mais agradável sorriso que um homem com meio nariz conseguia arranjar. — Tenho uma sobrinha em Lançassolar, já te tinha dito? Podia fazer muitas travessuras em Dorne com Myrcella. Podia pôr a minha sobrinha e o meu sobrinho em guerra, não era engraçado? — a lavadeira pôs a secar uma das túnicas de Illyrio, suficientemente grande para também servir de vela. — Devia ter vergonha de ter pensamentos tão maldosos, tens toda a razão. Era melhor que procurasse a Muralha. Dizem que todos os crimes são limpos quando um homem se junta à Patrulha da Noite. Se bem que tema que não me deixassem ficar contigo, doçura. Não há mulheres na Patrulha, não há doces esposas sardentas para nos aquecer a cama à noite, só ventos frios, bacalhau salgado e má cerveja. Achais que eu pareceria mais alto de preto, senhora? — Voltou a encher a taça. — Que dizes? Norte ou sul? Deverei expiar velhos pecados ou cometer alguns novos?

A lavadeira deitou-lhe um último relance, pegou no balde e afastou-se. *Parece que não consigo segurar uma esposa por muito tempo*, refletiu Tyrion. Sem que soubesse como, o jarro secara. *Talvez deva voltar aos tropeções para a adega*. Mas o vinho-forte estava a fazer-lhe a cabeça rodopiar, e os degraus da adega eram muito íngremes.

— Para onde vão as rameiras? — perguntou à roupa lavada que aditava na corda. Talvez devesse ter perguntado à lavadeira. *Não estou a insinuar que tu és uma rameira, querida, mas talvez saibas para onde elas vão*. Ou melhor ainda, devia ter perguntado ao pai.

— Onde quer que as rameiras vão — dissera o Lorde Tywin. *Ela amava-me. Era filha de um caseiro, amava-me e casou comigo, entregou-me a sua confiança*.

O jarro vazio escorregou-lhe da mão e rolou pelo pátio fora. Tyrion empurrou-se para fora do banco e foi buscá-lo. Quando o fez, viu uns quantos cogumelos a crescer de um ladrilho rachado. Eram de um branco claro, com manchas, e tinham uma parte de baixo cheia de lamelas vermelhas tão escuras como sangue. O anão arrancou um e cheirou-o. *Delicioso*, pensou, *e mortífero*.

Os cogumelos eram sete. Talvez os Sete estivessem a tentar dizer-lhe qualquer coisa. Colheu-os a todos, tirou uma luva da corda, enrolou-os

cuidadosamente, e enfiou-os no bolso. O esforço deixou-o tonto, pelo que voltou em seguida a gatinhar para o banco, enrolou-se e fechou os olhos.

Quando voltou a acordar, estava de regresso ao seu quarto, de novo a afogar-se no colchão de penugem de ganso enquanto uma rapariga loura lhe sacudia o ombro.

— Senhor — disse ela — o vosso banho aguarda. O Magíster Illyrio espera-vos à mesa dentro de uma hora.

Tyrion apoiou-se às almofadas, com a cabeça nas mãos.

— Estou a sonhar ou tu falas o idioma comum?

— Sim, senhor. Fui trazida para agradar ao rei. — Tinha olhos azuis e era bonita, jovem e esbelta.

— Tenho a certeza que sim. Preciso de uma taça de vinho.

Ela serviu-o.

— O Magíster Illyrio disse que devo esfregar-vos as costas e aquecer-vos a cama. O meu nome...

— ... não me interessa para nada. Sabes para onde vão as rameiras?

Ela corou.

— As rameiras vendem-se por dinheiro.

— Ou por joias, ou por vestidos, ou por castelos. Mas para onde vão? A rapariga não conseguia compreender a pergunta.

— É uma adivinha, s'nhor? Não sou boa com adivinhas. Não me que-  
reis dizer a resposta?

*Não, pensou. Pessoalmente, desprezo adivinhas.*

— Não te quero dizer nada. Faz-me o mesmo favor. — *A única parte de ti que me interessa é a parte que tens entre as pernas, quase disse. As palavras estiveram na sua língua, mas sem que soubesse porquê nunca lhe ultrapassaram os lábios. Ela não é a Shae, disse o anão a si próprio. É só uma tolinha qualquer que pensa que eu brinco às adivinhas.* Em boa verdade, nem mesmo a sua cona lhe interessava por aí além. *Devo estar doente ou morto.* — Mencionaste um banho? Não podemos deixar o grande queijeiro à espera.

Enquanto se banhava, a rapariga lavou-lhe os pés, esfregou-lhe as costas e escovou-lhe o cabelo. Depois, esfregou-lhe uma pomada com um cheiro doce nas barrigas das pernas para lhe atenuar as dores, e voltou a vesti-lo com roupa de rapaz, um par bafiento de bragas de cor borgonha e um gibão de veludo azul forrado de fio de ouro.

— O senhor vai querer-me depois de comer? — perguntou ela enquanto lhe atava as botas.

— Não. Para mim acabaram-se as mulheres. — *Rameiras.*

A rapariga acolheu aquela desilusão bem demais para o gosto de Tyrion.

— Se o s'nhor preferir um rapaz, posso arranjar um para esperar na vossa cama.

*O s'nhor preferia a esposa. O s'nhor preferia uma rapariga chamada Tysha.*

— Só se ele souber para onde vão as rameiras.

A boca da rapariga apertou-se. *Ela despreza-me*, apercebeu-se Tyrion, *mas não mais do que eu me desprezo a mim próprio*. Tyrion não duvidava de que tinha fodido muitas mulheres que abominavam o simples ato de o ver, mas as outras tinham ao menos tido a educação de fingir afeição. *Um pouco de desprezo honesto pode ser refrescante, como um vinho amargo depois de demasiado doce.*

— Acho que mudei de ideias — disse-lhe. — Espera por mim na cama. Nua, por favor, que vou estar bêbado demais para andar às apalpadelas com a tua roupa. Mantém a boca fechada e as pernas abertas e vamos dar-nos magnificamente os dois. — Deitou-lhe um olhar de esguelha, na esperança de ver um pouco de medo, mas tudo o que ela lhe mostrou foi repugnância. *Ninguém teme um anão*. Nem mesmo o Lorde Tywin tivera medo, apesar de Tyrion ter uma besta nas mãos. — Gemes quando estás a ser fodida? — perguntou à aquecedora de cama.

— Se aprover ao s'nhor.

— Pode aprover ao s'nhor estrangular-te. Foi assim que lidei com a minha última rameira. Achas que o teu amo ia levantar objeções? Com certeza que não. Ele tem mais uma centena como tu, mas mais ninguém como eu. — Desta vez, quando sorriu, obteve o medo que desejava.

Illyrio estava reclinado num sofá almofadado, a devorar pimentos e alho-porro que tirava de uma tigela de madeira. Tinha a testa salpicada de gotículas de suor, e os olhinhos de porco brilhavam por cima das bochechas gordas. Joias dançavam quando ele movia as mãos; ónix e opalas, olhos de tigre e turmalinas, rubis, ametistas, safiras, esmeraldas, azeviche e jade, um diamante preto e uma pérola verde. *Eu poderia viver durante anos dos anéis dele*, refletiu Tyrion, *se bem que precisasse de um cutelo para lhos tirar*.

— Vinde sentar-vos, meu pequeno amigo. — Illyrio fez-lhe sinal para que se aproximasse.

O anão trepou para uma cadeira. Era enormíssima para ele, um trono almofadado destinado a acolher as gigantescas nádegas do magíster, com grossas e resistentes pernas para lhe suportar o peso. Tyrion Lannister vivera toda a vida num mundo que era grande demais para ele, mas na mansão de Illyrio Mopatis a sensação de desproporção assumia dimensões grotescas. *Sou um rato no covil de um mamute*, refletiu, *se bem que o mamute tenha uma boa adega. Do mal, o menos*. A ideia deixou-o com sede. Pediu vinho.

— Gostastes da rapariga que vos enviei? — perguntou Illyrio.  
— Se quisesse uma rapariga, teria pedido uma rapariga.  
— Se ela não conseguiu agradar...  
— Ela fez tudo o que lhe foi pedido.  
— Espero que sim. Foi treinada em Lys, onde transformam o amor em arte. O rei gostava muito dela.  
— Eu mato reis, não vos disseram? — Tyrion lançou um sorriso maligno por cima da sua taça de vinho. — Não quero sobras régias.  
— Como quiserdes. Comamos. — Illyrio bateu palmas e apareceram criados a correr.

Começaram por um caldo de caranguejo e tamboril, e também sopa fria de lima com ovo. Depois vieram codornizes em mel, um lombo de carneiro, fígados de ganso afogados em vinho, cherovias em manteiga e leitão. Ver tudo aquilo fez Tyrion sentir-se nauseado, mas forçou-se a provar uma colher de sopa, a bem da educação, e depois de a provar ficou perdido. As cozinheiras podiam ser velhas e gordas, mas conheciam o seu ofício. Nunca comera tão bem, nem mesmo na corte.

Enquanto chupava a carne dos ossos da sua codorniz, interrogou Illyrio sobre a convocatória da manhã. O gordo encolheu os ombros.

— Há problemas no leste. Astapor caiu e Meereen também. Cidades escravagistas ghiscarianas que já eram velhas quando o mundo era novo. — O leitão já fora trinchado. Illyrio estendeu a mão para um bocado de pele, mergulhou-o num molho de ameixa e comeu-o com os dedos.

— A Baía dos Escravos é muito longe de Pentos. — Tyrion trespassou um fígado de ganso com a ponta da faca. *Não há homem mais maldito do que o assassino de parentes, refletiu, mas eu podia aprender a gostar deste inferno.*

— Isso é verdade — concordou Illyrio — mas um mundo é uma grande teia, e um homem não se atreve a tocar num fio que seja com medo de que todos os outros tremam. Mais vinho? — Illyrio enfiou um pimento na boca. — Não, uma coisa melhor. — Bateu palmas.

Ao ouvir o som, um criado entrou com um prato tapado. Pousou-o na frente de Tyrion, e Illyrio debruçou-se por cima da mesa para erguer a tampa.

— Cogumelos — anunciou o magíster, enquanto o cheiro se espalhava. — Beijados com alho e banhados em manteiga. Dizem-me que o gosto é requintado. Comei um, meu amigo. Comei dois.

Tyrion tinha um cogumelo negro a meio caminho da boca, mas algo na voz de Illyrio o fez parar de repente.

— Depois de vós, senhor. — Empurrou o prato na direção do anfitrião.

— Não, não. — O Magíster Illyrio empurrou os cogumelos de volta. Durante um segundo, pareceu que um rapaz traquina estava a espreitar de dentro da carne inchada do queijeiro. — Depois de vós. Insisto. A cozinheira fê-los especialmente para vós.

— Ah fez, foi? — recordou a cozinheira, a farinha nas suas mãos, os pesados seios cobertos de veias azuis escuras. — Isso foi gentil da parte dela, mas... não. — Tyrion voltou a pousar o cogumelo no lago de manteiga do qual emergira.

— Sois demasiado desconfiado. — Illyrio sorriu através da barba amarela bifurcada. Oleada todas as manhãs para a fazer cintilar como ouro, suspeitou Tyrion. — Sois covarde? Não tinha ouvido dizer isso de vós.

— Nos Sete Reinos considera-se que envenenar os hóspedes ao jantar é uma grave quebra de hospitalidade.

— Aqui também. — Illyrio Mopatis estendeu a mão para a taça de vinho. — Mas quando um hóspede deseja claramente pôr fim à própria vida, bem, o anfitrião deve fazer-lhe a vontade, não? — Bebeu um gole. — O Magíster Ordello foi envenenado por um cogumelo ainda não há meio ano. A dor não é muito grande, segundo ouvi dizer. Algumas cãibras nas tripas, uma dor súbita debaixo dos olhos, e acabou-se. É melhor um cogumelo do que uma espada espetada no pescoço, não é verdade? Porquê morrer com o sabor do sangue na boca, quando podia ser manteiga e alho?

O anão estudou o prato que tinha na frente. O cheiro do alho e da manteiga fê-lo salivar. Uma parte dele desejava aqueles cogumelos, mesmo sabendo o que eram. Não era suficientemente corajoso para acolher aço frio na barriga, mas um pouco de cogumelo não seria assim tão difícil. Isso assustou-o mais do que poderia expressar.

— Estais enganado a meu respeito — ouviu-se a dizer.

— Ah sim? Interessante. Se preferis afogar-vos em vinho, dizei, e isso será feito, e depressa. Afogar-vos taça a taça gasta tanto tempo como vinho.

— Estais enganado a meu respeito — voltou Tyrion a dizer, mais alto. Os cogumelos em manteiga cintilavam à luz das lâmpadas, escuros e convidativos. — Não tenho qualquer desejo de morrer, garanto-vos. Tenho... — A sua voz desvaneceu-se na incerteza. *Que tenho eu? Uma vida para viver? Trabalho a fazer? Filhos para criar, terras para governar, uma mulher para amar?*

— Não tendes nada — concluiu o Magíster Illyrio — mas podemos mudar isso. — Extraiu um cogumelo da manteiga e mastigou-o com vigor. — Delicioso.

— Os cogumelos não estão envenenados. — Tyrion estava irritado.

— Pois não. Porque haveria eu de vos querer mal? — O Magíster

Illyrio comeu outro. — Temos de mostrar um pouco de confiança, vós e eu. Vinde, comei. — Voltou a bater palmas. — Temos trabalho a fazer. O meu pequeno amigo tem de conservar as forças.

Os criados trouxeram uma garça-real recheada de figos, costeletas de vitela branqueadas com leite de amêndoa, arenques com natas, cebolas cristalizadas, queijos malcheirosos, pratos de caracóis e timos de vitela fritos, e um cisne negro na sua plumagem. Tyrion recusou o cisne, que lhe fazia lembrar um jantar com a irmã. Mas serviu-se da garça e dos arenques, e de algumas das cebolas doces. E os criados voltavam a encher-lhe a taça de vinho sempre que a esvaziava.

— Bebeis bastante vinho, para um homem tão pequeno.

— Matar parentes é trabalho seco. Um homem fica com sede.

Os olhos do gordo cintilaram como as pedras preciosas que tinha nos dedos.

— Há em Westeros quem diga que matar o Lorde Lannister foi meramente um bom começo.

— É melhor que não o digam ao alcance dos ouvidos da minha irmã, senão dão por si com uma língua a menos. — O anão partiu ao meio uma fatia de pão. — E é melhor que tenhais cuidado com o que dizeis sobre a minha família, magíster. Assassino de parentes ou não, continuo a ser um leão.

Aquilo pareceu divertir imenso o senhor do queijo. Deu uma palmada numa coxa carnuda e disse:

— Vós, os de Westeros, sois todos iguais. Coseis um animal qualquer num bocado de seda, e de repente sois todos leões, dragões ou águias. Posso trazer-vos um leão verdadeiro, meu amiguinho. O príncipe tem um grupo de leões na sua coleção. Gostaríeis de partilhar a jaula com eles?

Tyrion tinha de admitir que os senhores dos Sete Reinos realmente davam demasiada importância aos seus símbolos.

— Muito bem — concedeu. — Um Lannister não é um leão. Mas continuo a ser filho do meu pai, e Jaime e Cersei são para eu matar.

— Que estranho que mencioneis a vossa bela irmã — disse Illyrio, entre caracóis. — A rainha ofereceu uma senhoria ao homem que lhe traga a vossa cabeça, por mais humilde que seja o seu nascimento.

Tyrion não esperava outra coisa.

— Se tencionais aceitar a senhoria, obrigai-a também a vos abrir as pernas. A melhor parte de mim pela melhor parte dela, um negócio justo é assim.

— Pessoalmente preferiria receber o meu peso em ouro. — O queijeiro riu-se com tanta força que Tyrion temeu que estivesse a ponto de explodir. — Todo o ouro no Rochedo Casterly, porque não?

— O ouro posso dar-vos — disse o anão, aliviado por não estar prestes a afogar-se numa poça de enguias e timos semidigeridos — mas o Rochedo é meu.

— Precisamente. — O magíster tapou a boca e soltou um poderoso arroto. — Julgais que o Rei Stannis vo-lo daria? Ouvi dizer que ele é grande amigo da lei. O vosso irmão usa o manto branco, portanto, segundo todas as leis de Westeros, vós sois herdeiro.

— Stannis podia perfeitamente conceder-me o Rochedo Casterly — disse Tyrion — se não fosse o pequeno problema de regicídio e assassinio de parentes. Por isso, encurtar-me-ia de uma cabeça e eu já sou suficientemente curto como sou. Mas porque haveríeis de pensar que eu pretendo juntar-me ao Lorde Stannis?

— Por que outro motivo iríeis para a Muralha?

— Stannis está na Muralha? — Tyrion esfregou o nariz. — O que, pelo raio dos sete infernos, está Stannis a fazer na Muralha?

— A tremer, julgo eu. Lá em baixo, em Dorne, faz mais calor. Talvez devêsseis ter navegado para esse lado.

Tyrion estava a começar a suspeitar de que uma certa lavadeira sardenta conhecia mais da fala comum do que fingira.

— Calha que a minha sobrinha Myrcella está em Dorne. E tenho cá uma ideiazinha de fazer dela rainha.

Illyrio sorriu enquanto os criados serviam a ambos tigelas de cerejas negras.

— Que vos fez essa pobre criança para desejardes a sua morte?

— Nem mesmo um assassino de parentes é obrigado a matar *todos* os seus parentes — disse Tyrion, magoado. — Eu falei em coroá-la, não em matá-la.

O queijeiro encheu uma colher de cerejas e levou-a à boca.

— Em Volantis usa-se uma moeda com uma coroa de um lado e a cabeça da morte do outro. Mas é a mesma moeda. Coroá-la é matá-la. Dorne pode erguer-se por Myrcella, mas Dorne sozinho não chega. Se sois tão esperto como o nosso amigo insiste que sois, sabeis disso.

Tyrion olhou para o gordo com um novo interesse. *Ele tem razão numa coisa e na outra. Coroá-la é matá-la. E eu sabia disso.*

— Tudo o que me resta são gestos fúteis. Este, pelo menos, faria a minha irmã chorar lágrimas amargas.

O Magíster Illyrio limpou creme da boca com as costas da mão gorda.

— A estrada para o Rochedo Casterly não passa por Dorne, meu pequeno amigo. E também não passa à sombra da Muralha. Mas essa estrada existe, digo-vos eu.

— Estou acusado de traição, de regicídio e de assassinio de parentes. — Aquela conversa sobre estradas aborrecia-o. *Julgará ele que isto é um jogo?*

— O que um rei faz, outro pode desfazer. Em Pentos temos um príncipe, meu amigo. Ele preside aos bailes e às festas e anda pela cidade num palanquim de ouro e marfim. Três arautos seguem à sua frente com a balança dourada do comércio, a espada de ferro da guerra, e o chicote de prata da justiça. No primeiro dia de cada novo ano, ele tem de desflorar a donzela dos campos e a donzela dos mares. — Illyrio inclinou-se para a frente, de cotovelos apoiados na mesa. — Mas se uma colheita falhar ou uma guerra for perdida, cortamos-lhe a garganta para apaziguar os deuses e escolhemos um novo príncipe de entre as quarenta famílias.

— Fazei-me lembrar para nunca me tornar Príncipe de Pentos.

— Serão os vossos Sete Reinos assim tão diferentes? Não há paz em Westeros, não há justiça, não há fé... e muito em breve não haverá comida. Quando os homens passam fome e estão doentes de medo, procuram um salvador.

— Podem procurar, mas se tudo o que encontrarem for Stannis...

— Stannis não. Nem Myrcella. — O sorriso amarelo alargou-se. — *Outro*. Mais forte do que Tommen, mais gentil do que Stannis, com melhor pretensão do que a jovem Myrcella. Um salvador vindo do outro lado do mar para ligar as feridas do ensanguentado Westeros.

— Belas palavras. — Tyrion não estava impressionado. — Palavras são vento. Quem é o raio desse salvador?

— Um dragão. — O queijeiro viu a expressão no rosto de Tyrion ao ouvir aquilo e riu-se. — Um dragão com três cabeças.

## DAENERYS

Conseguia ouvir o morto a subir as escadas. O som lento e medido dos passos aproximava-se à sua frente, ecoando por entre os pilares purpúreos do seu salão. Daenerys Targaryen aguardava-o sentada no banco de ébano que adotara como trono. Os seus olhos estavam suaves de sono, o cabelo de um louro prateado estava todo despenteado.

— Vossa Graça — disse Sor Barristan Selmy, o Senhor Comandante da sua Guarda Real — não há necessidade de verdes isto.

— Ele morreu por mim. — Dany apertou ao peito a pele de leão. Por baixo, uma simples túnica de linho cobria-a até meio das coxas. Estava a sonhar com uma casa com uma porta vermelha quando Missandei a acordara. Não houvera tempo para se vestir.

— *Khaleesi* — sussurrou Irri — não deveis tocar no morto. Tocar nos mortos dá azar.

— Menos os que fostes vós a matar. — Jhiqui tinha ossos maiores do que Irri, e possuía ancas largas e seios pesados. — Isso é sabido.

— É sabido — concordou Irri.

Os dothraki eram sábios no que dizia respeito a cavalos, mas seguiam ser completos tolos em quase tudo o resto. *E além disso, elas não passam de raparigas.* As aias tinham a mesma idade que ela; mulheres feitas na aparência, com cabelos negros, pele acobreada e olhos amendoados, mas apesar disso raparigas. Tinham-lhe sido dadas quando se casara com Khal Drogo. Fora Drogo que lhe dera a pele que usava, a cabeça e pele de um *hrakkar*, o leão branco do mar dothraki. Era grande demais para ela, e tinha um cheiro bafiento, mas fazia-a sentir-se como se o seu sol-e-estrelas ainda estivesse perto de si.

Verme Cinzento apareceu primeiro no topo dos degraus, com um archote na mão. O seu capacete de bronze estava encimado por três espigões. Atrás dele seguiam quatro dos seus Imaculados, trazendo o morto aos ombros. Os capacetes deles tinham um só espigão, e as caras mostravam tão pouco que podiam ter sido também moldadas em bronze. Depuseram o cadáver a seus pés. Sor Barristan afastou o sudário manchado de sangue. Verme Cinzento baixou o archote para ela conseguir ver.

A cara do morto era lisa e sem pelos, embora as bochechas lhe tivessem sido cortadas de orelha a orelha. Fora um homem alto, de olhos azuis e rosto claro. *Algum filho de Lys ou da velha Volantis, arrancado a um navio*

*por corsários e vendido como escravo na rubra Astapor.* Embora tivesse os olhos abertos, eram as feridas que sangravam. Havia mais feridas do que conseguia contar.

— Vossa Graça — disse Sor Barristan — estava uma harpia desenhada nos tijolos no beco onde ele foi encontrado...

— ... desenhada em sangue. — Por aquela altura já Daenerys sabia como as coisas eram. Os Filhos da Harpia faziam a carnificina à noite, e por cima de cada morto deixavam a sua marca. — Verme Cinzento, porque estava este homem sozinho? Não tinha parceiro? — Por ordem sua, quando os Imaculados percorriam as ruas de Meereen à noite caminhavam sempre aos pares.

— Minha rainha — respondeu o capitão — o vosso criado Escudo Vigoroso não tinha deveres a cumprir ontem à noite. Tinha ido a... a um certo lugar... para beber, e obter companhia.

— Um certo lugar? Que queres dizer?

— Uma casa de prazer, Vossa Graça.

*Um bordel.* Metade dos seus libertos eram de Yunkai, onde os Sábios Mestres tinham sido afamados por treinar escravos de cama. *O caminho dos sete suspiros.* Bordéis tinham brotado como cogumelos por toda a Meereen. *Não sabem fazer mais nada. Precisam de sobreviver.* A comida era mais cara todos os dias, enquanto o preço da carne diminuía. Sabia que nos bairros mais pobres, entre as pirâmides de degraus da nobreza escravagista de Meereen, havia bordéis que satisfaziam todos os gostos eróticos concebíveis. *Mesmo assim...*

— O que podia um eunuco esperar encontrar num bordel?

— Mesmo aqueles que não dispõem dos órgãos de um homem podem ainda ter o coração de um, Vossa Graça — disse o Verme Cinzento. — Foi dito a este que o vosso criado Escudo Vigoroso dava por vezes dinheiro às mulheres dos bordéis para se deitarem com ele e abraçá-lo.

*O sangue do dragão não chora.*

— Escudo Vigoroso — disse, de olhos secos. — Era esse o nome dele?

— Se aprouver a Vossa Graça.

— É um belo nome. — Os Bons Mestres de Astapor nem sequer autorizavam que os seus soldados escravos tivessem nomes. Alguns dos Imaculados de Dany tinham reclamado os seus nomes de nascença depois de ela os libertar; outros haviam escolhido novos nomes para si. — Sabe-se quantos atacantes caíram sobre Escudo Vigoroso?

— Este não sabe. Muitos.

— Seis ou mais — disse Sor Barristan. — Pelo aspeto dos seus ferimentos, atacaram-no por todos os lados. Foi encontrado com a bacia vazia. Pode ter ferido alguns dos seus atacantes.

Dany rezou em silêncio para que algures um dos Filhos da Harpia estivesse a morrer naquele momento, agarrado à barriga e contorcendo-se de dor.

— Porque foi que lhe cortaram as bochechas desta maneira?

— Graciosa rainha — disse Verme Cinzento — os seus atacantes tinham enfiado os órgãos genitais de um bode pela goela abaixo do vosso criado Escudo Vigoroso. Este removeu-os antes de o trazer para aqui.

*Não puderam meter-lhe na boca os seus próprios órgãos genitais. Os astapori não lhe deixaram nem a raiz nem o caule.*

— Os Filhos estão a tornar-se mais ousados — observou Dany. Até agora tinham limitado os ataques a libertos desarmados, abatendo-os nas ruas ou assaltando as suas casas a coberto da noite para os assassinar nas camas. — Este é o primeiro dos meus soldados que mataram.

— O primeiro — avisou Sor Barristan — mas não será o último.

*Continuo em guerra*, compreendeu Dany, *só que agora estou a combater sombras*. Esperara obter uma pausa na matança, para passar algum tempo a construir e a sarar.

Encolhendo-se para fora da pele de leão, ajoelhou ao lado do cadáver e fechou os olhos do morto, ignorando o arquejo de Jhiqui.

— O Escudo Vigoroso não será esquecido. Manda lavá-lo e vesti-lo para a batalha e enterra-o com capacete, escudo e lanças.

— Será como Vossa Graça ordena — disse o Verme Cinzento.

— Envia homens ao Templo das Graças e pergunta se algum homem procurou as Graças Azuis com um ferimento de espada. E passa palavra de que eu pagarei bom ouro pela espada curta de Escudo Vigoroso. Interroga os carneiros e os pastores, e informa-te sobre quem tem andado a castrar bodes nos últimos tempos. — Era possível que algum pastor confessasse. — De hoje em diante, nenhum dos meus homens caminha sozinho depois de escurecer.

— Estes obedecerão.

Daenerys empurrou o cabelo para trás.

— Encontra-me esses cobardes. Encontra-os para que eu possa ensinar aos Filhos da Harpia o que significa despertar o dragão.

Verme Cinzento saudou-a. Os seus Imaculados voltaram a fechar o sudário, puseram o morto aos ombros e levaram-no do salão. Sor Barristan Selmy ficou para trás. O seu cabelo era branco e havia rugas nos cantos dos olhos azuis claros. Mas as costas continuavam direitas e os anos ainda não lhe tinham roubado a perícia com as armas.

— Vossa Graça — disse — temo que os vossos eunucos sejam pouco adequados para as tarefas que lhes atribuístes.

Dany instalou-se no banco e voltou a enrolar a pele em volta dos ombros.

— Os Imaculados são os meus melhores guerreiros.

— Soldados, não guerreiros, se aprover a Vossa Graça. Foram feitos para o campo de batalha, para ficarem ombro a ombro por trás dos escudos com as lanças espetadas na sua frente. O treino que têm ensina-lhes a obedecer, sem medo, com perfeição, sem um pensamento ou uma hesitação... não a descobrir segredos ou a fazer perguntas.

— Cavaleiros servir-me-iam melhor? — Selmy estava a treinar cavaleiros para ela, ensinando os filhos de escravos a combater com lança e espada longa ao jeito de Westeros... mas de que serviriam lanças contra cobardes que matavam a partir das sombras?

— Nisto, não — admitiu o velho. — E Vossa Graça não tem cavaleiros, exceto eu. Passar-se-ão anos antes que os rapazes estejam preparados.

— Então quem, se não forem Imaculados? Dothraki seriam ainda piores. — Os dothraki combatiam de cima de cavalos. Homens montados eram mais úteis em campos abertos e colinas do que nas ruas e vielas estreitas da cidade. Para lá das muralhas de tijolos multicoloridos de Meereen, o domínio de Dany era, no máximo, ténue. Milhares de escravos ainda labutavam nas vastas propriedades nas colinas, cultivando trigo e azeitonas, pastoreando ovelhas e cabras, e minando sal e cobre. Os armazéns de Meereen possuíam um amplo abastecimento de cereais, azeite, azeitonas, fruta seca e carne salgada, mas as reservas estavam a diminuir. Por conseguinte, Dany enviara o seu minúsculo khalasar para subjugar o interior, sob o comando dos seus três companheiros de sangue, enquanto Ben Plumm levava os Segundos Filhos para sul, a fim de se manter de guarda contra incursões yunkaitas.

A tarefa mais crucial de todas fora confiada a Daario Naharis, o verboso Daario com o seu dente de ouro e barba cortada em tridente, lançando o seu sorriso malvado através de pelos purpúreos. Para lá das colinas orientais estendia-se uma cordilheira de montanhas arredondadas de arenito, o Passo de Khyzai e Lhazar. Se Daario conseguisse convencer os lhazarenos a reabrir as rotas comerciais terrestres, poder-se-ia comprar cereais a jusante do rio ou atrás das colinas, conforme fosse necessário... mas os Homens Ovelhas não tinham qualquer motivo para amar Meereen.

— Quando os Corvos Tormentosos regressarem de Lhazar, talvez possa usá-los nas ruas — disse a Sor Barristan — mas até lá só temos os Imaculados. — Dany levantou-se. — Tendes de me perdoar, sor. Os petiçãoários estarão em breve aos meus portões. Tenho de envergar as minhas orelhas de abano e transformar-me outra vez na sua rainha. Chamai Reznak e o Tolarrapada, recebo-os assim que estiver vestida.

— Às ordens de Vossa Graça. — Selmy fez uma vénia.

A Grande Pirâmide penetrava duzentos e cinquenta metros no céu, da enorme base quadrada até ao majestoso ápice onde a rainha tinha os seus aposentos privados, rodeados de vegetação e lagoas perfumadas. Quando uma aurora fresca e azul rompeu sobre a cidade, Dany saiu para o terraço. Para oeste, a luz do sol resplandecia nas cúpulas douradas do Templo das Graças, e desenhava profundas sombras por trás das pirâmides de degraus dos poderosos. *Em algumas daquelas pirâmides, os Filhos da Harpia estão a planear novos assassinios neste mesmo momento, e eu estou impotente para lhes pôr travão.*

Viserion sentiu a sua inquietação. O dragão branco estava deitado, enrolado em volta de uma pereira, com a cabeça pousada na cauda. Quando Dany passou por ele, os olhos abriram-se-lhe, duas lagoas de ouro derretido. Os cornos também eram dourados, bem como as escamas que lhe cobriam o dorso, da cabeça à cauda.

— És um preguiçoso — disse-lhe ela, coçando-o sob o maxilar. As escamas do animal estavam quentes ao toque, como uma armadura deixada durante demasiado tempo ao sol. *Os dragões são fogo feito carne.* Lera aquilo num dos livros que Sor Jorah lhe dera como presente de casamento. — Devias estar a caçar com os teus irmãos. Tu e Drogon andaram outra vez à luta? — Nos últimos tempos, os dragões estavam a ficar violentos. Rhaegal tentara morder Irri, e Viserion incendiara o *tokar* de Reznak da última vez que o senescal a visitara. *Deixei-os demasiado tempo sozinhos, mas onde arranjo tempo para eles?*

A cauda de Viserion deu uma chicotada para o lado, batendo com tanta força no tronco da árvore que uma pera caiu e foi aterrar aos pés de Dany. As asas desdobraram-se-lhe, e ele subiu ao parapeito, meio voando, meio saltando. *Está a crescer,* pensou ela quando o dragão se lançou para o céu. *Estão os três a crescer. Em breve serão suficientemente grandes para suportar o meu peso.* Nessa altura, voaria como Aegon, o Conquistador, voara, para cima e mais para cima, até Meereen ficar tão pequena que poderia tapá-la com o polegar.

Ficou a observar Viserion subir em círculos cada vez mais largos até se perder de vista para lá das águas lamacentas do Skahazadhan. Só depois regressou para dentro da pirâmide, onde Irri e Jhiqui estavam à espera para lhe desfazer os nós do cabelo e a vestir como era próprio da Rainha de Meereen, com um *tokar* ghiscariano.

O traje era uma coisa desajeitada, um longo lençol solto e sem forma que tinha de ser enrolado em volta das ancas, por baixo de um braço e por sobre um ombro, escalando e exibindo cuidadosamente as suas fimbrias pendentes. Enrolado com demasiada largueza, era provável que caísse; de-

masiado apertado emaranhava-se, fazia tropeçar e limitava os movimentos. Mesmo enrolado de forma apropriada, o *tokar* exigia que quem o usava o mantivesse no lugar com a mão esquerda. Caminhar com um *tokar* obrigava a dar passos pequenos e afetados e a um equilíbrio refinado para não se pisar uma dessas pesadas fimbrias. Não era peça de vestuário destinada a qualquer homem que tivesse de trabalhar. O *tokar* era um traje de *amo*, um sinal de riqueza e poder.

Dany quisera banir o *tokar* quando capturara Meereen, mas os seus conselheiros tinham-na convencido do contrário.

— A Mãe de Dragões deve envergar o *tokar* ou ser odiada para sempre — avisara a Graça Verde, Galazza Galare. — Com as lãs de Westeros ou um vestido de renda de Myr, Vossa Radiância permanecerá para sempre uma estranha entre nós, uma estrangeira grotesca, uma conquistadora bárbara. A rainha de Meereen tem de ser uma senhora da Velha Ghis.

O Ben Castanho Plumm, o capitão dos Segundos Filhos, colocara o problema de forma mais sucinta.

— Homem que queira ser rei dos coelhos é bom que use um par de orelhas de abano.

As orelhas de abano que escolheu naquele dia eram feitas de puro linho branco, com uma fimbria de borlas douradas. Com a ajuda de Jhiqui, enrolou corretamente o *tokar* em volta de si à terceira tentativa. Irri foi-lhe buscar a coroa, esculpida na forma do dragão de três cabeças da sua Casa. O seu corpo serpentino era de ouro, as asas de prata, as três cabeças de marfim, ônix e jade. O pescoço e ombros de Dany ficariam hirtos e doridos devido ao seu peso antes de o dia terminar. *Uma coroa não deve ser fácil de trazer na cabeça.* Um dos seus reais antepassados dissera aquilo uma vez. *Algum Aegon, mas qual deles?* Cinco Aegons tinham governado os Sete Reinos de Westeros. Teria havido um sexto, mas os cães do Usurpador tinham matado o filho do irmão de Dany quando não passava de um bebé de peito. *Se ele tivesse sobrevivido, podia ter-me casado com ele. Aegon estaria mais perto da minha idade do que Viserys.* Dany só fora concebida depois de Aegon e a irmã terem sido assassinados. O pai de ambos, o seu irmão Rhaegar, perecera ainda mais cedo, morto pelo Usurpador no Tridente. O irmão Viserys morrera aos gritos em Vaes Dothrak com uma coroa de ouro derretido na cabeça. *Também me matarão se eu o permitir. As facas que mataram o meu Escudo Vigoroso destinavam-se a mim.*

Não esquecera as crianças escravas que os Grandes Mestres tinham pregado ao longo da estrada de Yunkai. Tinham somado cento e sessenta e três, uma criança por cada milha, pregadas a marcos miliários com um braço esticado para lhe indicar o caminho. Depois de Meereen cair, Dany pregara um número semelhante de Grandes Mestres. Enxames de moscas

tinham acompanhado as suas lentas mortes, e o fedor permanecera durante muito tempo na praça. Mas havia dias em que temia não ter ido suficientemente longe. Aqueles meereeneses eram um povo matreiro e teimoso que lhe resistia a cada passo. Tinham libertado os escravos, sim... só para os voltarem a contratar como criados pagando-lhes salários tão baixos que a maioria mal se podia dar ao luxo de comer. Os velhos ou novos demais para serem úteis tinham sido atirados para as ruas, com os enfermos e os aleijados. E, ainda por cima, os Grandes Mestres reuniam-se no topo das suas imponentes pirâmides para se queixarem de como a rainha dos dragões lhes encherá a nobre cidade com hordas de pedintes imundos, de ladrões e de rameiras.

*Para governar Meereen tenho de conquistar os meereeneses, por mais que os possa desprezar.*

— Estou pronta — disse a Irri.

Reznak e Skahaz aguardavam no topo das escadas de mármore.

— Grande rainha — declarou Reznak mo Reznak — estais hoje tão radiosa que temo olhar-vos. — O senescal usava um *tokar* de seda castanha com fímbria dourada. Homem pequeno e húmido, cheirava como se se tivesse banhado em perfume e falava uma forma abastardada de alto valiriano, muito corrompida e temperada com um denso rosnido ghiscariano.

— Sois gentil por o dizerdes — respondeu Dany, na mesma língua.

— Minha rainha — rosnou Skahaz mo Kandaq, o da cabeça rapada.

O cabelo ghiscariano era denso e crespo; há muito que a moda dos homens das Cidades Esclavagistas era penteá-lo em cornos, espigões e asas. Ao rapá-lo, Skahaz pusera a velha Meereen para trás das costas a fim de aceitar a nova, e a sua família fizera o mesmo, seguindo-lhe o exemplo. Outros se seguiram, embora Dany não soubesse dizer se teria sido por medo, moda ou ambição; chamavam-lhes tolarrapadas. Skahaz era o Tolarrapada... e o mais vil dos traidores para os Filhos da Harpia e os da sua laia. — Fomos informados sobre o eunuco.

— O nome dele era Escudo Vigoroso.

— Mais morrerão, a menos que os assassinos sejam punidos. — Mesmo com a cabeça rapada, Skahaz tinha uma cara odiosa; uma testa proeminente, olhos pequenos com pesadas olheiras por baixo, um grande nariz escurecido por pontos negros, pele oleosa que parecia mais amarela do que o âmbar habitual dos ghiscarianos. Era uma cara sem rodeios, brutal e zangada. Só podia rezar para que fosse também uma cara honesta.

— Como é que os puno se não sei quem eles são? — perguntou-lhe Dany. — Dizei-me, ousado Skahaz.

— Não tendes falta de inimigos, Vossa Graça. Vedes as suas pirâmides do vosso terraço. Zhak, Hazkar, Ghazeen, Merreq, Loraq, todas as ve-

lhas famílias escravagistas. Pahl. Acima de tudo, Pahl. Agora uma casa de mulheres. Velhas amargas com gosto por sangue. As mulheres não esquecem. As mulheres não perdoam.

*Pois não, pensou Dany, e os cães do Usurpador ficarão a saber disso quando eu voltar a Westeros.* Era verdade que havia sangue entre ela e a casa de Pahl. Oznak zo Pahl fora abatido por Belwas, o Forte, em combate singular. O pai, comandante da patrulha de cidade de Meereen, morrera a defender os portões quando a Picha de Joso os fizera em lascas. Três tios tinham estado entre os cento e sessenta e três da praça.

— Quanto ouro oferecemos por informações a respeito dos Filhos da Harpia? — perguntou.

— Cem honras, se agradecer a Vossa Radiância.

— Mil honras agradecer-nos-iam mais. Fazei com que assim seja.

— Vossa Graça não pediu o meu conselho — disse Skahaz Tolarrapada — mas eu digo que o sangue deve ser pago com sangue. Prendei um homem de cada uma das famílias que nomeei e matai-o. Da próxima vez que um dos vossos for morto, prendei dois de cada grande casa e matai-os a ambos. Não haverá um terceiro assassinio.

Reznak guinchou de aflição.

— Nããããão... gentil rainha, uma tal selvajaria atrairá a ira dos deuses. Nós vamos encontrar os assassinos, prometo-vos, e quando o fizermos eles revelar-se-ão escumalha plebeia, vereis.

O senescal era tão careca como Skahaz, se bem que no seu caso fossem os deuses os responsáveis.

— Se algum cabelo tiver a insolência de aparecer, o meu barbeiro tem a navalha pronta — assegurara-lhe quando ela o promovera. Havia alturas em que Dany perguntava a si própria se essa navalha não poderia ser melhor empregue na garganta de Reznak. O homem era útil, mas gostava pouco dele e confiava ainda menos. Os Imorredouros de Qarth tinham-lhe dito que seria traída três vezes. Mirri Maz Duur fora a primeira, Sor Jorah o segundo. Seria Reznak o terceiro? O Tolarrapada? Daario? *Ou será alguém de quem nunca suspeitaria, Sor Barristan ou o Verme Cinzento ou Missandei?*

— Skahaz — disse ela ao Tolarrapada — agradeço-vos pelo vosso conselho. Reznak, vede o que mil honras são capazes de fazer. — Agarando o seu *tokar*, Daenerys passou por ambos a passos largos, descendo a larga escada de mármore. Deu um passo de cada vez, para não tropeçar na fimbria e cair de cabeça na corte.

Missandei anunciou-a. A pequena escriba tinha uma voz suave e forte.

— *Ajoelhai todos para Daenerys Filha da Tormenta, a Não-Queima-*

da, Rainha de Meereen, Rainha dos Ándalos e dos Roinares e dos Primeiros Homens, Khaleesi do Grande Mar de Erva, Quebradora de Correntes e Mãe de Dragões.

O salão enchera-se. Imaculados estavam de costas viradas para os pilares, com escudos e lanças nas mãos, com os espigões nos capacetes a espetarem-se para cima como uma fila de facas. Os meereeneses tinham-se reunido sob as janelas orientais. Os seus libertos estavam bem separados dos antigos amos. *Até que se juntem, Meereen não conhecerá paz.*

— Erguei-vos. — Dany instalou-se no banco. O salão ergueu-se. *Pelo menos isto fazem como um só.*

Reznak mo Reznak tinha uma lista. O costume exigia que a rainha comesse pelo emissário de Astapor, um antigo escravo que chamava a si próprio Lorde Ghael, se bem que ninguém parecesse saber de que seria ele senhor.

O Lorde Ghael tinha uma boca cheia de dentes castanhos e apodrecidos e a cara pontiaguda e amarela de uma doninha. Também tinha um presente.

— Cleon, o Grande, envia estes chinelos como sinal do seu amor por Daenerys Filha da Tormenta, a Mãe de Dragões.

Irri enfiou os chinelos nos pés de Dany. Eram de couro dourado, decorados com pérolas verdes de água doce. *Será que o rei carniceiro julga que um par de chinelos bonitos conquistará a minha mão?*

— O Rei Cleon é muito generoso. Podeis agradecer-lhe por este adorável presente. — *Adorável, mas feito para uma criança.* Dany tinha pés pequenos, mas os chinelos pontiagudos comprimiam-lhe os dedos.

— O Grande Cleon ficará contente por saber que eles vos agradaram — disse o Lorde Ghael. — Sua Magnificência pede-me para dizer que está pronto para defender a Mãe dos Dragões de todos os seus inimigos.

*Se ele voltar a propor que eu me case com o Rei Cleon, atiro-lhe o chinelo à cabeça,* pensou Dany mas, por uma vez, o emissário de Astapor não fez qualquer menção a um casamento real. Em vez disso, disse:

— Chegou a altura de Astapor e Meereen porem fim ao selvagem reinado dos Sábios Mestres de Yunkai, que são inimigos jurados de todos aqueles que vivem em liberdade. O Grande Cleon pede-me para vos dizer que ele e os seus novos Imaculados marcharão em breve.

*Os seus novos Imaculados são uma chalaça obscena.*

— O Rei Cleon seria sensato se cuidasse dos seus próprios jardins e deixasse os yunkaitas tratar dos deles. — Não se dava o caso de Dany nutrir qualquer amor por Yunkai. Estava a começar a arrepender-se de ter deixado a Cidade Amarela por tomar depois de derrotar o seu exército no campo de batalha. Os Sábios Mestres tinham regressado ao comércio de

escravos assim que ela prosseguira viagem, e andavam ocupados a recrutar soldados, a contratar mercenários e a fazer alianças contra ela.

Contudo, Cleon, o autoproclamado Grande, não era melhor. O Rei Carniceiro restaurara a escravatura em Astapor, e a única mudança era os antigos escravos serem agora os amos e os antigos amos serem agora escravos.

— Eu sou só uma rapariguinha e pouco sei das coisas da guerra — disse ao Lorde Ghael — mas ouvimos dizer que Astapor está a passar fome. O Rei Cleon que alimente o seu povo antes de o levar para a batalha. — Fez um gesto de despedida. Ghael retirou-se.

— Magnificência — disse Reznak mo Reznak — quereis escutar o nobre Hizdahr zo Loraq?

*Outra vez?* Dany anuiu e Hizdahr avançou; um homem alto, muito esguio, com uma perfeita pele ambarina. Fez uma vénia no mesmo ponto onde o Escudo Vigoroso jazera morto não muito tempo antes. *Preciso deste homem*, lembrou Dany a si própria. Hizdahr era um mercador rico com muitos amigos em Meereen, e mais do outro lado do mar. Visitara Volantis, Lys e Qarth, tinha família em Tolos e Elyria e dizia-se mesmo que detinha alguma influência em Nova Ghis, onde os yunkaitas andavam a tentar despertar inimizade contra Dany e o seu governo.

E era rico. Famosa e fabulosamente rico.

*E provavelmente ficará mais rico, se aceitar a sua petição.* Quando Dany fechara as arenas de luta da cidade, o valor das quotas das arenas fora ao fundo. Hizdahr zo Loraq agarrara-as com ambas as mãos, e agora era dono da maior parte das arenas de luta de Meereen.

O nobre tinha asas de crespo cabelo negro arruivado a brotar das têmporas. Faziam com que a sua cabeça parecesse estar prestes a levantar voo. O rosto longo era tornado ainda mais longo por uma barba presa por anéis de ouro. O seu *tokar* purpúreo estava fimbriado com ametistas e pérolas.

— Vossa Radiância deve saber por que motivo estou aqui.

— Ora, deve ser porque não tendes outro objetivo a não ser atormentar-me. Quantas vezes vos disse que não?

— Cinco vezes, Magnificência.

— Agora são seis. Não aceito que as arenas de combate reabram.

— Se Vossa Majestade ouvir os meus argumentos...

— Já ouvi. Cinco vezes. Trouxestes argumentos novos?

— Argumentos velhos — admitiu Hizdahr — palavras novas. Palavras adoráveis e corteses, mais capazes de influenciar uma rainha.

— É a vossa causa que me parece em falta, não as vossas cortesias. Já ouvi tantas vezes os vossos argumentos que eu própria poderia defender

o vosso caso. Quereis que o faça? — Dany inclinou-se para a frente. — As arenas de combate fizeram parte de Meereen desde que a cidade foi fundada. A natureza dos combates é profundamente religiosa, um sacrifício de sangue aos deuses de Ghis. A *arte mortal* de Ghis não é mera carnificina, mas uma exibição de coragem, perícia e força que muito agrada aos vossos deuses. Combatentes vitoriosos são amimados e aclamados, e os mortos são honrados e lembrados. Reabrindo as arenas eu mostraria ao povo de Meereen que respeito as suas tradições e costumes. As arenas são muito afamadas pelo mundo fora. Atraem comércio a Meereen, e enchem os cofres da cidade com moedas vindas dos cantos da terra. Todos os homens partilham um gosto por sangue, um gosto que as arenas ajudam a saciar. Dessa forma, tornam Meereen mais tranquila. Para criminosos condenados a morrer na areia, as arenas representam um julgamento pela batalha, uma última hipótese de um homem provar a sua inocência. — Voltou a recostar-se, empinando o nariz. — Pronto. Que tal me saí?

— Vossa Radiância defendeu o caso muito melhor do que eu poderia esperar fazê-lo. Vejo que sois tão eloquente como bela. Estou perfeitamente convencido.

Dany teve de rir.

— Ah, mas eu não estou.

— Magnificência — sussurrou-lhe Reznak mo Reznak ao ouvido — é costume que a cidade exija um décimo de todos os lucros das arenas de combate, depois de despesas, como imposto. Esse dinheiro podia ser utilizado para muitos fins nobres.

— Pois podia... se bem que, se *fôssemos* reabrir as arenas, devíamos recolher o nosso décimo *antes* de despesas. Eu sou só uma rapariguinha e pouco sei de tais assuntos, mas habitei durante tempo suficiente com Xaro Xhoan Daxos para aprender isso. Hizdahr, se conseguísseis reunir exércitos como reunis argumentos, poderíeis conquistar o mundo... mas a minha resposta continua a ser *não*. Pela sexta vez.

— A rainha falou. — O homem voltou a fazer uma vénia, tão profunda como antes. As suas pérolas e ametistas matraquearam suavemente no chão de mármore. Hizdahr zo Loraq era um homem muito flexível.

*Podia ser bonito, se não fosse aquele cabelo pateta.* Reznak e a Graça Verde tinham andado a insistir com Dany para tomar um nobre meereenês como marido, a fim de reconciliar a cidade com o seu governo. Hizdahr zo Loraq podia ser digno de ser examinado com atenção. *Antes ele do que Skahaz.* O Tolarrapada oferecera-se para pôr de lado a mulher por ela, mas a ideia fazia-a estremecer. Hizdahr pelo menos sabia como sorrir.

— Magnificência — disse Reznak, consultando a lista — o nobre Grazdan zo Galare deseja falar-vos. Quereis escutá-lo?

— Terei todo o prazer — disse Dany, admirando a cintilação do ouro e o brilho das pérolas negras nos chinelos de Cleon enquanto fazia os possíveis para ignorar o apertão nos dedos. Fora avisada de que Grazdan era primo da Graça Verde, cujo apoio achara inestimável. A sacerdotisa era uma voz de paz, aceitação e obediência à legítima autoridade. *Posso conceder ao primo uma audiência respeitosa, seja o que for que ele deseje.*

O que ele desejava revelou ser ouro. Dany recusara-se a compensar qualquer um dos Grandes Mestres pelo valor dos seus escravos, mas os meereeneses não paravam de conceber outras maneiras de espremer moedas do seu bolso. Segundo parecia, o nobre Grazdan fora em tempos dono de uma escrava que era uma tecedeira muito boa; os frutos do seu tear eram muito apreciados, não só em Meereen, mas em Nova Ghis, Astapor e Qarth. Quando essa mulher envelhecera, Grazdan comprara meia dúzia de raparigas e ordenara à velha que as instrísse nos segredos do seu ofício. A velha estava agora morta. As novas, libertadas, tinham aberto uma loja perto da muralha do porto para vender tecidos. Grazdan zo Galare pedia que lhe fosse outorgada uma porção dos seus lucros.

— Elas devem a mim a sua perícia — insistia. — Fui eu quem as arrancou ao recinto de leilões e as entregou ao tear.

Dany escutou em silêncio, com a cara imóvel. Quando ele terminou, disse:

— Como se chamava a velha tecedeira?

— A escrava? — Grazdan mudou o peso de um pé para o outro, franzindo o sobrolho. — Era... talvez fosse Elza. Ou Ella. Morreu há seis anos. Fui dono de tantos escravos, Vossa Graça.

— Digamos que era Elza. Eis a nossa decisão. Das raparigas, não obtereis nada. Foi Elza, não vós, quem lhes ensinou a tecer. De vós, as raparigas obterão um tear novo, o melhor que o dinheiro possa comprar. Isto é por vos esquecerdes do nome da velha.

Reznak teria chamado em seguida outro *tokar*, mas Dany insistiu para que chamasse um liberto. Daí em diante foi alternando entre os antigos amos e os antigos escravos. Eram mais do que muitos os assuntos que eram trazidos à sua consideração envolvendo reparações. Meereen fora brutalmente saqueada depois da queda. As pirâmides de degraus dos poderosos haviam sido poupadas ao pior das pilhagens, mas as partes mais humildes da cidade tinham sido entregues a uma orgia de saque e morte quando os escravos da cidade se revoltaram e as hordas esfomeadas que a seguiram desde Yunkai e Astapor jorraram através dos portões quebrados. Os seus Imaculados tinham acabado por restaurar a ordem, mas o saque deixara na sua esteira uma praga de problemas. E por esse motivo, eles vinham falar com a rainha.

Apareceu uma mulher rica, cujo marido e filhos tinham morrido a defender as muralhas da cidade. Durante o saque fugira para junto do irmão, com medo. Quando regressara, descobrira que a sua casa fora transformada num bordel. As rameiras tinham-se adornado com as suas joias e roupas. Queria a casa de volta e as joias também.

— Elas podem ficar com a roupa — concedeu. Dany atribuiu-lhe as joias, mas determinou que a casa fora perdida quando ela a abandonara.

Apareceu um antigo escravo, para acusar um certo nobre do Zhak. O homem tomara recentemente como esposa uma liberta que fora a aquecedora de cama do nobre antes de a cidade cair. O nobre tirara-lhe a virgindade, usara-a para seu prazer e deixara-a grávida. O novo marido queria que o nobre fosse castrado pelo crime de violação, e desejava também uma bolsa de ouro, para lhe pagar por criar o bastardo do nobre como seu. Dany concedeu-lhe o ouro, mas não a castração.

— Quando se deitou com ela, a tua mulher era propriedade dele, para fazer com ela o que quisesse. Por lei, não houve qualquer violação. — Dany viu que a decisão não agradou ao homem, mas se castrasse todos os que tinham forçado uma criada de cama depressa se veria a governar uma cidade de eunucos.

Apareceu um rapaz, mais novo do que Dany, franzino e com cicatrizes, vestido com um *tokar* cinzento e puído que arrastava uma fimbria de prata. A voz quebrou-se-lhe quando falou de como dois dos escravos domésticos do pai se tinham revoltado na noite em que o portão se quebrara. Um matara-lhe o pai, o outro o irmão mais velho. Ambos tinham violado a mãe antes de a matarem também. O rapaz escapara apenas com a cicatriz na cara, mas um dos assassinos continuava a viver na casa do pai e o outro juntara-se aos soldados da rainha como um dos Homens da Mãe. Queria vê-los a ambos enforcados.

*Sou rainha de uma cidade feita de poeira e morte.* Dany não teve alternativa a dizer-lhe que não. Declarara um perdão geral para todos os crimes cometidos durante o saque. E não iria punir escravos por se revoltarem contra os seus amos.

Quando lho disse, o rapaz correu para ela mas, aos seus pés, tropeçou no *tokar* e estatelou-se de cabeça sobre o mármore púrpura... Belwas, o Forte, caiu imediatamente sobre ele. O enorme eunuco castanho pô-lo em pé só com uma mão e sacudiu-o como um mastim a sacudir uma ratazana.

— Basta, Belwas — gritou Dany. — Liberta-o. — Ao rapaz, disse: — Estima esse *tokar*, porque te salvou a vida. Não passas de um rapaz, portanto, vamos esquecer o que aconteceu aqui. Devias fazer o mesmo. — Mas ao sair, o rapaz olhou-a por sobre o ombro, e quando lhe viu os olhos, Dany pensou: *a harpia tem mais um filho.*

Pelo meio-dia, Daenerys já sentia o peso da coroa na cabeça e a dureza do banco sob o corpo. Com tantas pessoas ainda a aguardar a sua vontade, não parou para comer. Mandou Jhiqui trazer das cozinhas uma bandeja de pão folha, azeitonas, figos e queijo. Foi mordiscando enquanto escutava, bebendo de uma taça de vinho aguado. Os figos eram bons, as azeitonas ainda melhores, mas o vinho deixou-lhe um travo amargo e metálico na boca. As uvas pequenas e de um amarelo claro, nativas daquelas regiões, produziam colheitas de qualidade notavelmente inferior. *Teremos de fazer comércio de vinho.* Além do mais, os Grandes Mestres tinham queimado os melhores pomares quando queimaram as oliveiras.

À tarde, apareceu um escultor, propondo substituir a cabeça da grande harpia de bronze na Praça da Purificação por outra moldada à imagem de Dany. Ela negou com o máximo de cortesia que conseguiu reunir. Um lúcio de um tamanho sem precedentes fora apanhado no Skahazadhan, e o pescador desejava oferecê-lo à rainha. Dany admirou o peixe com extravagância, recompensou o pescador com uma bolsa de prata e mandou o lúcio para as cozinhas. Um caldeireiro fizera-lhe uma armadura de anéis polidos para levar para a guerra. Aceitou-o com agradecimentos exagerados; era magnífico de contemplar, e todo aquele cobre polido relampejaria lindamente ao sol, embora preferisse estar vestida de aço se houvesse real ameaça de batalha. Até uma rapariguinha que nada sabia dos usos da guerra sabia *isso*.

Os chinelos que o Rei Carniceiro lhe enviara tinham-se tornado demasiado desconfortáveis. Dany descalçou-os com um pontapé, e sentou-se com um pé aconchegado debaixo do seu corpo e o outro a bandear para a frente e para trás. Não era uma pose lá muito régia, mas estava farta de ser régia. A coroa deixara-a com dor de cabeça, e as nádegas tinham-se-lhe adormecido.

— Sor Barristan — chamou — sei de que qualidade um rei mais precisa.

— Coragem, Vossa Graça?

— Nádegas de ferro — brincou. — Não faço nada a não ser sentar-me.

— Vossa Graça chama demasiado a si. Devíeis permitir que os vossos conselheiros partilhassem mais os vossos fardos.

— Tenho conselheiros a mais e almofadas a menos. — Dany virou-se para Reznak. — Quantos faltam?

— Vinte e três, se aprouver a Vossa Magnificência. Com igual número de reclamações. — O senescal consultou uns papéis. — Um vitelo e três cabras. O resto há de ser ovelhas ou carneiros, sem dúvida.

— Vinte e três. — Dany suspirou. — Os meus dragões desenvolve-

ram um gosto prodigioso por carneiro desde que começámos a pagar aos pastores por aquilo que matam. Essas reclamações foram provadas?

— Alguns homens trouxeram ossos queimados.

— Os homens fazem fogueiras. Os homens cozinham carneiro. Ossos queimados nada provam. O Ben Castanho diz que há lobos vermelhos nas colinas fora da cidade, bem como chacais e cães selvagens. Teremos de pagar boa prata por todos os carneiros que se perdem entre Yunkai e o Skahazadhan?

— Não, Magnificência. — Reznak fez uma vénia. — Devo mandar estes patifes embora, ou quereis vê-los açoitados?

Daenerys mexeu-se no banco.

— Nenhum homem deverá alguma vez ter medo de vir ter comigo. — Não duvidava de que algumas reclamações seriam falsas, mas as genuínas seriam mais. Os dragões tinham crescido demasiado para se contentarem com ratazanas, gatos e cães. *Quanto mais comerem, maiores ficarão*, avisara Sor Barristan, *e quanto maiores ficarem, mais comerão*. Drogon, em particular, vagueava até bastante longe e podia facilmente devorar uma ovelha por dia. — Pagai-lhes o valor dos seus animais — disse a Reznak — mas doravante os reclamantes terão de se apresentar no Templo das Graças e prestar um juramento sagrado perante os deuses de Ghis.

— Assim será feito. — Reznak virou-se para os peticionários. — Sua Magnificência, a Rainha, consentiu em compensar cada um de vós pelos animais que perdestes — disse-lhes, na língua ghiscariana. — Apresentai-vos amanhã aos meus agentes, e sereis pagos em dinheiro ou em géneros, como preferirdes.

A proclamação foi recebida num silêncio carrancudo. *Julgar-se-ia que eles ficariam mais contentes*, pensou Dany. *Obtiveram o que vieram buscar. Não haverá maneira de agradar a esta gente?*

Um homem deixou-se ficar para trás enquanto os outros enfileiravam para sair; um homem atarracado com uma cara queimada pelo vento, andrajosamente vestido. O seu cabelo era um barrete de ásperos fios negros arruivados, cortado em volta das orelhas, e segurava numa mão um saco de pano miserável. Mantinha-se de cabeça baixa, fitando o chão de mármore como se se tivesse esquecido de onde estava. *E que quer este?*, perguntou Dany a si própria.

— *Ajoelhai todos para Daenerys Filha da Tormenta, a Não-Queimada, Rainha de Meereen, Rainha dos Andalos e dos Roinares e dos Primeiros Homens, Khaleesi do Grande Mar de Erva, Quebradora de Correntes e Mãe de Dragões.* — gritou Missandei na sua voz aguda e suave.

Quando Dany se pôs em pé, o seu *tokar* começou a deslizar. Apanhou-o e voltou a pô-lo no lugar.

— Tu com o saco — chamou — querias falar connosco? Podes aproximar-te.

Quando ele ergueu a cabeça, tinha os olhos vermelhos e em carne viva como chagas abertas. Dany vislumbrou Sor Barristan a deslizar para mais perto, uma sombra branca a seu lado. O homem aproximou-se arrastando os pés como quem tropeça, um passo e depois outro, agarrando-se ao saco. *Estará bêbado ou doente?*, perguntou a si própria. Havia terra por baixo das unhas rachadas e amarelas do homem.

— O que é? — perguntou Dany. — Tens alguma injustiça para nos apresentar, alguma petição a fazer? O que queres de nós?

A língua do homem passou nervosamente por lábios gretados e estalados.

— Eu... eu trouxe...

— Ossos? — disse ela com impaciência. — Ossos queimados?

Ele ergueu o saco e derramou o seu conteúdo no mármore.

E eram ossos, ossos partidos e enegrecidos. Os mais longos tinham sido partidos para a obtenção da medula.

— Foi o preto — disse o homem, com um rosnido ghiscariano — a sombra alada. Desceu do céu e... e...

*Não.* Dany estremeceu. *Não, não, oh não.*

— Estás surdo, palerma? — perguntou Reznak mo Reznak ao homem. — Não ouviste a minha proclamação? Apresenta-te amanhã aos meus agentes e as ovelhas ser-te-ão pagas.

— Reznak — disse Sor Barristan em voz baixa — domina a língua e abre os olhos. Aquilo não são ossos de ovelha.

*Pois não,* pensou Dany, *aquilo são os ossos de uma criança.*

O lobo branco corria através de uma floresta negra, sob um penhasco branco tão alto como o céu. A lua corria com ele deslizando através de um emaranhado de ramos nus por cima da sua cabeça, no céu estrelado.— Snow — murmurou a Lua. O lobo não deu resposta. A neve rangia sob as suas patas. O vento suspirava por entre as árvores.

À distância, conseguia ouvir os seus companheiros de alcateia a chamá-lo, de igual para igual. Também andavam à caça. Uma violenta chuva fustigava o irmão negro enquanto ele dilacerava a carne de uma enorme cabra, lavando o sangue do seu flanco onde o longo corno da cabra o rasgara. Noutro local, a irmãzinha erguia a cabeça para cantar à Lua, e uma centena de pequenos primos cinzentos interrompiam a caçada para cantar com ela. As colinas eram mais quentes onde eles se encontravam, e estavam cheias de comida. Muitas eram as noites em que a alcateia da irmã se empanturrava com a carne de ovelhas, vacas e cavalos, as presas dos homens, e às vezes até com a carne do próprio homem.

— Snow — voltou a Lua a chamar, casquinando. O lobo branco avançou ao longo do trilho de homem por baixo do penhasco branco. Tinha sabor a sangue na língua, e os ouvidos ressoavam com a canção dos cem primos. Em tempos tinham sido seis, cinco a ganir, cegos, na neve junto da mãe morta, enquanto ele se afastara sozinho. Restavam quatro... e um deles o lobo branco deixara de conseguir detetar.

— Snow — insistiu a Lua.

O lobo branco fugiu dela, correndo na direção da gruta da noite onde o Sol se escondera, com a respiração a gelar no ar. Em noites sem estrelas, o grande penhasco era tão negro como pedra, uma escuridão que se erguia bem alto acima do vasto mundo, mas quando a Lua emergia cintilava branco e gélido como um ribeiro congelado. A pelagem do lobo era grossa e hirsuta, mas quando o vento soprava ao longo do gelo não havia pelos capazes de manter o frio afastado. O lobo sentia que do outro lado o vento era ainda mais frio. Era aí que estava o irmão, o irmão cinzento que cheirava a verão.

— Snow. — Um pingente caiu de um ramo. O lobo branco virou-se e descobriu os dentes — *Snow!* — a sua pelagem ergueu-se, eriçada, enquanto a floresta se dissolvia à volta. — *Snow, snow, snow!* — Ouviu o bater de asas. Através das sombras um corvo voou.

Aterrou no peito de Jon Snow com estrondo e um raspar de garras.

— *SNOW!* — gritou-lhe na cara.

— Estou a ouvir-te. — O quarto estava escuro, a sua enxerga dura. Uma luz cinzenta infiltrava-se através das portadas, prometendo outro dia lúgubre e frio. — Era assim que acordavas o Mormont? Tira as penas da minha cara. — Jon contorceu um braço para fora das mantas para enxotar o corvo. Era um pássaro grande, velho, ousado e com mau aspeto, totalmente desprovido de medo.

— *Snow* — gritou, esvoaçando até ao poste da cama. — *Snow, snow.* — Jon encheu o punho com uma almofada e arremessou-a, mas a ave levantou voo. A almofada atingiu a parede e rebentou, espalhando enchimento por todo o lado no preciso momento em que a cabeça de Edd Tollett assomava na porta.

— Perdão — disse, ignorando a confusão de penas — devo ir buscar um pouco de pequeno-almoço para o s'nhor?

— *Grão* — gritou o corvo. — *Grão, grão.*

— Corvo assado — sugeriu Jon. — E meio quartilho de cerveja. — Ter um intendente para lhe ir buscar coisas e o servir ainda lhe parecia estranho; não havia muito tempo, teria sido ele a ir buscar o pequeno-almoço para o Senhor Comandante Mormont.

— Três grãos e um corvo assado — disse o Edd Doloroso. — Muito bem, s'nhor, só que o Hobb fez ovos cozidos, morcela e maçãs estufadas com ameixas secas. As maçãs estufadas com ameixas estão excelentes, à parte as ameixas. Eu não como ameixas secas. Bem, houve uma altura em que o Hobb as cortou com castanhas e cenouras e as escondeu numa galinha. Nunca confieis num cozinheiro, senhor. Deixam-vos engalinhado quando menos o esperades.

— Mais tarde. — O pequeno-almoço podia esperar; Stannis não. — Algum problema nas paliçadas ontem à noite?

— Desde que pusemos guardas a guardar os guardas não há problemas, s'nhor.

— Ótimo. — Mil selvagens tinham sido encurralados do lado de lá da Muralha, os cativos que Stannis Baratheon fizera quando os seus cavaleiros esmagaram a hoste em retalhos de Mance Rayder. Muitos dos prisioneiros eram mulheres, e alguns dos guardas tinham andado a fazê-las sair à socapa para lhes aquecerem as camas. Homens do rei, homens da rainha, não parecia fazer diferença; alguns irmãos negros tinham tentado o mesmo. Homens são homens, e aquelas eram as únicas mulheres em mil léguas.

— Apareceram mais dois selvagens para se renderem — prosseguiu Edd. — Uma mãe com uma rapariga agarrada às saias. Tinha também um bebé, todo enfaixado em peles, mas estava morto.

— *Morto* — disse o corvo. Era umas das palavras favoritas da ave. — *Morto, morto, morto.*

Aparecia povo livre quase todas as noites, criaturas esfaimadas e meio congeladas que tinham fugido da batalha junto à Muralha só para rastejarem de volta depois de se aperceberem de que não havia lugar seguro para onde fugir.

— A mãe foi interrogada? — perguntou Jon. Stannis Baratheon tinha esmagado a hoste de Mance Rayder e tornara o Rei-para-lá-da-Muralha seu cativo... mas os selvagens continuavam lá fora, o Chorão, e Tormund Terror dos Gigantes e milhares de outros.

— Sim, s'nhor — disse Edd — mas só sabe que fugiu durante a batalha e se escondeu depois na floresta. Enchemo-la de papas de aveia, mandámo-la para os currais e queimámos o bebé.

Queimar crianças mortas já deixara de perturbar Jon Snow; as vivas eram outra coisa. *Dois reis para despertar o dragão. Primeiro o pai e depois o filho, para que ambos morram reis.* As palavras tinham sido murmuradas por um dos homens da rainha enquanto o Mestre Aemon lhe cosia os ferimentos. Jon tentara ignorá-las julgando-as conversa febril. Aemon objetara.

— Há poder no sangue de um rei — avisara o velho mestre — e homens melhores do que Stannis fizeram coisas piores do que esta. — *O rei pode ser duro e implacável, sim, mas um bebé ainda de peito? Só um monstro entregaria às chamas uma criança viva.*

Jon mijou na escuridão, enchendo o penico enquanto o corvo do Velho Urso resmungava queixas. Os sonhos de lobo tinham andado a tornar-se mais fortes, e dava por si a lembrar-se deles mesmo acordado. *O Fantasma sabe que o Vento Cinzento está morto.* Robb morrera nas Gémeas, traído por homens que julgava amigos, e o seu lobo perecera com ele. Bran e Rickon tinham também sido assassinados, decapitados por ordem de Theon Greyjoy, que fora em tempos protegido do senhor seu pai... mas se os sonhos não mentiam, os lobos selvagens de ambos tinham escapado. Em Corodarrainha, um deles saíra das trevas para salvar a vida de Jon. *Tinha de ter sido o Verão. A sua pelagem era cinzenta, e a de Cão-Felpudo é preta.* Perguntou a si próprio se alguma parte dos seus irmãos mortos continuaria a viver dentro dos respetivos lobos.

Encheu a bacia a partir do jarro de água que tinha ao lado da cama, lavou a cara e as mãos, vestiu um conjunto limpo de lãs negras, atou um justilho negro de couro e calçou um par de botas bem usadas. O corvo de Mormont observou com astutos olhos negros, após o que esvoaçou até à janela.

— Tomas-me por teu servo? — quando Jon abriu a janela com as grossas vidraças em forma de diamante de vidro amarelo, o frio da manhã

bateu-lhe no rosto. Respirou fundo para afastar as teias de aranha da noite enquanto o corvo batia as asas e se afastava. *Aquela ave é muito mais esperta do que devia ser.* Fora o companheiro do Velho Urso durante longos anos, mas isso não o impedira de comer o rosto de Mormont quando este morrera.

Fora do seu quarto, um lanço de escadas descia até uma sala maior mobilada com uma mesa de pinho cheia de marcas e uma dúzia de cadeiras de carvalho e couro. Com Stannis na Torre do Rei e a Torre do Senhor Comandante transformada numa casca por um incêndio, Jon instalara-se nos modestos aposentos de Donal Noye por trás do armeiro. A seu tempo, sem dúvida, precisaria de instalações maiores, mas de momento aquelas serviriam, enquanto se acostumava ao comando.

A outorga que o rei lhe apresentara para assinar estava na mesa por baixo de uma taça de prata que fora em tempos de Donal Noye. O ferreiro maneta deixara poucos objetos pessoais: a taça, seis dinheiros e uma estrela de cobre, um broche de nígelo com o pregador partido, um gibão bafiento de brocado que ostentava o veado de Ponta Tempestade. *Os tesouros dele eram as ferramentas e as espadas e facas que fazia. A sua vida residia na forja.* Jon pôs a taça de lado e voltou a ler o pergaminho. *Se eu apuser o meu selo a isto, serei para sempre lembrado como o senhor comandante que entregou a Muralha,* pensou, *mas se recusar...*

Stannis Baratheon estava a mostrar-se um hóspede suscetível e irrequieto. Cavalgara pela estrada do rei quase até Corodarrainha, passeara-se por entre as cabanas vazias de Vila Toupeira, inspecionara os fortes arruinados de Portão da Rainha e Escudorroble. Todas as noites caminhava pelo topo da Muralha com a Senhora Melisandre, e durante os dias visitava as paliçadas, escolhendo cativos para a mulher vermelha interrogar. *Ele não gosta de ser contrariado.* Aquela não seria uma manhã agradável, temeu Jon.

Do armeiro vinha um retinir de escudos e espadas feito pelo último grupo de rapazes e recrutas em bruto que se armava. Jon ouviu a voz do Emmett de Ferro a dizer-lhes para se despacharem. Cotter Pyke não ficara satisfeito por perdê-lo, mas o jovem patrulheiro tinha um dom para treinar homens. *Ele adora combater, e irá ensinar os seus rapazes a gostar também.* Pelo menos era a esperança que tinha.

O manto de Jon estava pendurado de uma cavilha ao lado da porta, o cinturão da espada de outra. Envervou-os a ambos e saiu para o armeiro. Viu que o tapete em que o Fantasma dormia estava vazio. Dois guardas estavam à porta, do lado de dentro, vestidos com mantos pretos e meios elmos de ferro, com lanças nas mãos.

— O s'nhor vai querer uma escolta? — perguntou Garse.

— Acho que consigo encontrar a Torre do Rei sozinho. — Jon detes-

tava ter guardas a segui-lo para onde quer que fosse. Fazia-o sentir-se como uma mãe pata a levar atrás uma procissão de patinhos.

Os rapazes do Emmett de Ferro estavam em plena atividade no pátio, atirando espadas embotadas contra escudos e fazendo-as ressoar umas nas outras. Jon parou para observar no momento em que o Cavalo empurrava o Pisco-Saltitão para o poço. Decidiu que o Cavalo tinha as características de um bom combatente. Era forte e estava a tornar-se mais forte, e os seus instintos eram bons. O Pisco-Saltitão era outra história. O pé aleijado já era suficientemente mau, mas, além disso, também tinha medo de ser atingido. *Talvez consigamos fazer dele um intendente.* O combate terminou de forma abrupta, com o Pisco-Saltitão no chão.

— Bem lutado — disse Jon ao Cavalo — mas baixas demasiado o escudo quando pressionas no ataque. Vais querer corrigir isso, senão é provável que isso te mate.

— Sim, s'nhor. Da próxima vez mantenho-o mais alto. — O Cavalo pôs o Pisco-Saltitão de pé, e o homem mais pequeno fez uma vénia desajeitada.

Alguns dos cavaleiros de Stannis estavam a praticar do outro lado do pátio. *Homens do rei num canto e homens da rainha no outro*, não deixou Jon de notar, *mas só alguns. Está frio demais para a maioria.* Enquanto passava por eles a passos largos, uma voz trovejante chamou-o.

— RAPAIZ! TU AÍ! RAPAIZ!

“Rapaz” não era a pior das coisas que tinham chamado a Jon Snow desde que fora escolhido como senhor comandante. Ignorou-o.

— Snow — insistiu a voz — *Senhor Comandante.*

Desta vez parou.

— Sor?

O cavaleiro era quinze centímetros mais alto do que ele.

— Um homem que anda com aço valiriano devia usá-lo para mais do que coçar o cu.

Jon já vira aquele tipo no castelo; um cavaleiro de grande renome, segundo ele próprio contava. Durante a batalha à sombra da Muralha, Sor Godry Ferring matara um gigante em fuga, atacando-o a cavalo e enfian-do-lhe uma lança nas costas, desmontando em seguida para cortar a cabeça lamentavelmente pequena da criatura. Os homens da rainha tinham começado a chamar-lhe Godry, o Mata-Gigantes.

Jon lembrou-se de Ygritte, a gritar. *Sou o último dos gigantes.*

— Uso a Garralonga quando tenho de a usar, sor.

— Mas com que perícia? — Sor Godry puxou pela sua espada. — Mostra-nos. Prometo não te magoar, rapaz.

*Que gentil da tua parte.*

— Noutra altura, sor. Temo que tenha outros deveres a cumprir neste momento.

— Temes. Estou a ver que sim. — Sor Godry dirigiu um sorriso aos amigos. — Ele teme — repetiu para os lentos.

— Com licença. — Jon mostrou-lhes as costas.

Castelo Negro parecia um lugar desolado e abandonado à pálida luz da aurora. *O meu comando*, refletiu Jon Snow com tristeza, *é tanto ruína como fortificação*. A Torre do Senhor Comandante era uma casca, a Sala Comum uma pilha de madeira enegrecida, e a Torre de Hardin parecia poder ser derrubada pela próxima rajada de vento... embora tivesse esse aspeto há anos. Por trás erguia-se a Muralha: imensa, ameaçadora, frígida, cheia de construtores que faziam subir uma nova escada em ziguezague para se ir juntar aos restos da antiga. Trabalhavam da aurora ao ocaso. Sem a escada não havia maneira de chegar ao topo da Muralha, exceto através do guincho. Não seria suficiente se os selvagens voltassem a atacar.

Por cima da Torre do Rei, o grande estandarte de batalha dourado da Casa Baratheon estalava como um chicote do telhado que Jon Snow patrulhara de arco na mão não havia muito tempo, matando Thenns e membros do povo livre ao lado de Cetim e do Surdo Dick Follard. Dois homens da rainha estavam em pé, a tremer, nas escadas, com as mãos enfiadas nos sovacos e as lanças encostadas à porta.

— Essas luvas de tecido nunca servirão — disse-lhes Jon. — Procuraí Bowen Marsh amanhã, e ele dará a cada um um par de luvas de couro forradas de pele.

— Procuraremos, s'nhor, e obrigado — disse o guarda mais velho.

— Isso se a porcaria das nossas mãos não tiver congelado até lá — acrescentou o mais novo, com a respiração transformada numa névoa pálida. — Costumava pensar que na Marca de Dorne fazia frio. Que sabia eu?

*Nada*, pensou Jon Snow, *tal como eu*.

A meio da subida pela escada em caracol, encontrou Samwell Tarly, que a descia.

— Vens de falar com o rei? — perguntou-lhe Jon.

— O Mestre Aemon enviou-me com uma carta.

— Estou a ver. — Alguns senhores confiavam nos mestres para lhes lerem as cartas e transmitirem-lhes os respetivos conteúdos, mas Stannis insistia em quebrar pessoalmente os selos. — Como foi que Stannis a encarou?

— Não com alegria, ajuizando pela cara que fez. — Sam baixou a voz até a transformar num sussurro. — Não devo falar do assunto.

— Então não fales. — Jon perguntou a si próprio qual dos vassalos do pai teria recusado jurar obediência ao Rei Stannis daquela vez. *Ele foi*

*bastante rápido em espalhar a notícia quando Karhold lhe declarou o seu apoio.* — Que tal te estás tu a dar com o teu arco?

— Encontrei um bom livro sobre o tiro com arco. — Sam franziu o sobrolho. — Mas fazê-lo é mais difícil do que ler sobre o assunto. Fico com bolhas nas mãos.

— Insiste. Podemos vir a precisar do teu arco na Muralha se os Outros aparecerem alguma noite escura.

— Oh, espero que não.

Mais guardas estavam à porta do aposento privado do rei.

— Não são permitidas armas na presença de Sua Graça, senhor — disse o sargento. — Vou querer essa espada. As facas também. — Jon sabia que de nada serviria protestar. Entregou-lhes as suas armas.

No interior do aposento privado, o ar estava quente. A Senhora Melisandre estava sentada junto da lareira, com o rubi a cintilar contra a pele pálida da sua garganta. Ygritte fora beijada pelo fogo; a sacerdotisa vermelha *era* fogo, e o seu cabelo era sangue e chamas. Stannis estava em pé atrás da mesa tosca onde o Velho Urso costumava sentar-se e tomar as refeições. Um grande mapa do norte cobria a mesa, pintado num bocado esfarrapado de pele. Uma vela de sebo prendia com o seu peso uma ponta do mapa, uma manopla de aço a outra.

O rei usava bragas de lã de ovelha e um gibão acolchoado, mas conseguia de algum modo parecer tão hirto e desconfortável como se estivesse vestido de cota de malha e placa de aço. A sua pele era couro branco, a barba estava cortada tão curta que podia ter sido pintada. Uma orla em volta das têmporas era tudo o que restava do cabelo negro. Na mão tinha um pergaminho com um selo quebrado de cera verde escura.

Jon caiu sobre um joelho. O rei franziu-lhe o sobrolho e sacudiu o pergaminho com um ar zangado.

— Erguei-vos. Dizei-me, quem é *Lyanna Mormont*?

— Uma das filhas da Senhora Maegh. Senhor. A mais nova. Recebeu o nome em honra da irmã do senhor meu pai.

— Para procurar captar as boas graças do senhor vosso pai, sem dúvida. Sei como se joga esse jogo. Que idade tem esta maldita rapariga?

Jon teve de pensar por um momento.

— Dez anos. Ou tão perto disso que não faz diferença. Posso saber como foi que ela ofendeu Vossa Graça?

Stannis leu um trecho da carta.

— *A Ilha dos Ursos não conhece nenhum rei, exceto o Rei no Norte, cujo nome é STARK.* Uma rapariga de dez anos, dizeis, e ousa ralhar com o seu legítimo rei. — A barba cortada curta estendia-se como uma sombra por cima das suas bochechas encovadas. — Assegurai-vos de guardar para

vós estas notícias, Lorde Snow. Karhold está comigo, isso é tudo o que os homens precisam de saber. Não quero que os vossos irmãos troquem histórias sobre como esta criança cuspiu em mim.

— Às vossas ordens, senhor. — Jon sabia que Maege Mormont partiria para sul com Robb. A filha mais velha juntara-se também à hoste do Jovem Lobo. Contudo, mesmo que ambas tivessem morrido, a Senhora Maege tinha outras filhas, algumas com filhos seus. Teriam elas também ido com Robb? Decerto que a Senhora Maege teria deixado para trás pelo menos uma das raparigas mais velhas como castelã. Não compreendia porque haveria Lyanna de estar a escrever a Stannis, e não conseguia evitar interrogar-se sobre se a resposta da rapariga poderia ter sido diferente se a carta tivesse sido selada com um lobo gigante em vez de um veado coroado, e assinada por Jon Stark, Senhor de Winterfell. *É tarde demais para tais dúvidas. Fizeste a tua escolha.*

— Foram enviadas duas vintenenas de corvos — queixou-se o rei — mas não obtemos respostas que não sejam silêncio e desafio. A obediência é o dever de todos os súbditos leais para com o seu rei. Mas todos os vassallos do vosso pai me viram as costas, à exceção dos Karstark. Será Arnolf Karstark o único homem de honra no norte?

Arnolf Karstark era tio do falecido Lorde Rickard. Fora nomeado castelão de Karhold quando o sobrinho e os filhos partiram para sul com Robb, e fora o primeiro a responder à exigência de obediência do Rei Stannis, com um corvo declarando a sua submissão. *Os Karstark não têm alternativa*, podia ter dito Jon. Rickard Karstark traíra o lobo gigante e derramara o sangue de leões. O veado era a única esperança de Karhold.

— Em tempos tão confusos como estes, até os homens de honra têm de perguntar a si próprios em que reside o seu dever. Vossa Graça não é o único rei no reino a exigir obediência.

A Senhora Melisandre mexeu-se.

— Dizei-me, Lorde Snow... onde estavam esses outros reis quando a gente selvagem atacou a vossa Muralha?

— A mil léguas de distância e surdos para as nossas necessidades — respondeu Jon. — Não me esqueci disso, senhora. Nem esquecerei. Mas os vassallos do meu pai têm esposas e filhos a proteger, e plebeus que morrerão se eles fizerem a escolha errada. Sua Graça pede-lhes muito. Dai-lhes tempo, e obtereis as vossas respostas.

— Respostas como esta? — Stannis esmagou a carta de Lyanna no punho.

— Até no norte os homens temem a ira de Tywin Lannister. Os Bolton também dão maus inimigos. Não foi o acaso que lhes pôs um homem esfolado nos estandartes. O norte cavalgou com Robb, sangrou com ele,

morreu por ele. Jantaram desgosto e morte, e agora vós vindes oferecer-lhes mais do mesmo. Censurai-los por se mostrarem relutantes? Perdoai-me, Vossa Graça, mas alguns olharão para vós e verão apenas outro pretendente condenado ao fracasso.

— Se Sua Graça está condenado, o vosso reino também está condenado — disse a Senhora Melisandre. — Lembrai-vos disso, Lorde Snow. É o único verdadeiro rei de Westeros que está na vossa frente.

Jon manteve a cara numa máscara.

— É como dizeis, senhora.

Stannis soltou uma fungadela.

— Gastais as vossas palavras como se cada uma fosse um dragão de ouro. Interrogo-me sobre quanto ouro tereis posto de parte.

— Ouro? — *Serão esses os dragões que a mulher vermelha pretende despertar? Dragões feitos de ouro?* — os impostos que recolhemos são pagos em géneros, Vossa Graça. A Patrulha é rica em nabos, mas pobre em moedas.

— Não é provável que nabos apaziguem Salladhor Saan. Preciso de ouro ou prata.

— Para isso precisais de Porto Branco. A cidade não se pode comparar com Vilavelha ou Porto Real, mas é, mesmo assim, um porto próspero. O Lorde Manderly é o mais rico dos vassalos do senhor meu pai.

— O Lorde Gordo-Demais-Para-Montar-a-Cavalo. — A carta que o Lorde Wyman Manderly enviara de Porto Branco falara da sua idade e debilidade e de pouco mais. Stannis ordenara a Jon para também não falar dessa.

— Talvez sua senhoria goste de uma esposa selvagem — disse a Senhora Melisandre. — Esse gordo é casado, Lorde Snow?

— A senhora sua esposa está há muito morta. O Lorde Wyman tem dois filhos adultos e netos, filhos do mais velho. E é gordo demais para montar a cavalo, pelo menos duzentos quilos. Val nunca o aceitaria.

— Por uma vez podíeis tentar dar-me uma resposta que me agradasse, Lorde Snow — resmungou o rei.

— Tinha a esperança de que a verdade vos agradasse, senhor. Os vossos homens chamam princesa a Val, mas para o povo livre ela é apenas a irmã da esposa morta do seu rei. Se a forçardes a casar com um homem que não deseja, é provável que lhe corte a garganta na noite de núpcias. Mesmo se aceitar o marido, isso não quer dizer que os selvagens o sigam, ou a vós. O único homem que os pode ligar à vossa causa é Mance Rayder.

— Eu sei disso — disse Stannis com um ar infeliz. — Passei horas a conversar com o homem. Ele sabe muitíssimo sobre o nosso verdadei-

ro inimigo, e há nele astúcia, admito. Mas mesmo se renunciasse à coroa, o homem continua a ser um perjuro. Se tolerardes que um desertor viva, encorajareis outros a desertar. Não. As leis devem ser feitas de ferro, não de pudim. Mance Rayder perdeu o direito à vida por todas as leis dos Sete Reinos.

— A lei termina na Muralha, Vossa Graça. Podíeis fazer bom uso de Mance.

— Pretendo fazê-lo. Vou *queimá-lo*, e o norte verá como lido com vira-mantos e traidores. Tenho outros homens para liderar os selvagens. E tenho o filho de Rayder, não vos esqueçais. Uma vez que o pai morra, a sua cria será Rei-para-lá-da-Muralha.

— Vossa Graça engana-se. — *Não sabes nada, Jon Snow*, costumava dizer Ygritte, mas ele aprendera. — O bebé não é mais príncipe do que Val é princesa. Uma pessoa não se torna Rei-para-lá-da-Muralha por causa de quem era o seu pai.

— Ótimo — disse Stannis — porque não tolerarei outros reis em Westeros. Assinastes a outorga?

— Não, Vossa Graça. — *E aí vem*. Jon fechou os dedos queimados e voltou a abri-los. — Pedis demasiado.

— *Pedir?* Eu *pedi-vos* para serdes Senhor de Winterfell e Protetor do Norte. *Exijo* esses castelos.

— Cedemos-vos Fortenoite.

— Ratazanas e ruínas. É um presente de avarento que nada custa a quem o dá. O vosso próprio homem, Yarwyck, diz que levará meio ano até que o castelo possa ficar pronto para habitar.

— Os outros fortes não estão em melhor estado.

— Sei disso. Não importa. São tudo o que temos. Há dezanove fortes ao longo da Muralha, e tendes homens apenas em três deles. Tenciono ter todos de novo guarnecidos antes de o ano acabar.

— Não levanto qualquer objeção a isso, senhor, mas também se diz que pretendeis ceder esses castelos aos vossos cavaleiros e senhores, para os defenderem como seus feudos enquanto vassalos de Vossa Graça.

— Espera-se dos reis que sejam generosos para com os seus seguidores. Será que o Lorde Eddard não ensinou nada ao seu bastardo? Muitos dos meus cavaleiros e senhores abandonaram terras ricas e castelos robustos no sul. Deverá a sua lealdade ficar por recompensar?

— Se Vossa Graça desejar perder todos os vassalos do senhor meu pai, não há maneira mais certa do que dando palácios nortenhos a senhores do sul.

— Como posso eu perder homens que não tenho? Se bem vos lembrais, tive a esperança de outorgar Winterfell a um nortenho. A um filho de

Eddard Stark. Ele atirou-me a oferta à cara. — Stannis Baratheon com uma desfeita era como um mastim com um osso; roía-a até a fazer em lascas.

— Pelo direito, Winterfell deve passar para a minha irmã Sansa.

— Referis-vos à Senhora Lannister? Estais assim tão ansioso por ver o Duende empoleirado no cadeirão do vosso pai? Prometo-vos que tal coisa não acontecerá enquanto eu for vivo, Lorde Snow.

Jon sabia que não valia a pena insistir naquele ponto.

— Senhor, alguns afirmam que pretendeis atribuir terras e castelos ao Lorigão de Chocalho e ao Magnar de Thenn.

— Quem vos disse isso?

O falatório ouvia-se em todo o Castelo Negro.

— Se tendes de saber, quem me contou a história foi Gilly.

— Quem é essa *Gilly*?

— A ama-de-leite — disse a Senhora Melisandre. — Vossa Graça concedeu-lhe liberdade de castelo.

— Mas não para andar a contar histórias. Ela é desejada pelas tetas, não pela língua. Quero dela mais leite e menos *mensagens*.

— Castelo Negro não tem falta de bocas inúteis — concordou Jon. — Vou mandar Gilly para sul no próximo navio a partir de Atalaiaeste.

Melisandre tocou o rubi que trazia ao pescoço.

— Gilly tem dado de mamar não só ao seu filho, como ao de Dalla. Parece cruel da vossa parte separar o nosso pequeno príncipe do seu irmão de leite, senhor.

*Agora cuidado, cuidado.*

— Tudo o que partilham é o leite materno. O filho de Gilly é maior e mais robusto. Pontapeia o príncipe e belisca-o e afasta-o do seio. O pai dele foi Craster, um homem cruel e ganancioso, e o sangue revela-se.

O rei estava confuso.

— Julgava que a ama-de-leite era *filha* desse tal Craster...

— Era filha e esposa, Vossa Graça. O Craster casava com todas as filhas. O filho de Gilly foi o fruto dessa união.

— Foi o próprio *pai* que gerou nela a criança? — Stannis parecia chocado. — Então é bom vermo-nos livres dela. Não tolerarei tais abominações aqui. Isto não é Porto Real.

— Posso encontrar outra ama-de-leite. Se não houver nenhuma entre os selvagens, pedirei aos clãs da montanha. Até essa altura, o leite de cabra deverá ser suficiente para o rapaz, se aprover a Vossa Graça.

— Pobre alimentação para um príncipe... mas melhor do que leite de rameira, sim. — Stannis fez tamborilar os dedos no mapa. — Se pudermos regressar à questão destes fortes...

— Vossa Graça — disse Jon, com gélida cortesia — eu abriguei os

vossos homens e alimentei-os, a um custo terrível para as nossas provisões de inverno. Vesti-os para não congelarem.

Stannis não se mostrou apaziguado.

— Sim, partilhastes o porco salgado e as papas de aveia, e atiraste-nos para cima uns trapos pretos para nos mantermos quentes. Trapos que os selvagens teriam tirado aos vossos cadáveres se eu não tivesse vindo para norte.

Jon ignorou aquilo.

— Dei-vos ração para os cavalos e, depois de a escada estar pronta, emprestar-vos-ei construtores para restaurar Fortenoite. Até concordei em permitir-vos instalar selvagens na Dádiva, que foi oferecida à Patrulha da Noite para todo o sempre.

— Ofereceis-me terras vazias e desolações, negais-me os castelos de que preciso para recompensar os meus senhores e vassalos.

— Foi a Patrulha da Noite que construiu esses castelos...

— E foi a Patrulha da Noite que os abandonou.

— ... para defender a Muralha — concluiu obstinadamente Jon — não como sedes para senhores do sul. A argamassa que une as pedras desses fortes foi feita com o sangue e os ossos dos meus irmãos, há muito mortos. Não vo-los posso dar.

— Não podeis ou não quereis? — os tendões no pescoço do rei projetavam-se, aguçados como espadas. — Ofereci-vos um nome.

— Eu tenho um nome, Vossa Graça.

— Snow. Terá alguma vez havido nome de pior agouro? — Stannis tocou o cabo da sua espada. — Quem, ao certo, julgais vós que sois?

— O vigilante nas muralhas. A espada na escuridão.

— Não papagueeis as vossas palavras comigo. — Stannis puxou pela espada a que chamava Luminífera. — A vossa espada na escuridão está *aqui*. — Luz ondulou ao longo da lâmina, para cima e para baixo, ora vermelha, ora amarela, logo cor de laranja, pintando a cara do rei com tonalidades duras e brilhantes. — Até um rapaz inexperiente devia ser capaz de ver isso. Sois cego?

— Não, senhor. Concordo que esses castelos devem ser guarnecidos...

— O rapaz comandante concorda. Que sorte.

— ... pela Patrulha da Noite.

— *Vós não tendes homens suficientes.*

— Então dai-mos, senhor. Fornecerei oficiais para cada um dos fortes abandonados, comandantes experientes que conhecem a Muralha e as terras para lá dela, e como melhor sobreviver ao inverno que se aproxima. Em troca de tudo o que vos demos, forneci-me os homens para preencher

as guarnições. Homens-de-armas, besteiros, rapazes em bruto. Até aceitarei os vossos feridos e enfermos.

Stannis fitou-o, incrédulo, e depois soltou uma gargalhada.

— Sois bastante ousado, Snow, reconheço, mas, se julgais que os meus homens vão vestir o negro, estais louco.

— Podem vestir mantos das cores que preferirem, desde que obedeam aos meus oficiais como obedeceriam aos vossos.

O rei mostrou-se intransigente.

— Tenho cavaleiros e senhores ao meu serviço, rebentos de Casas nobres antigas em honra. Não pode esperar-se deles que sirvam às ordens de larápios, camponeses e assassinos.

*Ou bastardos, senhor?*

— O vosso próprio Mão é um contrabandista.

— *Era* um contrabandista. Encurtei-lhe os dedos por isso. Disse-ram-me que sois o nongentésimo nonagésimo oitavo homem a comandar a Patrulha da Noite, Lorde Snow. Que achais que o nongentésimo nonagésimo nono poderá dizer sobre esses castelos? A visão da vossa cabeça num espigão pode inspirá-lo a ser mais prestável. — O rei pousou a brilhante espada no mapa, ao longo da muralha, com o aço a tremeluzir como luz do sol em água. — O único motivo por que sois senhor comandante é eu tolerá-lo. Faríeis bem em lembrar-vos disso.

— Eu sou senhor comandante porque os meus irmãos me escolheram. — Havia manhãs em que o próprio Jon Snow não acreditava bem no facto, quando acordava a pensar que aquilo devia ser, sem dúvida, um sonho louco qualquer. *É como vestir roupa nova*, dissera-lhe Sam. *A princípio o corte parece estranho, mas depois de a usares durante algum tempo acabas por te sentir confortável.*

— Alliser Thorne queixa-se da forma da vossa escolha, e não posso dizer que ele não tem razão de queixa. — O mapa estendia-se entre os dois como um campo de batalha, encharcado nas cores da espada cintilante. — A contagem foi feita por um *cego* com o vosso amigo gordo a seu lado. E Slynt chama-vos vira-mantos.

*E quem o saberia melhor do que Slynt?*

— Um vira-mantos dir-vos-ia o que quereis ouvir e trair-vos-ia mais tarde. Vossa Graça sabe que eu fui escolhido com justiça. O meu pai sempre disse que éreis um homem justo. — *Justo mas rígido* tinham sido as palavras exatas do Lorde Eddard, mas a Jon não parecia que fosse sensato partilhar esse facto.

— O Lorde Eddard não foi meu amigo, mas não era desprovido de algum juízo. Ele ter-me-ia dado esses castelos.

*Nunca.*

— Não posso falar do que o meu pai podia ter feito. Prestei um juramento, Vossa Graça. A Muralha é minha.

— Por agora. Veremos quão bem a defendereis. — Stannis apontou para ele. — Ficai com as vossas ruínas, visto que significam tanto para vós. Mas prometo-vos que se alguma continuar vazia quando o ano terminar, eu ocupá-la-ei com a vossa licença ou sem ela. E se alguma cair nas mãos do inimigo, a vossa cabeça depressa a seguirá. E agora sai.

A Senhora Melisandre ergueu-se do seu lugar junto da lareira.

— Com a vossa licença, senhor, eu levo o Lorde Snow até aos seus aposentos.

— Porquê? Ele conhece o caminho. — Stannis fez-lhes sinal para se irem os dois embora. — Fazei o que quiserdes. Devan, comida. Ovos cozidos e água com limão.

Após o calor do aposento privado do rei, a escada em caracol parecia fria de gelar ossos.

— O vento está a aumentar, s'nhora — avisou o sargento a Melisandre enquanto devolvia a Jon as suas armas. — Talvez queirais um manto mais quente.

— Tenho a minha fé para me aquecer. — A mulher vermelha caminhou ao lado de Jon pela escada abaixo. — Sua Graça está a tornar-se vosso amigo.

— Já reparei. Só ameaçou decapitar-me por duas vezes.

Melisandre riu-se.

— São os seus silêncios que deveis temer, não as palavras. — Quando saíram para o pátio, o vento enfunou o manto de Jon e fê-lo esvoaçar contra a mulher. A sacerdotisa vermelha afastou a lâ negra e enfiou o braço no dele. — Pode acontecer que não vos enganéis sobre o rei selvagem. Rezarei ao Senhor da Luz para que me guie. Quando olho as chamas, consigo ver através da pedra e da terra, e descobrir a verdade no interior das almas dos homens. Consigo falar com reis há muito mortos e crianças ainda não nascidas, e ver os anos e as estações a passar, até ao fim dos dias.

— Os vossos fogos nunca se enganam?

— Nunca... se bem que nós, os sacerdotes, sejamos mortais e por vezes erremos, confundido *isto tem de acontecer* com *isto pode acontecer*.

Jon conseguia sentir o calor dela, mesmo através da lâ e couro fervido. O facto de irem de braço dado estava a atrair olhares curiosos. *Esta noite vai haver cochichos nas casernas.*

— Se realmente sois capaz de ver o amanhã nas vossas chamas, dissei-me quando e onde chegará o próximo ataque dos selvagens. — Fez deslizar o braço para o libertar.

— R'hllor envia-nos as visões que quer enviar, mas eu procurarei esse

tal Tormund nas chamas. — Os lábios vermelhos de Melisandre curvaram-se num sorriso. — Vi-vos nos meus fogos, Jon Snow.

— Isso é uma ameaça, senhora? Tencionais queimar-me também?

— Entendestes mal o que eu queria dizer. — Deitou-lhe um olhar perscrutador. — Temo que vos deixe intranquilo, Lorde Snow.

Jon não o negou.

— A Muralha não é sítio para uma mulher.

— Enganais-vos. Eu sonhei com a vossa Muralha, Jon Snow. Grande foi o saber que a ergueu, e grandes são os feitiços que estão trancados sob o seu gelo. Caminhamos à sombra de uma das charneiras do mundo. — Melisandre ergueu os olhos para ela, com a respiração a transformar-se numa nuvem quente e húmida no ar. — Isto é tanto o meu lugar como o vosso, e muito em breve podereis vir a ter grande necessidade de mim. Não recuseis a minha amizade, Jon. Vi-vos na tempestade, muito pressionado, com inimigos por todos os lados. Tendes tantos inimigos. Quereis que vos diga os seus nomes?

— Eu conheço os seus nomes.

— Não tendes tanta certeza. — O rubi à garganta de Melisandre cintilou, rubro. — Não são os adversários que vos amaldiçoam na cara que deveis temer, mas aqueles que sorriem quando estais a olhar e afiam as facas quando virais costas. Faríeis bem em manter o vosso lobo bem junto a vós. Gelo, vejo eu, e punhais no escuro. Sangue congelado, vermelho e duro, e aço nu. Estava muito frio.

— Está sempre frio na Muralha.

— Achais que sim?

— Eu *sei* que sim, senhora.

— Então não sabes nada, Jon Snow — murmurou a mulher.

*Já chegámos?*

Bran nunca dizia as palavras em voz alta, mas elas subiam-lhe frequentemente aos lábios enquanto o seu esfarrapado grupo se arrastava através de bosques de antigos carvalhos e altas árvores-sentinelas cinzentas esverdeadas, passando por sombrios pinheiros marciais e castanheiros nus e castanhos. *Estamos perto?*, perguntava o rapaz a si próprio quando Hodor trepava uma encosta pedregosa, ou descia para dentro de uma abertura escura onde montes de neve suja acumulada pelo vento rangiam sob os seus pés. *Ainda falta muito?*, pensava, enquanto o alce gigante atravessava, esparrinhando, um ribeiro meio gelado. *Quanto falta até lá? Está tão frio. Onde está o corvo de três olhos?*

Balançando no seu cesto de vime às costas de Hodor, o rapaz encolheu-se, baixando a cabeça quando o grande moço de estrebaria passou por baixo de um ramo de carvalho. A neve estava outra vez a cair, húmida e pesada. Hodor caminhava com um olho fechado pelo gelo, com a espessa barba castanha transformada num emaranhado de geada, com pingentes a pender das pontas do seu cerrado bigode. Uma mão enluvada ainda agarrava a enferrujada espada de ferro que retirara das criptas por baixo de Winterfell, e de vez em quando ele brandia-a contra um ramo, fazendo voar uma nuvem de neve.

— Hod-d-d-dor — resmungava, com os dentes a bater.

O som era estranhamente tranquilizador. Na viagem de Winterfell até à Muralha, Bran e os companheiros tinham tornado as milhas mais curtas conversando e contando histórias, mas ali era diferente. Até Hodor o sentia. Os seus *hodores* surgiam com menos frequência do que a sul da Muralha. Havia uma quietude naquela floresta que não era como nada que Bran tivesse experimentado. Antes de começarem os nevões, o vento do norte rodopiava em volta deles e nuvens de folhas mortas e castanhas erguiam-se do chão com um ténue som de restolhada que lhe fazia lembrar baratas a correr num armário, mas agora todas as folhas estavam enterradas sob um cobertor de brancura. De tempos a tempos, um corvo voava por cima deles, grandes asas negras a bater contra o ar frio. À parte isso, o mundo estava silencioso.

Mesmo em frente, o alce serpenteava por entre os montes de neve com a cabeça baixa e as enormes armações cobertas de gelo. O patrulheiro

seguia sentado no seu largo dorso, sombrio e silencioso. O nome que o gordo Sam lhe dera era *Mãos-Frias* pois, embora a cara do patrulheiro fosse branca, as mãos eram negras e duras como ferro, e também frias como ferro. O resto dele estava envolto em camadas de lã, couro fervido e cota de malha, e os seus traços eram obscurecidos pelo capuz do manto e por um cachecol negro de lã que enrolava em volta da metade inferior da cara.

Atrás do patrulheiro, Meera Reed envolvia com os braços o irmão, para o proteger do vento e do frio com o calor do seu corpo. Uma crosta de ranho congelado formara-se por baixo do nariz de Jojen, e de vez em quando ele tremia violentamente. *Parece tão pequeno*, pensou Bran, enquanto o via oscilar. *Agora parece mais pequeno do que eu, e também mais fraco, e o aleijado sou eu.*

Verão fechava a retaguarda do pequeno bando. O hálito do lobo gigante ia gelando o ar da floresta à medida que caminhava atrás deles, ainda a coxear da pata traseira que fora atingida pela seta em Corodarrainha. Bran sentia a dor do velho ferimento sempre que deslizava para dentro da pele do grande lobo. Nos últimos tempos, Bran usava mais frequentemente o corpo de Verão do que o seu; o lobo sentia a mordida do frio, apesar da espessura da pelagem, mas via até mais longe, ouvia melhor e cheirava mais do que o rapaz no cesto, entrouxado como um bebé.

Noutras alturas, quando se fartava de ser lobo, Bran deslizava para dentro da pele de Hodor. O gentil gigante choramingava quando o sentia, e sacudia a cabeça hirsuta de um lado para o outro, mas não com tanta violência como fizera da primeira vez, em Corodarrainha. *Ele sabe que sou eu*, gostava o rapaz de dizer a si próprio. *Por esta altura já está habituado a mim.* Mesmo assim, nunca se sentia confortável dentro da pele de Hodor. O grande moço de estrebaria nunca compreendia o que estava a acontecer, e Bran conseguia sentir o medo no fundo da boca dele. Dentro de Verão era melhor. *Eu sou ele e ele é eu. Ele sente o que eu sinto.*

Por vezes, Bran conseguia sentir o lobo gigante a farejar o alce, perguntando a si próprio se seria capaz de abater o grande animal. Verão habituara-se a cavalos em Winterfell, mas aquilo era um alce, e os alces eram presas. O lobo gigante detetava o sangue quente a correr por baixo da pelagem enriçada do alce. Bastava o cheiro para lhe fazer a saliva correr entre as mandíbulas, e quando o fazia a boca de Bran salivava ao pensar em carne rica e escura.

Um corvo soltou um *quorc* num carvalho ali perto, e Bran ouviu o som de asas quando outra das grandes aves negras desceu para pousar ao lado da primeira. De dia, só meia dúzia de corvos permanecia com eles, esvoaçando de árvore em árvore ou avançando empoleiradas nas hastes do alce. O resto do bando voava em frente ou deixava-se ficar para trás. Mas

quando o Sol baixava eles regressavam, descendo do céu em asas negras como a noite até que todos os ramos de todas as árvores ficavam repletos de corvos vários metros em redor. Alguns voavam até ao patrulheiro e resmungavam-lhe, e a Bran parecia que compreendia os seus guinchos e crocitos. *São os seus olhos e ouvidos. Batem o terreno por ele, e murmuram-lhe sobre perigos que há em frente e atrás.*

Como agora. O alce parou de súbito, e o patrulheiro saltou com ligeireza do seu dorso para ir aterrar em neve que lhe dava pelo joelho. Verão rosnou-lhe, com o pelo eriçado. O lobo gigante não gostava do cheiro de Mãos-Frias. *Carne morta, sangue seco, uma ténue lufada de podridão. E frio. Acima de tudo, frio.*

— O que se passa? — quis saber Meera.

— Atrás de nós — anunciou Mãos-Frias, com a voz abafada pelo cachecol de lã negra que lhe cobria o nariz e a boca.

— Lobos? — perguntou Bran. Já sabiam havia dias que estavam a ser seguidos. Todas as noites ouviam os uivos fúnebres da alcateia, e todas as noites os lobos pareciam um pouco mais próximos. *Caçadores, e com fome. Conseguem cheirar a nossa fraqueza.* Era frequente Bran acordar a tremer, horas antes da alvorada, à escuta do barulho que eles faziam a chamarem-se uns aos outros à distância enquanto esperava que o Sol se erguesse. *Se há lobos, deve haver presas,* costumava pensar, até que lhe ocorresse que as presas eram *eles*.

O patrulheiro abanou a cabeça.

— Homens. Os lobos continuam a manter-se à distância. Estes homens não são tão tímidos.

Meera Reed empurrou o capuz para trás. A neve húmida que o cobria caiu ao chão com um baque suave.

— Quantos homens? Quem são?

— Inimigos. Eu trato deles.

— Eu vou contigo.

— Tu ficas. O rapaz tem de ser protegido. Há um lago em frente, completamente gelado. Quando lá chegares, vira para norte e segue a margem. Acabarás por chegar a uma aldeia piscatória. Refugia-te aí até que eu vos apanhe.

Bran julgou que Meera pretendia discutir, mas o irmão dela disse:

— Faz o que ele diz. Ele conhece esta terra. — Os olhos de Jojen eram de um verde escuro, a cor do musgo, mas estavam pesados com uma fadiga que Bran nunca antes vira neles. O pequeno avô. A sul da Muralha, o rapaz dos paus parecera ter uma sabedoria que ultrapassava a sua idade, mas ali em cima estava tão perdido e assustado como os outros. Mesmo assim, Meera dava-lhe sempre ouvidos.

Isso continuava a ser verdade. Mãos-Frias esgueirou-se por entre as árvores, regressando pelo caminho por onde tinham vindo, com quatro corvos a esvoaçar atrás dele. Meera viu-o partir, com as bochechas vermelhas de frio, a respiração a gerar nuvenzinhas assim que saía pelas narinas. Voltou a puxar o capuz para cima, deu ao alce um pequeno empurrão e a viagem foi reatada. Mas antes de se afastarem vinte metros, ela virou-se para olhar para trás e disse:

— *Homens*, diz ele. Que homens? Falará de selvagens? Porque é que não quer dizer?

— Disse que ia tratar deles — disse Bran.

— Ele *disse*, pois. Também disse que nos levava ao tal corvo de três olhos. Aquele rio que atravessámos hoje de manhã é o mesmo que atravessámos há quatro dias, juro. Estamos a andar em círculos.

— Os rios curvam e torcem-se — disse Bran com incerteza — e onde há lagos e colinas tem de se dar a volta.

— Tem havido demasiado *dar de volta* — insistiu Meera — e demasiados segredos. Não gosto disto. Não gosto *dele*. E não confio nele. Aquelas mãos que tem já são suficientemente más. Esconde a cara e não nos quer dizer o nome. Quem é? *O que é?* Qualquer um pode vestir um manto preto. Qualquer um ou qualquer *coisa*. Ele não come, nunca bebe, não parece sentir o frio.

*É verdade*. Bran tivera medo de falar do assunto, mas reparara. Sempre que se abrigavam para a noite, enquanto ele, Hodor e os Reed se aninhavam juntos para obter calor, o patrulheiro mantinha-se à parte. Às vezes, Mãos-Frias fechava os olhos, mas Bran julgava que não dormia. E havia mais uma coisa...

— O cachecol. — Bran olhou em volta, inquieto, mas não se via um corvo em lado nenhum. Todas as grandes aves pretas os tinham abandonado quando o patrulheiro o fizera. Ninguém estava a ouvir. Mesmo assim, manteve a voz baixa. — O cachecol por cima da boca dele, nunca fica todo duro com gelo, como a barba de Hodor. Nem sequer quando ele fala.

Meera dirigiu-lhe um olhar penetrante.

— Tens razão. Nunca vimos a sua respiração, pois não?

— Não. — Uma baforada de branco anunciava cada um dos *hodores* de Hodor. Quando Jojen ou a irmã falavam, as suas palavras também se conseguiam ver. Até o alce deixava uma névoa tépida no ar quando exalava.

— Se ele não respira...

Bran deu por si a recordar as histórias que a Velha Nan lhe contara quando era pequeno. *Para lá da Muralha vivem os monstros, os gigantes e os vampiros, as sombras caçadoras e os mortos que caminham*, dizia ela, aconchegando-o por baixo da manta de lã que dava comichão, *mas não po-*

*dem passar enquanto a Muralha se mantiver forte e os homens da Patrulha da Noite forem fiéis. Portanto dorme, meu pequeno Brandon, meu bebezinho, e sonha sonhos doces. Aqui não há monstros.* O patrulheiro usava o negro da Patrulha da Noite, mas e se não fosse um homem? E se fosse um monstro qualquer, que os estivesse a levar a outros monstros para serem devorados?

— O patrulheiro salvou Sam e a rapariga das criaturas — disse Bran, com hesitação — e está a levar-me ao corvo de três olhos.

— E porque é que esse corvo de três olhos não vem ter connosco? Porque é que não pôde ser *ele* a encontrar-se connosco na Muralha? Os corvos têm asas. O meu irmão fica mais fraco todos os dias. Durante quanto tempo podemos continuar?

Jojen tossiu.

— Durante o tempo necessário para chegarmos lá.

Chegaram ao lago que lhes fora prometido não muito tempo depois, e viraram para norte como o patrulheiro lhes pedira. Essa foi a parte fácil.

A água estava congelada, e a neve caíra durante tanto tempo que Bran perdera a conta aos dias, transformando o lago num vasto deserto branco. Onde o gelo era plano e o terreno acidentado, o avanço era fácil, mas onde o vento empurrara a neve formando elevações, era por vezes difícil determinar onde o lago terminava e a margem começava. Mesmo as árvores não eram guias tão infalíveis como poderiam ter esperado, pois havia ilhas arborizadas no lago e vastas áreas em terra onde não crescia qualquer árvore.

O alce seguia para onde queria, independentemente dos desejos de Meera e Jojen, que o montavam. Normalmente, mantinha-se sob as árvores, mas onde a margem se curvava para oeste tomava o caminho mais direto através do lago gelado, avançando por entre montes de neve mais altos do que Bran enquanto o gelo estalava sob os seus passos. Aí, o vento era mais forte, um frio vento de norte que uivava por cima do lago, lhes apunhalava as camadas de lã e couro e os deixava todos a tremer. Quando lhes soprava nas caras, atirava-lhes neve para os olhos e deixava-os praticamente cegos.

Horas passaram em silêncio. Em frente, as sombras começaram a avançar furtivamente por entre as árvores, os longos dedos do ocaso. A escuridão chegava cedo ali tão para norte. Bran acabara por temer isso. Cada dia parecia mais curto do que o anterior e, ao passo que os dias eram frios, as noites eram amargamente cruéis.

Meera voltou a fazê-los parar.

— Por esta altura já devíamos ter chegado à aldeia. — A sua voz soou abafada e estranha.

— Será possível termos passado por ela? — perguntou Bran.

— Espero que não. Temos de encontrar abrigo antes de a noite cair.

Não se enganava. Os lábios de Jojen estavam azuis, as bochechas de

Meera vermelhas escuras. A cara do próprio Bran estava adormecida. A barba de Hodor era gelo sólido. Neve cobria-lhe as pernas quase até ao joelho, e Bran sentira-o cambaleiar por mais de uma vez. Ninguém era tão forte como Hodor, ninguém. Se até a sua grande força estava a fraquejar. . .

— O Verão pode encontrar a aldeia — disse Bran de súbito, com as palavras a transformarem-se em névoa no ar. Não esperou para ouvir o que Meera poderia dizer, mas fechou os olhos e deixou-se fluir para fora do seu corpo quebrado.

Quando deslizou para dentro da pele de Verão, a floresta morta ganhou uma súbita vida. Onde antes houvera silêncio, agora ouvia: vento nas árvores, a respiração de Hodor, o alce a caminhar em busca de forragem. Cheiros familiares encheram-lhe as narinas: folhas húmidas e erva morta, a carcaça apodrecida de um esquilo que se decompunha entre a vegetação rasteira, o fedor azedo do suor humano, o odor almiscarado do alce. *Comida. Carne.* O alce apercebeu-se do seu interesse. Virou a cabeça para o lobo gigante, cauteloso, e baixou as grandes hastes.

*Ele não é presa,* sussurrou o rapaz ao animal que partilhava a sua pele. *Deixa-o. Corre.*

Verão correu. Precipitou-se pelo lago fora, levantando atrás de si nuvens de neve com as patas. As árvores erguiam-se, ombro contra ombro, como homens numa linha de batalha, todas cobertas de branco. O lobo gigante correu sobre raízes e rochas, por cima de um monte de neve antiga, cuja crosta estalava sob o seu peso. As suas patas ficaram húmidas e frias. A colina seguinte estava coberta de pinheiros, e o penetrante odor das agulhas enchia o ar. Quando chegou ao cume, descreveu um círculo, farejando o ar, após o que levantou a cabeça e uivou.

Os cheiros estavam lá. Cheiros de homem.

*Cinzas,* pensou Bran, *antigas e ténues, mas cinzas.* Era o cheiro de madeira queimada, de fuligem e de carvão. Uma fogueira apagada.

Sacudiu a neve do focinho. O vento soprava em rajadas, o que fazia com que os cheiros fossem difíceis de seguir. O lobo andou de um lado para o outro, a farejar. A toda a volta havia montes de neve e árvores altas vestidas de branco. O lobo deixou a língua pender por entre os dentes, saboreando o ar gélido, com a respiração a transformar-se em névoa enquanto flocos de neve se lhe derretiam na língua. Quando trotou na direção do cheiro, Hodor arrastou-se imediatamente atrás dele. O alce levou mais tempo a decidir, portanto, Bran regressou com relutância ao seu corpo e disse:

— Por ali. Segue o Verão. Eu cheirei a aldeia.

Quando a primeira lasca de um crescente de lua espreitou através das nuvens, tropeçaram por fim na aldeia junto ao lago. Tinham-na quase atravessado. Vista do gelo, a aldeia não parecia diferente de uma dúzia de

outros locais ao longo da margem do lago. Enterradas sob montes de neve acumulada pelo vento, as casas redondas de pedra podiam ter sido com igual facilidade pedregulhos, outeiros ou troncos caídos, como a pilha de madeira morta que Jojen confundira com um edifício no dia anterior, antes de a escavarem e descobrirem só ramos partidos e troncos putrefactos.

A aldeia estava vazia, abandonada pelos selvagens que tinham ali vivido, como todas as outras aldeias por que tinham passado. Algumas tinham sido queimadas, como se os habitantes quisessem assegurar-se de que não poderiam regressar, mas aquela fora poupada ao archote. Por baixo da neve descobriram uma dúzia de cabanas e um edifício comum, com o seu telhado de colmo e espessas paredes de troncos desbastados.

— Pelo menos vamos ficar fora do alcance do vento — disse Bran.

— *Hodor* — disse Hodor.

Meera deslizou de cima do alce. Ela e o irmão ajudaram a erguer Bran do cesto de vime.

— Pode ser que os selvagens tenham deixado alguma comida para trás — disse.

Aquela revelou ser uma vã esperança. Dentro do edifício comum encontraram as cinzas de uma fogueira, um chão de terra batida, um frio que chegava aos ossos. Mas, pelo menos, tinham um telhado por cima das cabeças e paredes de troncos para manter o vento afastado. Um ribeiro corria ali perto, coberto por uma película de gelo. O alce teve de a partir com o casco para beber. Depois de Bran, Jojen e Hodor estarem instalados e em segurança, Meera foi buscar uns pedaços de gelo quebrado para eles chuparem. A água derretida era tão fria que fez Bran estremecer.

Verão não os seguiu para dentro do edifício comum. Bran conseguia sentir a fome do grande lobo, uma sombra da sua.

— Vai caçar — disse-lhe — mas deixa o alce em paz. — Parte de si desejava também poder ir caçar. Talvez o fizesse, mais tarde.

O jantar foi um punhado de bolotas, esmagadas e feitas em pasta, tão amarga que Bran teve vômitos quando tentou mantê-la no estômago. Jojen Reed nem sequer fez a tentativa. Mais jovem e mais débil do que a irmã, ia ficando mais fraco todos os dias.

— Jojen, tens de comer — disse-lhe Meera.

— Mais tarde. Só quero descansar. — Jojen fez um sorriso triste. — Não é este o dia em que eu morro, irmã. Prometo.

— Quase caíste do alce.

— Quase. Tenho frio e fome, é só isso.

— Então come.

— Bolotas esmagadas? Dói-me a barriga, mas isso só ia piorar a dor. Deixa-me estar, irmã. Estou a sonhar com galinha assada.

— Os sonhos não te vão sustentar. Nem sequer os sonhos verdes.

— Sonhos são aquilo que temos.

*Tudo o que temos.* A última da comida que tinham trazido do sul esgotara-se dez dias antes. Desde então, a fome caminhava ao lado deles, de dia e de noite. Até Verão era incapaz de encontrar caça naquela floresta. Viviam de bolotas esmagadas e de peixe cru. A floresta estava cheia de ribeiros gelados e lagos frios e negros, e Meera era tão boa pescadora com a sua lança para rãs de três dentes como a maior parte dos homens com linha e anzol. Havia dias em que os lábios dela estavam azuis de frio quando regressava para junto deles com o peixe a contorcer-se nos dentes da lança. Mas já se tinham passado três dias desde que Meera apanhara um peixe. Bran sentia a barriga tão vazia que podiam ter sido três anos.

Depois de se terem forçado a engolir o magro jantar, Meera sentou-se com as costas encostadas a uma parede, a afiar o punhal numa pedra de amolar. Hodor acorrou-se junto da porta, balançando para trás e para a frente sobre os calcanhares e murmurando “hodor, hodor, hodor.”

Bran fechou os olhos. Estava demasiado frio para conversar, e não se atreviam a acender uma fogueira. O Mãos-Frias avisara-os contra isso. *Estas florestas não estão tão vazias como pensais*, dissera. *Não podeis saber o que a luz poderá fazer sair da escuridão.* A recordação fê-lo tremer, apesar do calor de Hodor a seu lado.

O sono não vinha, não podia vir. Em vez disso havia vento, o frio mordente, luar refletido na neve, e fogo. Estava de novo dentro de Verão, a longas léguas de distância, e a noite fedia a sangue. O cheiro era forte. *Uma matança, não muito longe.* A carne ainda estaria quente. Saliva correu-lhe entre os dentes quando a fome despertou dentro de si. *Não é alce. Não é veado. Isto não.*

O lobo gigante deslocou-se na direção da carne, uma magra sombra cinzenta a deslizar de árvore em árvore, através de lagoas de luar e sobre montes de neve. O vento soprava em rajadas à volta dele, mudando de direção. Perdeu o cheiro, encontrou-o, depois voltou a perdê-lo. Enquanto o procurava de novo, um som distante fez com que as orelhas se lhe espetassem.

*Lobo*, compreendeu de imediato. Verão avançou furtivamente na direção do som, agora cauteloso. Depressa o odor a sangue regressava, mas agora havia outros cheiros; mijo e peles mortas, caca de pássaro, penas e lobo, lobo, lobo. *Uma alcateia.* Ia ter de lutar pela carne.

Eles também o cheiraram. Quando avançou do seio da escuridão das árvores para a clareira ensanguentada, eles estavam a vigiá-lo. A fêmea roía uma bota de couro que ainda tinha metade de uma perna nela enfiada, mas deixou-a cair quando ele se aproximou. O líder da alcateia, um velho ma-

cho com um focinho branco encanecido e um olho cego, avançou ao seu encontro, rosnando, revelando os dentes. Atrás dele, um macho mais jovem mostrava também os colmilhos.

Os olhos amarelos claros do lobo gigante absorveram o que o rodeava. Um emaranhado de entranhas enrolava-se por dentro de um arbusto, misturado com os ramos. Vapor erguia-se de uma barriga aberta, carregado com os cheiros de sangue e de carne. Uma cabeça que fitava sem ver um crescente de lua, com a cara rasgada e dilacerada até ao osso ensanguentado, poços no lugar de olhos e o pescoço a terminar num coto irregular. Uma poça de sangue congelado, cintilando rubra e negra.

*Homens.* O fedor que deles vinha enchia o mundo. Vivos, tinham sido tantos como os dedos de uma pata de homem, mas agora não eram nenhum. *Mortos. Acabados. Carne.* Cobertos com mantos e capuzes, em tempos, mas os lobos tinham-lhes feito a roupa em bocados no frenesim de chegar à carne. Aqueles que ainda tinham caras usavam densas barbas cobertas com uma crosta de gelo e ranho congelado. A neve que caía começara a enterrar o que deles restava, tão pálida contra o negro de mantos e bragas negras e esfarrapadas. *Negro.*

A longas léguas de distância, o rapaz agitou-se, inquieto.

*Negro. Patrulha da Noite. Eles eram da Patrulha da Noite.*

O lobo gigante não se importava. Eram carne. Ele tinha fome.

Os olhos dos três lobos brilhavam, amarelos. O lobo gigante sacudiu a cabeça de um lado para o outro, com as narinas dilatadas, após o que descobriu os colmilhos num rosnido. O macho mais novo recuou. O lobo gigante conseguiu cheirar nele o medo. *Cauda,* compreendeu. Mas o lobo zarolho respondeu com um rugido e avançou para bloquear o seu avanço. *Cabeça. E não tem medo de mim, embora tenha o dobro do seu tamanho.*

Os olhos de ambos encontraram-se.

*Warg!*

Então, os dois precipitaram-se um contra o outro, lobo e lobo gigante, e deixou de haver tempo para pensamentos. O mundo reduziu-se a dentes e garras, a neve a voar enquanto eles rolavam e giravam e se mordiam um ao outro, e os outros lobos rosnavam e atiravam dentadas à volta deles. As maxilas de Verão cerraram-se em pelo eriçado e escorregadio de geadas, num membro fino como um pau seco, mas o lobo zarolho arranhou-lhe a barriga com as garras e libertou-se, rolou, atirou-se a ele. Colmilhos amarelos cerraram-se-lhe na garganta, mas Verão sacudiu o primo cinzento para longe como teria sacudido uma ratazana, após o que caiu sobre ele, atirando-o ao chão. Rolando, dilacerando, esperando, lutaram até ficarem os dois em desalinho e sangue fresco salpicar a neve que os rodeava.

Mas, por fim, o lobo zarolho deitou-se e mostrou a barriga. O lobo gigante mordeu-o mais duas vezes, farejou-lhe o traseiro, e depois levantou uma pata por cima dele.

Algumas dentadas e um rosnido de aviso, e a fêmea e o cauda também se submeteram. A alcateia era sua.

As presas também. Deslocou-se de homem em homem, farejando, até se decidir pelo maior, uma coisa sem cara que segurava ferro negro numa mão. A outra mão estava em falta, cortada pelo pulso, e o coto estava ligado com couro. Sangue fluía, espesso e vagaroso, do rasgão que tinha na garganta. O lobo bebeu-o com a língua, lambeu a rasgada ruína sem olhos do seu nariz e bochechas e depois enfiou o focinho no pescoço e abriu-o, devorando um bocado de carne saborosa. Nunca nenhuma carne lhe soubera tão bem.

Quando acabou com aquele homem, passou ao seguinte e devorou-lhe também os melhores bocados. Corvos observavam-no das árvores, agachados nos ramos, de olhos escuros e em silêncio, enquanto a neve caía lentamente à volta deles. Os outros lobos satisfizeram-se com os seus restos; o macho velho alimentou-se primeiro, depois a fêmea, depois o cauda. Agora eram dele. Eram alcateia.

*Não, murmurou o rapaz, temos outra alcateia. A Lady está morta, e o Vento Cinzento talvez também esteja, mas o Cão-Felpudo, a Nymeria e o Fantasma ainda estão algures. Lembras-te do Fantasma?*

A neve a cair e os lobos a banquetear-se começaram a esbater-se. O calor bateu-lhe na cara, reconfortante como beijos de uma mãe. *Fogo*, pensou, *fumo*. O nariz torceu-se-lhe com o cheiro de carne a assar. E então a floresta desvaneceu-se, e Bran viu-se de regresso ao edifício comum, de regresso ao seu corpo quebrado, a fitar uma fogueira. Meera Reed estava a virar um bocado de rubra carne crua por cima das chamas, deixando-a crestar e crepitar.

— Mesmo a tempo — disse. Bran esfregou os olhos com a base da mão e torceu-se para trás contra a parede, para se sentar. — Quase passavas o jantar a dormir. O patrulheiro encontrou uma porca.

Atrás dela, Hodor estava a desfazer avidamente um pedaço de carne quente e crestada enquanto sangue e gordura lhe caíam para a barba. Fia-pos de fumo erguiam-se de entre os seus dedos.

— Hodor — resmungava entre dentadas — hodor, hodor. — A sua espada estava pousada no chão de terra a seu lado. Jojen Reed mordiscava o seu bocado de carne com pequenas dentadas, mastigando cada pedaço uma dúzia de vezes antes de engolir.

*O patrulheiro matou um porco.* O Mãos-Frias estava em pé ao lado da porta, com um corvo pousado no braço, ambos a fitar o fogo. Reflexos das

chamas cintilavam em quatro olhos negros. *Ele não come*, lembrou-se Bran, e tem medo das chamas.

— Disseste para não fazermos fogo — fez lembrar ao patrulheiro.

— As paredes que nos rodeiam escondem a luz, e a aurora está próxima. Depressa estaremos a caminho.

— O que aconteceu aos homens? Os inimigos que nos seguiam?

— Não vos irão causar problemas.

— Quem eram, selvagens?

Meera virou a carne para cozinhar o outro lado. Hodor estava a mastigar e a engolir, murmurando, feliz, em surdina. Só Jojen parecia consciente do que estava a acontecer quando Mãos-Frias virou a cabeça para fitar Bran.

— Eram inimigos.

*Homens da Patrulha da Noite.*

— Tu mataste-os. Tu e os corvos. Tinham as caras todas dilaceradas e os olhos tinham desaparecido. — Mãos-Frias não o negou. — Eram teus irmãos. Eu vi. Os lobos tinham-lhes rasgado a roupa, mas ainda consegui perceber. Os mantos deles eram pretos. Como as tuas mãos. — Mãos-Frias nada disse. — Quem és tu? *Porque é que as tuas mãos são pretas?*

O patrulheiro estudou as mãos como se nunca antes tivesse reparado nelas.

— Depois de o coração parar de bater, o sangue de um homem corre para as extremidades, onde espessa e congela. — A voz ressoava-lhe na garganta, tão magra e descarnada como ele. — As mãos e os pés incham-lhe e tornam-se tão pretas como farinheira. O resto dele torna-se branco como leite.

Meera Reed levantou-se, com a lança para rãs na mão, ainda com um bocado de carne fumegante empalado nos seus dentes.

— Mostra-nos a tua cara.

O patrulheiro não fez qualquer movimento para obedecer.

— Ele está morto. — Bran sentia o sabor da bÍlis na garganta. — Meera, ele é uma coisa morta qualquer. A Velha Nan costumava dizer que os monstros não podem passar enquanto a Muralha permanecer em pé e os homens da Patrulha da Noite se mantiverem fiéis. Ele veio encontrar-se conosco na Muralha, mas não pôde passar. Mandou o Sam, com aquela rapariga selvagem.

A mão enluvada de Meera apertou-se em volta do cabo da sua lança para rãs.

— Quem foi que te enviou? Quem é esse tal corvo de três olhos?

— Um amigo. Sonhador, feiticeiro, chamai-lhe o que quiserdes. O último vidente verde. — A porta de madeira do edifício comum abriu-se

com estrondo. Lá fora, o vento noturno uivava, gelado e negro. As árvores estavam cheias de corvos aos gritos. O Mãos-Frias não se mexeu.

— Um monstro — disse Bran.

O patrulheiro olhou para Bran como se os outros não existissem.

— O teu monstro, Brandon Stark.

— *Teu* — disse o corvo que ele tinha ao ombro, num eco. Fora de portas, os corvos nas árvores imitaram o grito, até a floresta noturna ecoar com a canção assassinada de “*Teu, teu, teu.*”

— Jojen, sonhaste isto? — perguntou Meera ao irmão. — Quem é ele? O que é ele? O que fazemos agora?

— Vamos com o patrulheiro — disse Jojen. — Chegámos demasiado longe para voltarmos agora para trás, Meera. Nunca conseguiríamos regressar à Muralha vivos. Ou vamos com o monstro de Bran, ou morremos.

## TYRION

Partiram de Pentos através do Portão Nascente, embora Tyrion Lannister não chegasse a vislumbrar o Sol nascente.

— Será como se nunca tivésseis vindo a Pentos, meu pequeno amigo — prometera o Magíster Illyrio quando fechara as cortinas de veludo púrpura da liteira. — Nenhum homem pode ver-vos a abandonar a cidade, como nenhum homem vos viu entrar.

— Nenhum homem exceto os marinheiros que me enfiaram naquela pipa, o criado de bordo que limpou a cabina onde viajei, a rapariga que enviastes para me aquecer a cama e aquela traiçoeira lavadeira das sardas. Oh, e os vossos guardas. A menos que lhes tenhais tirado os miolos quando lhes tirastes os tomates, eles sabem que não estais sozinho aqui dentro. — A liteira estava suspensa entre oito gigantescos cavalos de carga, presa por pesadas tiras de couro. Quatro eunucos seguiam a pé ao lado dos cavalos, dois de cada lado, e mais caminhavam atrás para defender a bagagem.

— Imaculados não contam histórias — assegurou-lhe Illyrio. — E a galé que vos entregou está a caminho de Asshai neste momento. Passar-se-ão dois anos até que regresse, se os mares forem gentis. Quanto ao meu pessoal, gosta bastante de mim. Nenhum me trairá.

*Acarinha essa ideia, meu gordo amigo. Um dia entalharemos essas palavras na tua cripta.*

— Devíamos estar a bordo dessa galé — disse o anão. — A maneira mais rápida de chegar a Volantis é por mar.

— O mar é perigoso — respondeu Illyrio. — O outono é uma estação cheia de tempestades e piratas ainda fazem os seus covis nos Degraus e daí partem para depredar os homens honestos. Não seria nada bom que o meu pequeno amigo caísse em tais mãos.

— Também há piratas no Roine.

— Piratas fluviais. — O queijeiro soltou um bocejo, cobrindo a boca com as costas da mão. — Capitães-baratas a correr atrás de migalhas.

— Uma pessoa também ouve falar de homens de pedra.

— Esses são bem reais, pobres coisas condenadas. Mas porquê falar de coisas dessas? O dia está demasiado agradável para tais conversas. Em breve veremos o Roine, e aí livrar-vos-eis de Illyrio e da sua grande barriga. Até lá, bebamos e sonhemos. Temos vinho doce e aperitivos para saborear, para quê pensar em doença e morte?

*De facto, para quê?* Tyrion voltou a ouvir o *trum* de uma besta e espantou-se. A liteira oscilava de um lado para o outro, um movimento calmante que o fazia sentir-se como uma criança a ser embalada para dormir nos braços da mãe. *Não que eu saiba como isso é.* Almofadas de seda estofadas com penugem de ganso afagavam-lhe as nádegas. As paredes de veludo púrpura curvavam-se por cima da sua cabeça para formar um teto, deixando uma temperatura agradavelmente morna lá dentro, apesar do frio de outono lá fora.

Uma fila de mulas seguia atrás deles, trazendo arcas, pipas e barris, e cestas de delícias para evitar que o senhor do queijo sentisse apetite. Naquela manhã mordiscaram salsichas com especiarias, empurradas para baixo por um vinho castanho de baga-fumo. Enguias em gelatina e tintos de Dorne preencheram-lhes a tarde. Ao chegar a noite, houve presuntos em fatias, ovos cozidos e cotovias assadas recheadas com alho e cebolas, com cervejas louras e vinhos ardentes de Myr para ajudar à digestão. Mas a liteira era tão lenta como confortável, e o anão depressa deu por si cheio de impaciência.

— Vamos demorar quantos dias a chegar ao rio? — perguntou a Illyrio naquela noite. — A este ritmo, os dragões da vossa rainha serão maiores do que os três de Aegon antes de eu pôr os olhos neles.

— Seria bom que assim fosse. Um dragão grande é mais temível do que um pequeno. — O magíster encolheu os ombros. — Por muito que me agradasse dar as boas-vindas à Rainha Daenerys em Volantis, tenho de confiar em vós e em Griff para isso. Posso servi-la melhor em Pentos, a suavizar o caminho para o seu regresso. Mas enquanto estou convosco... bem, um velho gordo tem de ter os seus confortos, sim? Vá, bebei uma taça de vinho.

— Dizei-me — disse Tyrion enquanto bebia — porque haveria um magíster de Pentos de ter algum interesse em quem usa a coroa em Westeros? Onde está para vós o lucro neste empreendimento, senhor?

O gordo limpou com pancadinhas a gordura dos lábios.

— Eu sou um velho, cansado deste mundo e das suas traições. Será assim tão estranho que deseje fazer algum bem antes de os meus dias chegarem ao fim, para ajudar uma doce rapariguinha a reconquistar aquilo que é seu direito de nascimento?

*A seguir vais oferecer-me uma armadura mágica e um palácio em Valíria.*

— Se Daenerys não for mais do que uma doce rapariguinha, o Trono de Ferro vai cortá-la em doces bocadinhos.

— Não temais, meu pequeno amigo. O sangue de Aegon, o Dragão, corre-lhe nas veias.

*Juntamente com o sangue de Aegon, o Indigno, Maegor, o Cruel, e Baelor, o Confundido.*

— Falai-me mais dela.

O gordo ficou pensativo.

— Daenerys era praticamente uma criança quando veio ter comigo, mas era ainda mais bonita do que a minha segunda esposa, tão adorável que me senti tentado a ficar com ela para mim. Mas era uma coisinha tão temerosa e furtiva que soube que não obteria qualquer alegria em me ligar a ela. Em vez disso, chamei uma aquecedora de cama e fodi-a vigorosamente até a loucura passar. Em boa verdade, não pensei que Daenerys sobrevivesse durante muito tempo entre os senhores dos cavalos.

— Isso não vos impediu de a vender a Khal Drogo...

— Os dothraki nem compram nem vendem. Dizei antes que o irmão Viserys a ofereceu a Drogo para ganhar a amizade do khal. Um jovem presunçoso e ganancioso. Viserys desejava intensamente o trono do pai, mas também desejava Daenerys, e abominava a ideia de abrir mão dela. Na véspera do casamento da princesa, tentou esgueirar-se para dentro da sua cama, insistindo que, se não podia obter a mão dela, obteria a virgindade. Se eu não tivesse tomado a precaução de pôr guardas à porta dela, Viserys podia ter desfeito anos de planeamento.

— Parece um completo idiota.

— Viserys era filho do Louco Aerys, sem dúvida. Daenerys... Daenerys é bastante diferente. — Enfiou uma cotovia na boca e esmagou-a ruidosamente, com ossos e tudo. — A criança assustada que se abrigou na minha mansão morreu no mar Dothraki, e renasceu em sangue e fogo. Esta rainha dos dragões que usa o seu nome é uma verdadeira Targaryen. Quando enviei navios para a trazer para casa, desviou-os para a Baía dos Escravos. Em poucos dias, conquistou Astapor, fez Yunkai dobrar o joelho e saqueou Meereen. Mantarys será a próxima, se marchar para oeste pelas velhas estradas valirianas. Se vier por mar, bem... a sua frota terá de embarcar comida e água em Volantis.

— Por terra ou por mar, há longas léguas entre Meereen e Volantis — observou Tyrion.

— Quinhentas e cinquenta, em voo de dragão, por desertos, montanhas, pântanos e ruínas assombradas por demónios. Serão mais do que muitos os que perecerão, mas aqueles que sobreviverem estarão mais fortes quando chegarem a Volantis... aí encontrar-vos-ão à espera deles com Griff, com forças descansadas e navios suficientes para cruzar com todos o mar até Westeros.

Tyrion pensou em tudo o que sabia sobre Volantis, a mais antiga e mais orgulhosa das Nove Cidades Livres. Havia ali algo de errado. Mesmo com meio nariz conseguia cheirá-lo.

— Diz-se que há cinco escravos por cada homem livre em Volantis.

Porque haveriam os triarcas de ajudar uma rainha que esmagou o comércio de escravos? — Apontou para Illyrio. — E, já agora, porque haveríeis vós de o fazer? A escravatura pode ser proibida pelas leis de Pentos, mas vós também tendes um dedo nesse negócio, talvez mesmo uma mão inteira. E, no entanto, conspirais em prol da rainha dos dragões, e não contra ela. Porquê? O que esperais ganhar com a Rainha Daenerys?

— Voltámos outra vez a isso? Sois um homenzinho persistente. — Illyrio soltou uma gargalhada e deu uma palmada na barriga. — Como quiserdes. O Rei Pedinte jurou que eu seria o seu mestre da moeda, e também um senhor importante. Quando pusesse na cabeça a sua coroa dourada, eu podia escolher os castelos que quisesse... mesmo Rochedo Casterly, se o desejasse.

Tyrion deitou vinho pelo coto deformado que fora o seu nariz.

— O meu pai teria adorado ouvir isso.

— O senhor vosso pai não tinha motivos de preocupação. Porque haveria eu de querer um rochedo? A minha mansão é suficientemente grande para qualquer homem, e mais confortável do que os vossos castelos de Westeros com as suas correntes de ar. Agora, mestre da moeda... — O gordo descascou outro ovo. — Eu gosto de moedas. Haverá algum som mais agradável do que o tinir de ouro em ouro?

*Os gritos de uma irmã.*

— Tendes mesmo a certeza de que Daenerys cumprirá as promessas do irmão?

— Ou cumprirá ou não cumprirá. — Illyrio cortou metade do ovo com uma dentada. — Já vos tinha dito, meu pequeno amigo, nem tudo o que um homem faz é feito pelo lucro. Acreditai no que quiserdes, mas até velhos patetas gordos como eu têm amigos, e dívidas de afeto a pagar.

*Mentiroso, pensou Tyrion. Há qualquer coisa neste empreendimento que vale mais para ti do que dinheiro ou castelos.*

— Encontram-se tão poucos homens que dão mais valor à amizade do que ao ouro nos dias que correm.

— É bem verdade — disse o gordo, surdo à ironia.

— Como foi que a Aranha se tornou tão preciosa para vós?

— Passámos a juventude juntos, dois rapazes inexperientes em Pentos.

— Varys veio de Myr.

— Pois veio. Conheci-o não muito tempo depois de chegar, um passo à frente dos esclavagistas. De dia dormia nos esgotos, de noite percorria os telhados como um gato. Eu era quase tão pobre como ele, um espadachim vestido de seda suja, vivendo da minha espada. Talvez tenhais calhado ver a estátua perto da minha piscina? Pytho Malanon esculpiu

aquilo quando eu tinha dezasseis anos. Uma coisa adorável, embora eu agora chore ao vê-la.

— A idade transforma-nos a todos em ruínas. Ainda estou de luto pelo meu nariz. Mas Varys...

— Em Myr era um príncipe de ladrões, até que um ladrão rival o denunciou. Em Pentos, o sotaque identificava-o, e depois de se saber que era um eunuco foi desprezado e espancado. Nunca saberei porque me escolheu para o proteger, mas chegámos a um acordo. Varys espiava ladrões menores e roubava o que eles roubavam. Eu oferecia-me para ajudar as vítimas, prometendo recuperar os seus objetos de valor em troca de uma gratificação. Depressa todos os homens que tinham sofrido uma perda ficaram a saber que deviam vir ter comigo, enquanto os larápios e carteiristas da cidade procuravam Varys... metade para lhe cortar a garganta, a outra metade para lhe vender o que tinham roubado. Ambos enriquecemos e ficámos ainda mais ricos quando Varys treinou os seus ratos.

— Em Porto Real criava passarinhos.

— Nessa altura chamava-lhes ratos. Os ladrões mais velhos eram idiotas que não pensavam mais longe do que em transformar em vinho o saque de uma noite. Varys preferia rapazes órfãos e rapariguinhas. Escolhia os mais pequenos, aqueles que eram rápidos e discretos, e ensinava-lhes a escalar muros e a descer por chaminés. Ensinámos-lhes também a ler. Deixávamos o ouro e as pedras preciosas para os ladrões comuns. Em vez disso, os nossos ratos roubavam cartas, livros-mestres, planos... mais tarde, passaram a lê-los e a deixá-los onde estavam. *Os segredos valem mais do que prata ou safiras*, afirmava Varys. Exatamente. Eu tornei-me tão respeitável que um primo do Príncipe de Pentos me deixou casar com a sua filha donzela, enquanto murmúrios sobre os talentos de um certo eunuco atravessavam o mar estreito e chegavam aos ouvidos de um certo rei. Um rei muito *ansioso*, que não confiava por completo no filho, nem na esposa, nem no Mão, um amigo de juventude que se tornara arrogante e demasiado orgulhoso. Julgo que conheceis o resto desta história, não é verdade?

— Muita dela — admitiu Tyrion. — Vejo que afinal sois algo mais do que um queijeiro.

Illyrio inclinou a cabeça.

— É bondade vossa dizê-lo, meu pequeno amigo. E pela minha parte, vejo que sois precisamente tão rápido de entendimento como o Lorde Varys afirmou. — Sorriu, mostrando todos os dentes tortos e amarelos, e gritou por outra garrafa de vinho ardente de Myr.

Quando o magíster adormeceu abraçado à garrafa de vinho, Tyrion gatinhou pelas almofadas para a soltar da sua prisão de carne e servir-se

de uma taça. Emborcou-a, bocejou e voltou a enchê-la. *Se beber suficiente vinho ardente*, disse a si próprio, *talvez sonhe com dragões*.

Quando era ainda uma criança solitária nas profundezas de Rochedo Casterly, era frequente montar dragões pelas noites fora, fingindo ser um qualquer principelho perdido Targaryen, ou um senhor dos dragões valiriano a pairar bem alto sobre campos e montanhas. Uma vez, quando os tios lhe perguntaram que presente desejava pelo dia do seu nome, suplicara-lhes um dragão.

— Não precisa de ser grande. Pode ser pequeno, como eu. — O tio Gerion achara que aquela era a coisa mais engraçada que já ouvira, mas o tio Tygett dissera:

— O último dragão morreu há um século, rapaz. — Aquilo parecera tão monstruosamente injusto que o rapaz chorara até adormecer naquela noite.

Mas se fosse possível acreditar no senhor do queijo, a filha do Rei Louco chocara três dragões vivos. *Mais dois do que até uma Targaryen devia necessitar*. Tyrion tinha quase pena de ter morto o pai. Teria gostado de ver a cara do Lorde Tywin quando soubesse que havia uma rainha Targaryen a caminho de Westeros com três dragões, apoiada por um eunuco cheio de intrigas e um queijeiro com metade do tamanho de Rochedo Casterly.

O anão estava tão cheio que teve de desafivelar o cinto e desatar os nós superiores das bragas. A roupa de rapaz com que o seu anfitrião o vestira fazia com que se sentisse como quatro quilos de salsicha numa pele para dois quilos. *Se comermos assim todos os dias, chegarei ao tamanho de Illyrio antes de conhecer esta rainha dos dragões*. Fora da liteira a noite caíra. Dentro, tudo era escuridão. Tyrion escutou os roncões de Illyrio, o ranger das tiras de couro, o lento *clop clop* dos cascos ferrados de ferro dos cavalos na dura estrada valiriana, mas o seu coração estava à escuta dos batimentos de asas de couro.

Quando acordou, a aurora chegara. Os cavalos continuavam a avançar pesadamente, com a liteira a ranger e a oscilar entre eles. Tyrion puxou a cortina um centímetro para trás a fim de espreitar o exterior, mas havia pouco para ver além de campos em tons de ocre, ulmeiros nus e castanhos, e a própria estrada, uma larga via de pedra que corria direita como uma lança até ao horizonte. Lera sobre as estradas valirianas, mas aquela era a primeira que via. O alcance da Cidade Livre chegara até Pedra do Dragão, mas nunca atingira Westeros propriamente dito. *Estranho, isso. Pedra do Dragão não passa de um rochedo. A riqueza estava mais para oeste, mas eles tinham dragões. Com certeza sabiam que estava lá*.

Bebera demasiado na noite anterior. Tinha a cabeça a latejar, e mesmo o suave balanço da liteira era suficiente para lhe revolver o estômago.

Embora não soltasse uma palavra de queixa, a sua aflição deve ter sido evidente para Illyrio Mopatis.

— Vá, bebei comigo — disse o gordo. — Uma escama do dragão que vos queimou, como se costuma dizer. — Serviu-os de um jarro de vinho de amoras silvestres, tão doce que atraía mais moscas do que mel. Tyrion enxotou-as com as costas da mão e bebeu profundamente. O sabor era tão enjoativo que foi com grande dificuldade que manteve o vinho na barriga. Mas a segunda taça desceu com mais facilidade. Mesmo assim, não tinha apetite, e quando Illyrio lhe ofereceu uma tigela de amoras silvestres com creme, recusou com um gesto.

— Sonhei com a rainha — disse. — Estava de joelhos à sua frente, a jurar fidelidade, mas ela confundiu-me com o meu irmão Jaime e deu-me a comer aos dragões.

— Esperemos que esse sonho não seja profético. Sois um anão inteligente, como Varys disse, e Daenerys vai ter necessidade de homens inteligentes à sua volta. Sor Barristan é um cavaleiro valente e fiel mas ninguém, penso eu, alguma vez lhe chamou astucioso.

— Os cavaleiros só conhecem uma maneira de resolver um problema. Baixam a lança e arremetem. Um anão tem uma maneira diferente de olhar para o mundo. Mas e vós? Vós também sois um homem inteligente.

— Lisonjeais-me. — Illyrio abanou a mão. — Infelizmente, não fui feito para viajar, portanto, enviar-vos-ei a Daenerys em meu lugar. Prestastes um grande serviço a Sua Graça quando matastes o vosso pai, e tenho a esperança de que lhe presteis muitos mais. Daenerys não é a idiota que o irmão era. Ela irá usar-vos bem.

*Como acendalha?*, pensou Tyrion, sorrindo de forma agradável.

Só trocaram de cavalos três vezes nesse dia, mas pareceram parar pelo menos duas vezes por hora para que Illyrio pudesse descer da liteira e dar uma mija. *O nosso senhor do queijo é do tamanho de um elefante, mas tem uma bexiga parecida com um amendoim*, matutou o anão. Durante uma das paragens, usou o tempo para examinar melhor a estrada. Tyrion sabia o que iria encontrar; não terra batida nem tijolos nem pedras, mas uma fita de pedra fundida, erguida quinze centímetros acima do chão a fim de permitir que a chuva e a neve escorressem. Ao contrário dos trilhos lamacentos que passavam por estradas nos Sete Reinos, as estradas valirianas tinham largura suficiente para três carroças passarem lado a lado, e nem o tempo nem o tráfego as estragavam. Ainda resistiam, imutáveis, quatro séculos depois da própria Valíria ter encontrado a sua Perdição. Procurou sulcos e rachas, mas encontrou apenas uma pilha de bosta quente depositada por um dos cavalos.

A bosta fê-lo pensar no senhor seu pai. *Estás nalgum inferno, pai? Um inferno simpático e frio de onde podes olhar para cima e ver-me a ajudar a devolver o Trono de Ferro à filha do Louco Aerys?*

Quando reataram a viagem, Illyrio apresentou um saco de castanhas assadas e recomeçou a falar da rainha dos dragões.

— Temo que as nossas últimas notícias sobre a Rainha Daenerys sejam antigas e bafientas. Temos de partir do princípio de que por esta altura tenha abandonado Meereen. Tem finalmente a sua hoste, uma hoste dissonante de mercenários, senhores dos cavalos dothraki e infantaria Imaculada, e sem dúvida que os trará para oeste, a fim de retomar o trono do pai. — O Magíster Illyrio abriu um frasco de caracóis em alho, cheirou-os e sorriu. — Temos de ter esperança de que em Volantis obtenhais notícias frescas sobre Daenerys — disse, enquanto chupava um caracol para fora da casca. — Tanto os dragões como as raparigas são caprichosos, e pode ser que tenhais de ajustar os vossos planos. Griff saberá o que fazer. Quereis um caracol? O alho vem dos meus próprios jardins.

*Eu podia montar um caracol e avançar mais depressa do que esta tua liteira.* Tyrion afastou o prato com um gesto.

— Atribuíis bastante confiança a esse tal Griff. Outro amigo de infância?

— Não. Vós chamar-lhe-íeis um mercenário, mas é nascido em Westeros. Daenerys precisa de homens dignos da sua causa. — Illyrio ergueu uma mão. — Eu sei! Estais a pensar: “os mercenários põem o ouro à frente da honra. Este tal Griff vai vender-me à minha irmã.” Não é verdade. Confio em Griff como confiaria num irmão.

*Outro erro fatal.*

— Então eu farei o mesmo.

— A Companhia Dourada marcha para Volantis neste mesmo momento, para esperar aí a chegada da nossa rainha do leste.

*Sob o ouro, o aço amargo.*

— Tinha ouvido dizer que a Companhia Dourada estava sob contrato com uma das cidades livres.

— Myr. — Illyrio fez um sorrisinho afetado. — Contratos podem ser quebrados.

— Há mais dinheiro no queijo do que eu pensava — disse Tyrion. — Como conseguistes isso?

O magíster sacudiu os dedos gordos.

— Alguns contratos são escritos com tinta, alguns com sangue. Nada mais direi.

O anão refletiu sobre aquilo. A Companhia Dourada tinha a reputação de ser a melhor das companhias livres, fundada um século antes

por Açamargo, um filho bastardo de Aegon, o Indigno. Quando outro dos Grandiosos Bastardos de Aegon tentara tirar o Trono de Ferro ao seu meio-irmão legítimo, Açamargo juntara-se à revolta. Contudo, Daemon Blackfyre perecera no Campo da Erva Rubra e a sua rebelião perecera com ele. Os seguidores do Dragão Negro que sobreviveram à batalha, mas se recusaram a dobrar o joelho, fugiram para o outro lado do mar estreito, incluindo os filhos mais novos de Daemon, Açamargo e centenas de senhores e cavaleiros sem terras que depressa se viram forçados a vender as espadas para comer. Alguns juntaram-se ao Estandarte Esfarrapado, alguns aos Segundos Filhos ou aos Homens da Donzela. Açamargo vira a força da Casa Blackfyre a espalhar-se aos quatro ventos, por isso, formara a Companhia Dourada para unir os exilados.

Desse dia até ao presente, os homens da Companhia Dourada tinham vivido e morrido nas Terras Disputadas, combatendo por Myr, Lys ou Tyrosh nas suas guerrinhas sem sentido, e sonhando com a terra que os pais haviam perdido. Eram exilados e filhos de exilados, despojados e nunca perdoados... mas ainda formidáveis combatentes.

— Admiro o vosso poder de persuasão — disse Tyrion a Illyrio. — Como convencestes a Companhia Dourada a apoiar a causa da nossa querida rainha quando passaram tanta da sua história a lutar *contra* os Targaryen?

Illyrio enxotou a objeção como se fosse uma mosca.

— Preto ou vermelho, um dragão é um dragão. Quando Maelys, o Monstruoso, morreu nos Degraus, foi o fim da linhagem masculina da Casa Blackfyre. — O queijeiro sorriu através da barba bifurcada. — E Daenerys dará aos exilados o que Açamargo e os Blackfyre nunca conseguiram dar. Levá-los-á para casa.

*Com fogo e espadas.* Era também o tipo de regresso a casa que Tyrion desejava.

— Dez mil espadas são um presente principesco, admito. Sua Graça ficará muito satisfeita.

O magíster baixou com modéstia a cabeça, fazendo abanar os queixos.

— Nunca ousaria dizer o que poderá satisfazer Sua Graça.

*É prudente da tua parte.* Tyrion sabia mais do que gostaria de saber sobre a gratidão dos reis. Porque haveriam as rainhas de ser diferentes?

Pouco depois o magíster adormeceu profundamente, deixando Tyrion a matutar sozinho. Perguntou a si próprio o que Barristan Selmy pensaria de partir para a batalha com a Companhia Dourada. Durante a Guerra dos Reis dos Nove Dinheiros, Selmy abrira um caminho sangrento pelas suas fileiras para matar o último dos Pretendentes Blackfyre. *A rebe-*

*lião cria estranhos companheiros de cama. E nenhuns são mais estranhos do que este gordo e eu.*

O queijeiro acordou quando pararam para trocar os cavalos e mandou buscar mais uma cesta.

— Já avançámos muito? — perguntou-lhe o anão enquanto se atafalhavam com capão frio e um aperitivo feito de cenouras, passas e bocados de lima e laranja.

— Isto é Andalos, meu amigo. A terra de onde os vossos ândalos vieram. Tomaram-na aos homens peludos que viviam aqui antes deles, primos dos homens peludos de Ib. O coração do antigo reino de Hugor fica a norte de nós, mas estamos a passar pelas suas marcas meridionais. Em Pentos, chama-se a isto as Planuras. Mais para leste erguem-se os Montes Veludo, aos quais nos dirigimos.

*Andalos.* A Fé ensinava que os próprios Sete tinham em tempos percorrido as colinas de Andalos sob forma humana.

— O Pai ergueu a mão até aos céus e puxou para baixo sete estrelas — recitou Tyrion de memória — e pô-las uma a uma na testa de Hugor da Colina para fazer uma coroa brilhante.

O Magíster Illyrio deitou-lhe um olhar curioso.

— Não sonhava que o meu pequeno amigo fosse tão devoto.

O anão encolheu os ombros.

— Uma relíquia da minha meninice. Sabia que não podia ser um cavaleiro, portanto decidi ser Alto Septão. Essa coroa de cristal acrescenta trinta centímetros à altura de um homem. Estudei os livros sagrados e rezei até ter crostas em ambos os joelhos, mas a minha demanda chegou a um fim trágico. Cheguei a uma certa idade e apaixonei-me.

— Uma donzela? Sei como isso é. — Illyrio enfiou a mão direita na manga esquerda e tirou de lá um medalhão de prata. Lá dentro estava o retrato pintado de uma mulher de grandes olhos azuis e cabelo louro claro com madeixas brancas. — Serra. Encontrei-a numa casa de almofadas lisas e trouxe-a para casa para me aquecer a cama, mas por fim casei com ela. Eu, cuja primeira esposa tinha sido prima do Príncipe de Pentos. As portas do palácio fecharam-se para mim de então em diante, mas não me importei. Por Serra, o preço foi bastante baixo.

— Como foi que ela morreu? — Tyrion sabia que a mulher estava morta; nenhum homem falava com tanto carinho de uma mulher que o tivesse abandonado.

— Uma galé mercante de Bravos aportou em Pentos de regresso do Mar de Jade. A *Tesouro* transportava cravinho e açafão, âmbar-negro e jade, samito escarlate, seda verde... e a morte cinzenta. Matámos os seus remadores quando o navio acostou e queimámos-lo ao largo, mas as ratazanas

rastejaram ao longo dos remos e desceram para o cais sobre frias patas de pedra. A praga levou duas mil pessoas antes de desaparecer. — O Magíster Illyrio fechou o medalhão. — Conservo as mãos dela no meu quarto. Umhas mãos que eram tão suaves...

Tyrion pensou em Tysha. Olhou os campos por onde os deuses em tempos tinham caminhado.

— Que tipo de deuses fazem ratazanas, pragas e anões? — Ocorreu-lhe outra passagem da *Estrela de Sete Pontas*. — A Donzela trouxe-lhe uma rapariga flexível como um salgueiro com olhos que eram como profundas lagoas azuis, e Hugor declarou que a tomaria como noiva. E assim a Mãe tornou-a fértil, e a Velha predisse que ela daria ao rei quarenta e quatro poderosos filhos. O Guerreiro deu força aos seus braços ao passo que o Ferreiro fez para cada um uma armadura de placas de aço.

— O vosso Ferreiro deve ter sido de Roine — gracejou Illyrio. — Os ândalos aprenderam a arte de trabalhar o ferro com os roinares que viviam ao longo do rio. É sabido.

— Não pelos nossos septões. — Tyrion indicou os campos com um gesto. — Quem vive nestas vossas Planuras?

— Agricultores e trabalhadores, ligados à terra. Há pomares, quintas, minas... Eu próprio sou dono de algumas, embora raramente as visite. Porque haveria de passar os meus dias aqui, com a miríade de delícias de Pentos à mão?

— Miríade de delícias. — *E enormes e grossas muralhas*. Tyrion fez o vinho girar na taça. — Não vimos vilas desde Pentos.

— Há ruínas. — Illyrio indicou as cortinas com uma perna de frango. — Os senhores dos cavalos vêm nesta direção sempre que um *khal* qualquer mete na cabeça ver o mar. Os dothraki não gostam de vilas, deveis saber disto até em Westeros.

— Caí sobre um desses *khalasares* e destruí-o e descobrireis que os dothraki deixam de ser tão rápidos a atravessar o Roine.

— Sai mais barato comprar os inimigos com comida e presentes.

*Se eu tivesse pensado em trazer um belo queijo para a batalha da Água Negra podia ainda ter o meu nariz completo*. O Lorde Tywin sempre nutrira desprezo pelas Cidades Livres. *Combatem com moedas em vez de espadas*, costumava dizer. *O ouro tem os seus usos, mas as guerras são ganhas com ferro*.

— O meu pai sempre disse que se derdes ouro a um inimigo ele se limitará a vir buscar mais.

— Esse é o mesmo pai que assassinastes? — Illyrio atirou o osso de galinha para fora da liteira. — Mercenários não resistem contra cavaleiros dothraki. Isso ficou provado em Qohor.

— Nem sequer o vosso bravo Griff? — troçou Tyrion.

— O Griff é diferente. Tem um filho que adora. Jovem Griff é como o rapaz se chama. Nunca houve rapaz mais nobre.

O vinho, a comida, o sol, o balanço da liteira, tudo conspirava para o deixar sonolento. E por isso dormiu, acordou, bebeu. Illyrio acompanhava-o taça por taça. E quando o céu tomou o tom púrpura do ocaso, o gordo começou a risonar.

Nessa noite, Tyrion Lannister sonhou com uma batalha que tornou os montes de Westeros vermelhos como sangue. Estava no meio dela, a entregar a morte com um machado do seu tamanho, combatendo lado a lado com Barristan, o Ousado, e Açamargo, enquanto dragões rodopiavam pelo céu por cima deles. No sonho, tinha duas cabeças, ambas sem nariz. O pai liderava o inimigo, de modo que o matou outra vez. Depois matou o irmão Jaime, atacando-lhe a cara até a transformar numa ruína rubra, rindo-se de todas as vezes que dava um golpe. Foi só quando o combate terminou que se apercebeu de que a sua segunda cabeça estava a chorar.

Quando acordou, tinha as pernas atrofiadas rígidas como ferro. Illyrio estava a comer azeitonas.

— Onde estamos? — perguntou-lhe Tyrion.

— Ainda não saímos das Planuras, meu apressado amigo. Em breve, a nossa estrada entrará nos Montes Veludo. Começamos aí a ascensão até Ghoyan Drohe, nas margens do Pequeno Roine.

Ghoyan Drohe fora uma cidade roinar até que os dragões de Valíria a reduziram a uma desolação em brasa. *Estou a viajar tanto ao longo de léguas como de anos*, refletiu Tyrion, *regressando na história até aos dias em que os dragões governavam a terra.*

Tyrion dormiu, acordou e voltou a dormir, e o dia e a noite pareceram não importar. Os Montes Veludo revelaram-se uma desilusão.

— Metade das rameiras de Lanisporto tem seios maiores do que estes montes — disse a Illyrio. — Devíeis chamar-lhes Tetas Veludo. — Viram um círculo de pedras verticais que Illyrio afirmou terem sido erguidas por gigantes, e mais tarde um lago profundo.

— Aqui vivia um grupo de salteadores que atacava todos os que passavam por cá — disse Illyrio — Diz-se que ainda vivem debaixo de água. Aqueles que pescam no lago são puxados para baixo e devorados. — Na noite seguinte chegaram a uma enorme esfinge valiriana acocorada ao lado da estrada. Tinha corpo de dragão e cara de mulher.

— Uma rainha dragão — disse Tyrion. — Um presságio agradável.

— Falta o rei dela. — Illyrio apontou para o plinto liso de pedra sobre o qual estivera em tempos a segunda esfinge, agora coberto de musgo e

trepadeiras em flor. — Os senhores dos cavalos construíram rodas de pedra por baixo dele e arrastaram-no para Vaes Dothrak.

*Isso também é um presságio, pensou Tyrion, mas não tão esperançoso.*

Nessa noite, mais bêbado do que de costume, desatou subitamente a cantar.

Cavalgou pelas ruas da cidade,  
desde o alto da sua colina,  
Por becos e degraus e calçadas,  
para os braços da sua menina.  
Porque ela era o secreto tesouro,  
a sua vergonha e seu prazer.  
E corrente e forte nada são,  
comparados com beijos de mulher.

Aquela era toda a letra que conhecia, à parte o refrão. *Mãos de ouro são sempre frias, mas há calor numas mãos de mulher.* As mãos de Shae tinham-lhe batido enquanto as mãos de ouro se enterravam na sua garganta. Não se lembrava se nelas houvera calor ou não. À medida que as forças se lhe iam esgotando, os seus golpes tinham-se transformado em traças a esvoaçar em volta do rosto. De cada vez que dava à corrente mais um torção, as mãos de ouro enterravam-se mais. *E corrente e forte nada são, comparados com beijos de mulher.* Tê-la-ia beijado uma última vez, depois de estar morta? Não conseguia lembrar-se... embora ainda recordasse a primeira vez que a beijara, na sua tenda ao lado do Ramo Verde. Que bem soubera a sua boca.

Também se lembrava da primeira vez com Tysha. *Ela não sabia como se fazia, tal como eu. Andávamos sempre a dar encontrões com os narizes, mas quando lhe toquei na língua com a minha, ela tremeu.* Tyrion fechou os olhos para evocar a cara dela, mas em vez disso viu o pai, acorçado numa latrina com o roupão erguido em volta da cintura.

— Onde quer que as rameiras vão — dissera o Lorde Tywin, e a besta fizera *trum*.

O anão virou-se ao contrário, enterrando profundamente meio nariz nas almofadas de seda. O sono abriu-se debaixo dele como um poço, e Tyrion atirou-se lá para dentro determinado a deixar que a escuridão o devorasse.

## O ASSISTENTE DO MERCADOR

O *Aventura* fedia.

Ostentava sessenta remos, uma única vela, e um longo casco esguio que prometia velocidade. *Pequeno, mas talvez sirva*, pensou Quentyn quando o viu, mas isso foi antes de subir a bordo e o cheirar bem. *Porcos*, foi o seu primeiro pensamento, mas depois de uma segunda farejada mudou de ideias. Os porcos tinham um cheiro mais limpo. Aquele fedor era mijo, carne podre e dejetos, aquele era o cheirete de carne de cadáver e de chagas em pus e de ferimentos gangrenados, tão forte que esmagava o ar salgado e o cheiro a peixe do porto.

— Quero vomitar — disse a Gerris Drinkwater. Estavam à espera do aparecimento do capitão do navio, a sufocar de calor enquanto o fedor se evolava da coberta por baixo deles.

— Se o capitão cheirar nem que seja um bocadinho como este navio, pode confundir o teu vômito com perfume — respondeu Gerris.

Quentyn aprestava-se a sugerir que tentassem outro navio quando o capitão finalmente apareceu, com dois tripulantes mal encarados a seu lado. Gerris cumprimentou-o com um sorriso. Embora não falasse tão bem a língua volantena como Quentyn, o estratagema exigia que falasse por ambos. Em Vila Tabueira, Quentyn desempenhara o papel de vendedor de vinho, mas irritara-se com a mascarada, e quando os dorneses tinham mudado de navio em Lys, tinham também mudado de papéis. A bordo do *Cotovia-dos-Prados*, Cletus Yronwood passara a ser o mercador, Quentyn o criado; em Volantis, com Cletus morto, Gerris assumira o papel do chefe.

Alto e de pele clara, com olhos azuis esverdeados, um cabelo cor de areia com madeixas causadas pelo sol e um corpo esguio e bem feito, Gerris Drinkwater tinha em si uma jactância, uma confiança que roçava a arrogância. Nunca parecia pouco à vontade, e mesmo quando não falava a língua tinha maneiras de se fazer entender. Quentyn fazia fraca figura em comparação; com pernas curtas e atarracado, de constituição larga, com cabelo do castanho da terra recém remexida. A sua testa era alta demais, o queixo demasiado quadrado, o nariz largo demais. *Uma cara boa e honesta, chamara-lhe um dia uma rapariga, mas devíeis sorrir mais.*

Os sorrisos nunca tinham sido fáceis para Quentyn Martell, tal como acontecia com o senhor seu pai.

— Quão rápido é o vosso *Aventura*? — perguntou Gerris, numa aproximação hesitante ao alto valiriano.

O capitão do *Aventura* reconheceu o sotaque e respondeu no idioma comum de Westeros.

— Não há navio mais rápido, honrado senhor. O *Aventura* consegue apanhar o próprio vento. Dizei-me para onde quereis navegar, e levar-vos-ei rapidamente até lá.

— Procuo passagem para Meereen, para mim e para dois criados. Isso fez o capitão hesitar.

— Meereen não me é estranha. Era capaz de voltar a encontrar a cidade, sim... mas porquê? Não há escravos a comprar em Meereen, não se encontra lá lucro. A rainha prateada pôs fim a isso. Até fechou as arenas de combate, de modo que um pobre marinheiro nem sequer se pode divertir enquanto espera que os porões se encham. Dizei-me, meu amigo de Westeros, o que há em Meereen para queredes ir até lá?

*A mais bela mulher do mundo*, pensou Quentyn. *A minha futura esposa, se os deuses forem bons*. Às vezes, à noite, ficava acordado a imaginar a sua cara e silhueta, e a perguntar a si próprio por que motivo uma mulher assim haveria de querer casar com ele, entre todos os príncipes do mundo. *Eu sou Dorne*, disse a si próprio. *Ela vai querer Dorne*. Gerris respondeu com a história que tinham congeminado.

— O negócio da nossa família é o vinho. O meu pai tem grande extensão de vinhedos em Dorne, e quer que eu encontre novos mercados. É nossa esperança que a boa gente de Meereen acolha bem aquilo que eu vendo.

— Vinho? Vinho de *Dorne*? — o capitão não estava convencido. — As cidades dos escravos estão em guerra. Será possível que não saibais disso?

— Os combates são entre Yunkai e Astapor, segundo ouvimos dizer. Meereen não está envolvida.

— Ainda não. Mas depressa estará. Um emissário da Cidade Amarela está em Volantis neste preciso momento, a contratar espadas. Os Longas Lanças já embarcaram para Yunkai, e os Aventados e a Companhia do Gato seguiu-os assim que acabarem de preencher as fileiras. A Companhia Dourada também marcha para leste. Tudo isto é conhecido.

— Se vós o dizeis. Eu negoceio em vinho, não em guerras. O vinho de Ghis tem fraca qualidade, todos concordam. Os meereeneses pagarão bom preço pelas minhas belas colheitas dornesas.

— Mortos não se importam com o tipo de vinho que bebem. — O capitão do *Aventura* afagou a barba. — Parece-me que não sou o primeiro capitão que abordastes. Nem o décimo.

— Pois não — admitiu Gerris.

— Então quantos foram? Cem?

*Bem perto disso*, pensou Quentyn. Os volantenos gostavam de se gabar de que as cem ilhas de Bravos podiam ser mergulhadas no seu porto profundo e afogadas. Quentyn nunca vira Bravos, mas conseguia acreditar nisso. Rica, madura e podre, Volantis cobria a foz do Roine como um tépido beijo húmido cobria uma boca, estendendo-se por colinas e pântanos de ambos os lados do rio. Havia navios por todo o lado, a descerem o rio ou a dirigirem-se para o mar, enchendo os cais e os molhes, embarcando carga ou descarregando-a; navios de guerra e baleeiros e galés mercantes, carracas e esquifes, cocas, grandes cocas, dracares, navios-cisne, navios de Lys, Tyrosh e Pentos, especiarieiros grandes como palácios, navios de Tolos e Yunkai e das Basilisco. Tantos que Quentyn, ao ver o porto pela primeira vez do convés do *Cotovia-dos-Prados*, dissera aos amigos que só ficariam ali durante três dias.

Mas tinham-se passado vinte e ali permaneciam, ainda sem navio. Os capitães do *Melantino*, da *Filha do Triarca* e do *Beijo da Sereia* tinham-nos recusado. Um imediato no *Ousado Viajante* rira-se-lhes nas caras. O capitão do *Golfinho* enfurecera-se com eles por lhe fazerem perder tempo, e o dono do *Sétimo Filho* acusara-os de serem piratas. Tudo no primeiro dia.

Só o capitão do *Enho* lhes dera motivos para a recusa.

— É verdade que vou zarpar para leste — dissera-lhes, à frente de vinho aguado. — Para sul em volta de Valéria e depois para o nascente. Embarcamos água e provisões em Nova Ghis e depois dobramos os remos para Qarth e os Portões de Jade. Todas as viagens têm perigos, e as longas mais do que a maioria. Porque haveria eu de procurar mais perigos virando para a Baía dos Escravos? É com o *Enho* que ganho a vida. Não irei arriscá-lo para levar três dorneses loucos para o meio de uma guerra.

Quentyn começara a pensar que poderiam ter feito melhor se tivessem comprado o seu próprio navio em Vila Tabueira. Mas isso teria atraído atenções indesejadas. A Aranha tinha informadores por todo o lado, até nos salões de Lançassolar.

— Dorne sangrará se o teu propósito for descoberto — prevenira-o o pai enquanto observavam as crianças a brincar nas piscinas e fontanários dos Jardins de Água. — O que fazemos é traição, não te iludas. Confia só nos teus companheiros, e faz tudo o que possas para evitar atrair atenções.

E assim Gerris Drinkwater concedeu ao capitão do *Aventura* o seu sorriso mais desarmante.

— Para dizer a verdade, não contei todos os cobardes que nos disseram não, mas na Casa dos Mercadores ouvi dizer que vós sois de um tipo de homem mais ousado, do tipo de homem que poderia arriscar qualquer coisa por ouro suficiente.

*Um contrabandista*, pensou Quentyn. Era isso que os outros mercadores tinham chamado ao capitão do *Aventura* na Casa dos Mercadores.

— Ele é um contrabandista e um escravagista, meio pirata e meio proxeneta, mas pode acontecer que seja a vossa melhor esperança — disseram-lhes o estalajadeiro.

O capitão esfregou o indicador no polegar.

— E quanto ouro acharíeis suficiente para uma viagem como essa?

— O triplo do vosso preço normal para a Baía dos Escravos.

— Por cada um de vós? — o capitão mostrou os dentes em algo cuja intenção podia ser um sorriso, embora desse à sua cara estreita um ar ferino. — Talvez. É verdade, eu sou um homem mais ousado do que a maioria. Quando quereis partir?

— Amanhã não seria cedo demais.

— Feito. Regressai uma hora antes da primeira luz da aurora, com os vossos amigos e os vossos vinhos. É melhor pormo-nos a caminho enquanto Volantis dorme, para que ninguém nos faça perguntas inconvenientes sobre o nosso destino.

— Como quiserdes. Uma hora antes da primeira luz.

O sorriso do capitão alargou-se.

— Estou contente por poder ajudar-vos. Vamos ter uma viagem feliz, sim?

— Tenho a certeza que sim — disse Gerris. O capitão pediu então cerveja, e os dois beberam um brinde ao empreendimento de ambos.

— Uma doçura de homem — disse Gerris mais tarde, enquanto ele e Quentyn se dirigiam ao início do molhe onde o *hathay* que tinham alugado os aguardava. O ar pairava quente e pesado, e o sol era tão brilhante que ambos estavam a cerrar os olhos.

— Isto é uma doçura de cidade — concordou Quentyn. *Suficientemente doce para nos apodrecer os dentes*. Beterrabas doces eram profusamente cultivadas por ali, e eram servidas em quase todas as refeições. Os volatenos faziam também com elas uma sopa fria, tão espessa e rica como mel purpúreo. Os vinhos deles também eram doces. — Mas temo que a nossa viagem acabe por ser curta. Aquela doçura de homem não tenciona levar-nos até Meereen. Foi demasiado rápido a aceitar a nossa proposta. Vai receber o triplo do preço habitual, sem dúvida, e depois de nos ter a bordo e fora de vista de terra, vai cortar-nos as goelas e roubar também o resto do nosso ouro.

— Ou acorrentar-nos a um remo, ao lado daqueles desgraçados que estávamos a cheirar. Acho que precisamos de encontrar uma espécie melhor de contrabandista.

O condutor aguardava-os ao lado do *hathay*. Em Westeros, o veículo

podia ter recebido o nome de carro de bois, embora fosse bastante mais ornamentado do que qualquer carro que Quentyn tivesse visto em Dorne e lhe faltasse um boi. O *hathay* era puxado por um elefante anão, com uma pele da cor de neve suja. As ruas da Velha Volantis estavam cheias de tais animais.

Quentyn teria preferido caminhar, mas estavam a milhas da estalagem. Além disso, o estalajadeiro na Casa dos Mercadores tinha-o avisado de que viajar a pé os macularia aos olhos tanto de capitães estrangeiros como de volatenos nativos. Pessoas de categoria viajavam de palanquim ou na parte de trás de um *hathay*... e calhava o estalajadeiro ter um primo que era dono de vários desses aparelhos e ficaria feliz por os servir nesse campo.

O condutor era um dos escravos do primo, um homem pequeno com uma roda tatuada numa bochecha, nu à exceção de uma tanga e de um par de sandálias. A pele era da cor da teca, os olhos lascas de sílex. Depois de os ajudar a subir para o banco almofadado entre as duas enormes rodas de madeira do carro, trepou para o dorso do elefante.

— A Casa dos Mercadores — disse-lhe Quentyn — mas vai ao longo dos cais. — Para lá da zona ribeirinha e das suas brisas, as ruas e vielas de Volantis eram suficientemente quentes para afogar um homem no próprio suor, pelo menos daquele lado do rio.

O condutor gritou qualquer coisa ao elefante na língua local. O animal começou a deslocar-se, balançando a tromba de um lado para o outro. O carro avançou pesadamente atrás dele, enquanto o condutor gritava tanto a marinheiros como a escravos para abrirem caminho. Era bastante simples distinguir estes daqueles. Os escravos estavam todos tatuados; uma máscara de penas azuis, um relâmpago que ia do queixo à testa, uma moeda na bochecha, malhas de leopardo, um crânio, uma caneca. O Mestre Kedry dizia que havia cinco escravos por cada homem livre em Volantis, embora não tivesse sobrevivido durante tempo suficiente para verificar essa estimativa. Perecera na manhã em que os corsários abordaram o *Cotovia-dos-Prados*.

Quentyn perdera mais dois amigos no mesmo dia; Willam Wells com as suas sardas e os seus dentes tortos, destemido com uma lança, e Cletus Yronwood, bem-parecido apesar do olho vesgo, sempre turbulento, sempre a rir. Cletus fora o amigo mais querido de Quentyn ao longo de metade da vida, um irmão em tudo menos no sangue.

— Dá à tua noiva um beijo por mim — murmurara-lhe Cletus logo antes de morrer.

Os corsários tinham subido a bordo na escuridão que precedia a aurora, quando o *Cotovia-dos-Prados* estava ancorado ao largo das Terras

Disputadas. A tripulação repelira-os, com o preço de doze vidas. Depois, os marinheiros tinham despido os corsários mortos de botas, cintos e armas, dividido as suas bolsas, e arrancado pedras preciosas das suas orelhas e anéis dos seus dedos. Um dos cadáveres fora tão gordo que o cozinheiro do navio tivera de lhe cortar os dedos com um cutelo para recuperar os anéis. Tinham sido necessários três Cotovias para rolar o corpo para o mar. Os outros piratas foram abandonados depois dele, sem uma palavra de prece ou cerimónia.

Os seus mortos receberam tratamento mais afetuoso. Os marinheiros coseram os corpos em tela e acrescentaram-lhes pedras de lastro para se afundarem mais depressa. O capitão do *Cotovia-dos-Prados* liderara a tripulação numa oração pelas almas dos camaradas mortos. Depois virara-se para os passageiros dorneses, os três que restavam dos seis que tinham embarcado em Vila Tabueira. Até o grandalhão subira ao convés, pálido, enjoado e instável sobre as pernas, lutando por emergir das profundezas do porão do navio para fazer a sua última homenagem.

— Um de vós devia dizer algumas palavras pelos vossos mortos, antes de os entregarmos ao mar — dissera o capitão. Gerris fizera-lhe a vontade, mentindo palavra sim, palavra não, visto que não se atrevia a dizer a verdade sobre quem eles tinham sido ou por que motivo tinham vindo.

*As coisas não deviam ter terminado assim para eles.*

— Esta será uma história para contar aos nossos netos — declarara Cletus no dia em que partiram do castelo do pai. Will respondera àquilo com uma careta e dissera:

— Uma história para contar a raparigas de taberna, queres tu dizer, na esperança de que elas levantem as saias.

Cletus dera-lhe uma palmada nas costas.

— Para netos precisas de filhos. Para filhos, precisas de levantar umas quantas saias.

Mais tarde, em Vila Tabueira, os dorneses tinham brindado à futura noiva de Quentyn, tinham feito gracejos obscenos sobre a noite de núpcias que teria, e tinham conversado sobre as coisas que veriam, os feitos que fariam, a glória que conquistariam. *Tudo o que conquistaram foi um saco de tela cheio de pedras de lastro.*

Por mais que sofresse pela perda de Will e Cletus, era a perda do mestre que Quentyn sentia com mais agudeza. Kedry fora fluente nas línguas de todas as Cidades Livres e até no ghiscari mestiço que os homens falavam ao longo das costas da Baía dos Escravos.

— O Mestre Kedry vai acompanhar-te — dissera o pai na noite em que partiram. — Dá ouvidos aos seus conselhos. Ele dedicou metade da

vida ao estudo das Nove Cidades Livres. — Quentyn perguntou a si próprio se as coisas não teriam corrido bastante mais facilmente se ele estivesse ali para os guiar.

— Eu vendia a minha mãe por um pouco de brisa — disse Gerris, enquanto rolavam através das multidões das docas. — O ar já está húmido como a cona da Donzela, e ainda nem meio-dia é. Odeio esta cidade.

Quentyn partilhava aquele sentimento. O obstinado calor húmido de Volantis esgotava-lhe as forças e deixava-o a sentir-se sujo. A pior parte era saber que o cair da noite não traria qualquer alívio. Nos prados de altitude a norte das propriedades do Lorde Yronwood, o ar era sempre vivificante e fresco depois de escurecer, por mais quente que o dia tivesse sido. Ali não. Em Volantis, as noites eram quase tão quentes como os dias.

— A *Deusa* zarpa para Nova Ghis amanhã — fez-lhe lembrar Gerris. — Isso pelo menos iria levar-nos para mais perto.

— Nova Ghis é uma ilha, e um porto muito mais pequeno do que este. Estaríamos mais perto, sim, mas podíamos dar por nós lá presos. E Nova Ghis aliou-se aos yunkaitas. — Essa notícia não surpreendera Quentyn. Tanto Nova Ghis como Yunkai eram cidades ghiscaritas. — Se Volantis também se aliar a eles...

— Precisamos de encontrar um navio vindo de Westeros — sugeriu Gerris — um mercador qualquer vindo de Lannisporto ou de Vilavelha.

— Poucos vêm até tão longe, e os que vêm enchem os porões com seda e especiarias vindas do Mar de Jade, após o que viram os remos para casa.

— Talvez um navio bravosiano? Ouve-se falar de velas purpúreas em sítios tão distantes como Asshai e as ilhas do Mar de Jade.

— Os bravosianos são descendentes de escravos fugidos. Não fazem negócio na Baía dos Escravos.

— Temos ouro suficiente para *comprar* um navio?

— E quem iria manobrá-lo? Tu? Eu? — os dorneses nunca tinham sido navegadores, pelo menos desde que Nymeria queimara os seus dez mil navios. — Os mares em volta de Valíria são perigosos e estão repletos de corsários.

— Já tive corsários que cheguem. Proponho comprarmos um navio.

*Isto continua a não passar de um jogo para ele, apercebeu-se Quentyn, sem nada de diferente em relação à altura em que levou seis de nós para as montanhas para encontrar o velho covil do Rei Abutre.* Não estava na natureza de Gerris Drinkwater imaginar que podiam falhar, muito menos que poderiam morrer. Nem as mortes de três amigos lhe tinham servido de emenda, ao que parecia. *Ele deixa isso comigo. Sabe que a minha natureza é tão cautelosa como a sua é ousada.*

— O grandalhão talvez tenha razão — disse Sor Gerris. — Caguemos no mar, podemos acabar a viagem por terra.

— Tu sabes porque é que ele diz isso — disse Quentyn. — Preferia morrer a pôr os pés noutra navio. — O grandalhão passara enjoado todos os dias da viagem. Em Lys precisara de quatro dias para recuperar as forças. Tinham tido de se hospedar numa estalagem para que o Mestre Kedry pudesse enfiá-lo numa cama com colchão de penas e alimentá-lo de caldos e poções até que alguma tonalidade rosada regressasse ao seu rosto.

Era possível ir por terra até Meereen, isso era verdade. As velhas estradas valirianas levá-los-iam até lá. *Estradas de dragões*, era como os homens chamavam às grandes estradas de pedra da Cidade Franca, mas a que seguia para leste de Volantis até Meereen ganhara um nome mais sinistro: *a estrada dos demónios*.

— A estrada dos demónios é perigosa e demasiado *lenta* — disse Quentyn. — Tywin Lannister vai enviar os seus homens atrás da rainha, assim que as notícias sobre ela chegarem a Porto Real. — O seu pai tivera a certeza disso. — Os dele virão com facas. Se chegarem a ela primeiro...

— Esperemos que os dragões dela os farejem e os comam — disse Gerris. — Bem, se não conseguimos encontrar um navio e tu não queres deixar-nos seguir a cavalo, é melhor que compremos passagens de regresso a Dorne.

*Rastejar de volta para Lançassolar derrotado, com o rabo entre as pernas?* A desilusão do pai seria mais do que Quentyn conseguiria suportar, e o escárnio das Serpentes de Areia seria mordaz. Doran Martell pusera o destino de Dorne nas suas mãos, não podia falhar-lhe enquanto lhe restasse vida.

Torvelinhos de calor erguiam-se da rua enquanto o *hathay* ia chocalhando e sacudindo-se sobre as suas rodas de aros de ferro, emprestando às redondezas um ar onírico. Por entre os armazéns e os cais, lojas e bancadas de todos os tipos atafalhavam a borda-d'água. Aqui podiam comprar-se ostras frescas, ali correntes e grilhetas de ferro, acolá peças de *cryvasse* esculpidas em marfim e jade. Aqui encontravam-se também templos, onde os marinheiros iam fazer sacrifícios a deuses estrangeiros, encostados a casas de almofadas onde mulheres chamavam das varandas os homens que passavam em baixo.

— Olha para aquela — instou Gerris, quando passaram por uma casa de almofadas. — Acho que está apaixonada por ti.

*E quanto custa o amor de uma rameira?* Em boa verdade, as raparigas deixavam Quentyn ansioso, especialmente as bonitas.

Quando chegara a Paloferro, ficara encantado com Ynys, a mais velha das filhas do Lorde Yronwood. Embora nunca chegasse a dizer uma pala-

vra sobre os seus sentimentos, acarinhara os sonhos durante anos... até ao dia em que ela fora enviada para desposar Sor Ryon Allyrion, o herdeiro de Graçadivina. Da última vez que a vira, tinha um rapaz ao peito e outro agarrado às saias.

Depois de Ynys, tinham sido as gémeas Drinkwater, um par de morenas e jovens donzelas que adoravam fazer falcoaria, caçar, escalar rochedos e fazer Quentyn corar. Uma delas dera-lhe o primeiro beijo, embora nunca tivesse sabido qual fora. Como filhas de um cavaleiro com terras, as gémeas eram demasiado mal nascidas para se casar com elas, mas Cletus não achava que isso fosse motivo para que não as beijasse.

— Depois de casares podes ficar com uma como amante. Ou com as duas, porque não? — mas Quentyn pensara em vários motivos por que não, e fizera os possíveis para evitar as gémeas de então em diante, e não houvera um segundo beijo.

Mais recentemente, a mais nova das filhas do Lorde Yronwood pusera-se a segui-lo pelo castelo. Gwyneth não tinha mais de doze anos, e era uma rapariga pequena e magricela cujos olhos escuros e cabelo castanho a distinguiam naquela casa de louros de olhos azuis. Mas era esperta, tão rápida com as palavras como com as mãos, e gostava de dizer a Quentyn que ele tinha de esperar que ela florescesse para poder casar com ele.

Isso fora antes do Príncipe Doran o chamar aos Jardins de Água. E agora a mais bela mulher do mundo estava à espera em Meereen, e ele pretendia cumprir o seu dever e reclamá-la como noiva. *Ela não me recusará. Irá honrar o acordo.* Daenerys Targaryen precisaria de Dorne para conquistar os Sete Reinos, e isso queria dizer que precisaria dele. *Mas não quer dizer que me ame. Pode nem sequer gostar de mim.*

A rua curvava onde o rio se encontrava com o mar e aí, ao longo da curva, uma quantidade de vendedores de animais aglomerava-se, todos juntos, oferecendo sardões, gigantescas serpentes aneladas e ágeis macaquinhos com caudas listadas e inteligentes mãos cor-de-rosa.

— A tua rainha talvez goste de um macaco — disse Gerris.

Quentyn não fazia a mínima ideia do que Daenerys Targaryen poderia apreciar. Prometera ao pai que a traria de volta a Dorne, mas cada vez mais se interrogava sobre se estaria à altura da tarefa.

*Nunca pedi isto,* pensou.

Para lá da larga extensão azul do Roine, via a Muralha Negra que fora erguida pelos valirianos quando Volantis não passava de um posto avançado do seu império; uma grande oval de rocha fundida com sessenta metros de altura e tão espessa que seis quadrigas podiam fazer uma corrida lado a lado ao longo do seu topo, como faziam todos os anos para festejar a fundação da cidade. Estrangeiros e libertos não eram permitidos dentro da Mu-

ralha Negra, exceto a convite daqueles que viviam lá dentro, descendentes de Sangue Antigo cuja ancestralidade remontava à própria Valíria.

O tráfego era ali mais denso. Estavam perto da extremidade oriental da Ponte Longa, que ligava as duas metades da cidade. Carros, carroças e *hathays* atulhavam as ruas, todos a dirigirem-se para a ponte ou vindos de lá. Havia escravos por toda a parte, numerosos como baratas, correndo de um lado para o outro a tratar dos assuntos dos seus amos.

Não muito longe da Praça dos Peixeiros e da Casa dos Mercadores, irromperam gritos de uma rua perpendicular àquela que seguiam e uma dúzia de lanceiros Imaculados em armaduras ornamentadas e mantos de pele de tigre surgiram como que vindos de nenhures, fazendo sinal a toda a gente para que se afastasse, a fim de que o triarca pudesse passar empoleirado no seu elefante e escolta. O elefante do triarca era um monstro de pele cinzenta vestido com uma complicada armadura esmaltada que matraqueava suavemente quando ele se mexia, e o castelo que levava ao dorso era tão alto que raspava no topo do arco de pedra ornamental sob o qual estava a passar.

— Acha-se que os triarcas têm uma categoria tão elevada que não se permite que os seus pés toquem o chão durante o ano em que prestam serviço — disse Quentyn ao companheiro. — Vão para todo o lado montados em elefantes.

— A bloquear as ruas e a deixar pilhas de bosta com que gente como nós tem de lidar — disse Gerris. — Nunca saberei porque Volantis precisa de três príncipes quando Dorne se governa com um.

— Os triarcas não são nem reis nem príncipes. Volantis é uma cidade franca, como a Valyria de antigamente. Todos os proprietários de terras nascidos livres partilham o governo. Até as mulheres podem votar, desde que possuam terras. Os três triarcas são escolhidos de entre as famílias nobres que conseguirem provar ascendência nunca interrompida até à velha Valíria, para servirem até ao primeiro dia do novo ano. E saberias tudo isto se te tivesses incomodado a ler o livro que o Mestre Kedry te deu.

— Não tinha imagens.

— Havia mapas.

— Os mapas não contam. Se ele me tivesse dito que era sobre tigres e elefantes, podia ter tentado. Parecia-se de forma suspeita com uma história.

Quando o *hathay* chegou à Praça dos Peixeiros, o elefante que o puxava ergueu a tromba e soltou um som de buzina como se fosse algum enorme ganso branco, relutante em mergulhar no emaranhado de carroças, palanquins e tráfego a pé que tinha em frente. O condutor espetou-lhe os calcanhares e manteve-o em movimento.

Os vendedores de peixe estavam em força na rua, gritando as captu-

ras da manhã. Quentyn compreendia uma palavra em duas, no máximo, mas não precisava de conhecer as palavras para conhecer os peixes. Viu bacalhaus, agulhões e sardinhas, barricas de mexilhões e amêijoas. Enguias estavam penduradas à frente de uma bancada. Outra mostrava uma gigantesca tartaruga, presa pelas patas com correntes de ferro, pesada como um cavalo. Caranguejos esgravatavam dentro de barris de salmoura e algas. Vários dos vendedores estavam a fritar bocados de peixe com cebolas e be-terrabas, ou a vender guisado de peixe picante que tiravam de pequenas panelas de ferro.

No centro da praça, sob a estátua estalada e sem cabeça de um triarca morto, uma multidão tinha começado a reunir-se em volta de uns anões que montavam um espetáculo. Os homenzinhos envergavam armaduras de madeira, cavaleiros em miniatura que se preparavam para uma justa. Quentyn viu um deles montar um cão, enquanto o outro saltava para cima de um porco... só para escorregar imediatamente para o chão, entre gargalhadas dispersas.

— Parecem divertidos — disse Gerris. — Paramos para os ver lutar? Uma gargalhada podia fazer-te bem, Quent. Pareces um velho que já não usa as tripas há meio ano.

*Tenho dezoito anos, sou seis anos mais novo do que tu*, pensou Quentyn. *Não sou velho nenhum*. Mas em vez disso, disse:

— Não tenho necessidade nenhuma de anões cómicos. A menos que tenham um navio.

— Um pequeno, imagino.

Com quatro andares de altura, a Casa dos Mercadores dominava as docas, molhes e armazéns que a rodeavam. Ali, mercadores vindos de Vilavelha e Porto Real misturavam-se com os seus homólogos de Bravos, Pentos e Myr, com Ibbeneses peludos, com viajantes de pele clara de Qarth, com ilhéus do Verão negros como carvão vestidos com mantos de penas, até com umbromantes mascarados de Asshai da Sombra.

Quentyn sentiu as pedras do pavimento quentes sob os pés quando desceu do *hathay*, mesmo através do couro das botas. À porta da Casa dos Mercadores tinha sido montada uma mesa à sombra, decorada com flâmulas às riscas azuis e brancas que esvoaçavam a cada sopro de ar. Quatro mercenários de olhos duros preguiçavam em volta da mesa, chamando todos os homens e rapazes que por ali passavam. *Aventados*, compreendeu Quentyn. Os sargentos andavam à procura de carne fresca para preencher as fileiras antes de embarcarem para a Baía dos Escravos. *E cada homem que alistarem é mais uma espada para Yunkai, outra lâmina destinada a beber o sangue da minha futura noiva*.

Um dos *Aventados* gritou-lhes.

— Não falo a vossa língua — respondeu Quentyn. Embora soubesse ler e escrever alto valiriano, tinha pouca prática de o falar. E a maçã volante rolara até uma distância razoável da árvore valiriana.

— De Westeros? — respondeu o homem no idioma comum.

— Dorneses. O meu amo é vendedor de vinhos.

— Amo? Que se foda. És escravo? Vem connosco e sê o teu próprio amo. Queres morrer na cama? Nós ensinamos-te a combater com espada e lança. Irás para a batalha com o Príncipe Esfarrapado e voltarás para casa mais rico do que um lorde. Rapazes, raparigas, ouro, tudo o que tu quiseres, se fores suficientemente homem para o agarrar. Nós somos os Aventados, e fodemos a deusa massacre pelo cu acima.

Dois dos mercenários começaram a cantar, berrando a letra de uma canção de marcha qualquer. Quentyn compreendeu o suficiente para apanhar a essência da coisa. *Nós somos os Aventados*, cantavam eles. *Soprai-nos para leste para a Baía dos Escravos, e mataremos o rei carniceiro e foderemos a rainha dos dragões.*

— Se Cletus e Will ainda estivessem connosco, podíamos voltar com o grandalhão e matá-los a todos — disse Gerris.

*Cletus e Will estão mortos.*

— Não lhes liguês — disse Quentyn. Os mercenários atiraram provocações às suas costas enquanto eles cruzavam as portas da Casa dos Mercadores, chamando-lhes cobardes sem sangue e meninas assustadas.

O grandalhão esperava-os nos aposentos que tinham alugado no segundo andar. Embora a estalagem tivesse sido recomendada pelo capitão do *Cotovia-dos-Prados*, isso não queria dizer que Quentyn estivesse disposto a deixar os bens e o ouro sem proteção. Todos os portos tinham ladrões, ratazanas e rameiras, e Volantis tinha mais do que a maioria.

— Estava quase a ir à vossa procura — disse Sor Archibald Yronwood, enquanto fazia deslizar a tranca para os deixar entrar. Fora o primo Cletus quem começara a chamar-lhe “grandalhão,” mas o nome era bastante merecido. Arch tinha dois metros de altura, era largo de ombros, possuía uma barriga enorme, as pernas eram como troncos de árvores, as mãos tinham o tamanho de presuntos e não tinha pescoço de que valesse a pena falar. Alguma enfermidade de infância fizera-lhe cair todo o cabelo. A sua cabeça calva fazia lembrar a Quentyn um pedregulho liso e cor-de-rosa. — Então — perguntou o grandalhão — que disse o contrabandista? Temos barco?

— Navio — corrigiu Quentyn. — Sim, ele leva-nos, mas só até ao inferno mais próximo.

Gerris sentou-se numa cama descaída a meio e descalçou as botas.

— Dorne parece mais atraente a cada momento que passa.

O grandalhão disse:

— Continuo a dizer que faríamos melhor se cavalgássemos pela estrada dos demónios. Pode ser que não seja tão perigosa como os homens dizem. E se for, isso só significa mais glória para os que se atrevem a enfrentá-la. Quem se atreveria a incomodar-nos? O Drink com a sua espada, eu com o meu martelo, somos mais do que qualquer demónio consegue digerir.

— E se Daenerys morrer antes de chegarmos junto dela? — questionou Quentyn. — Temos de arranjar navio. Mesmo se for o *Aventura*.

Gerris riu-se.

— Deves estar mais desesperado pela Daenerys do que eu pensava, se estás disposto a aguentar aquele pivete durante meses sem parar. Passados três dias, eu punha-me a pedir-lhes que me assassinassem. Não, meu príncipe, suplico-vos, o *Aventura* não.

— Tens maneira melhor? — perguntou-lhe Quentyn.

— Tenho. Acabou de me ocorrer. Tem os seus riscos, e não é aquilo a que eu chamaria honroso, admito... mas levar-te-á à tua rainha mais depressa do que a estrada dos demónios.

— Conta-me — disse Quentyn Martell.

## JON

Jon Snow releu a carta até as palavras começarem a desfocar-se e a confundir-se umas com as outras. *Não posso assinar isto. Não assinarei isto.*

Quase queimou o pergaminho ali e naquele momento. Mas em vez disso, bebeu um trago de cerveja, o que restara da meia taça que sobrara do seu jantar solitário na noite anterior. *Tenho de assinar. Eles escolheram-me para ser seu senhor comandante. A Muralha é minha e a Patrulha também. A Patrulha da Noite não participa.*

Foi um alívio quando o Edd Doloroso Tollett abriu a porta para lhe dizer que Gilly estava lá fora. Jon pôs a carta do Mestre Aemon de lado.

— Eu recebo-a. — Temia aquilo. — Vai à procura do Sam. Vou querer falar com ele a seguir.

— Ele deve estar lá em baixo com os livros. O meu velho septão costumava dizer que os livros são os mortos a falar. O que eu digo é que os mortos deviam ficar sossegados. Ninguém quer ouvir o paleio de um morto. — O Edd Doloroso saiu a resmungar sobre vermes e aranhas.

Quando Gilly entrou, caiu imediatamente de joelhos. Jon deu a volta à mesa e pô-la em pé.

— Não precisas de te ajoelhar à minha frente. Isso é só para reis. — Embora fosse esposa e mãe, Gilly ainda lhe parecia meio criança, uma coisinha esguia enrolada num dos mantos velhos de Sam. O manto ficava-lhe tão grande que podia ter escondido várias outras raparigas sob as suas dobras. — Os bebés estão bem? — perguntou-lhe.

A rapariga selvagem sorriu timidamente de dentro do capuz.

— Sim, s'nhor. Tinha medo de não ter leite suficiente para os dois, mas quanto mais mamam mais leite tenho. Eles são fortes.

— Tenho uma coisa difícil para te dizer. — Quase disse *pedir*, mas segurou-se no último instante.

— É o Mance? A Val suplicou ao rei para o poupar. Disse que deixava que um ajoelhador qualquer se casasse com ela e nunca lhe cortaria a goela se Mance pudesse viver. Aquele Senhor dos Ossos, ele vai ser poupado. O Craster sempre jurou que o matava se mostrasse a cara na fortaleza. O Mance nunca fez metade das coisas que ele fez.

*Tudo o que Mance fez foi liderar um exército contra o reino que tinha jurado proteger.*

— O Mance proferiu as nossas palavras, Gilly. Depois virou o manto, casou com Dalla e coroou-se Rei-para-lá-da-Muralha. A vida dele está agora nas mãos do rei. Não é sobre ele que temos de falar. É sobre o filho dele. O filho de Dalla.

— O bebé? — a voz dela tremeu. — Ele nunca quebrou nenhum juramento, s'nhor. Dorme, e chora e mama, só isso, nunca fez mal nenhum a ninguém. Não os deixeis queimá-lo. Salvai-o, por favor.

— Só tu podes fazer isso, Gilly. — Jon disse-lhe como.

Outra mulher ter-lhe-ia gritado, tê-lo-ia amaldiçoado, tê-lo-ia condenado aos sete infernos. Outra mulher podia ter-se atirado a ele numa raiva, podia tê-lo esbofeteado, pontapeado, esgatanhado os olhos com as unhas. Outra mulher podia ter-lhe atirado o desafio aos dentes.

Gilly abanou a cabeça.

— Não. Por favor, não.

O corvo pegou na palavra.

— *Não* — gritou.

— Se recusares, o rapaz vai arder. Não amanhã, não no dia seguinte... mas em breve, quando Melisandre precisar de despertar um dragão ou levantar um vento ou fazer outro feitiço que precise do sangue de um rei. Por essa altura, Mance será cinzas e ossos, portanto, exigirá o filho dele para o fogo, e Stannis não lho negará. Se não lewares o rapaz para longe, *ela vai queimá-lo*.

— Eu vou — disse Gilly. — Eu levo-o, levo os dois, o miúdo de Dalla e o meu. — Lágrimas correram-lhe pela cara abaixo. Se não fosse pelo modo como a vela as fazia cintilar, Jon podia não se ter apercebido de que ela estava a chorar. *As mulheres de Craster devem ter ensinado as filhas a derramar as lágrimas para uma almofada. Talvez saíssem de casa para chorar, bem para longe dos punhos de Craster.*

Jon fechou os dedos da mão da espada.

— Se lewares os dois rapazes, os homens da rainha vão atrás de ti e arrastam-te de volta. O rapaz arderá na mesma... e tu com ele. — *Se a confortar, ela pode julgar que lágrimas me conseguem demover. Tem de compreender que eu não irei ceder.* — Vais levar um rapaz, e esse rapaz será o de Dalla.

— Uma mãe não pode abandonar o filho, senão fica amaldiçoada para todo o sempre. Um *filho* não. Nós *salvamo-lo*, eu e o Sam. Por favor. Por favor, s'nhor. Salvámo-lo do frio.

— Os homens dizem que morrer gelado é quase pacífico. Mas o fogo... vês a vela, Gilly?

Ela olhou para a chama.

— Sim.

— Toca-a. Põe a mão por cima da chama.

Os seus grandes olhos castanhos tornaram-se ainda maiores. Não se mexeu.

— Faz o que te digo. — *Mata o rapaz.* — Já.

A tremer, a rapariga estendeu a mão e susteve-a bem acima da chama tremeluzente da vela.

— Para baixo. Deixa que ela te beije.

Gilly baixou a mão. Um centímetro. Outro. Quando a chama lhe lambeu a pele, puxou a mão de repente e desatou a soluçar.

— O fogo é uma maneira cruel de morrer. A Dalla morreu para dar vida a esta criança, mas tu alimentaste-a, acarinhaste-a. Salvaste o teu rapaz do gelo. Agora salva o dela do fogo.

— Mas assim eles vão queimar o meu bebé. A mulher vermelha. Se ela não puder ter o da Dalla, vai queimar o meu.

— O teu filho não tem nenhum sangue de rei. Melisandre não ganha nada em entregá-lo ao fogo. Stannis quer que o povo livre lute por ele, não irá queimar um inocente sem um bom motivo. O teu rapaz ficará em segurança. Eu arranjo-lhe uma ama-de-leite, e ele será criado aqui em Castelo Negro sob a minha proteção. Aprenderá a caçar e a montar a cavalo, a combater com espada, machado e arco. Até me assegurarei de que seja ensinado a ler e a escrever. — Sam gostaria daquilo. — E quando tiver idade suficiente, aprenderá a verdade sobre quem é. Será livre de ir à tua procura, se for isso que quiser.

— Ides fazer dele um corvo. — Ela limpou as lágrimas com as costas de uma mão pálida e pequena. — Não deixo. Não deixo.

*Mata o rapaz,* pensou Jon.

— Vais deixar. Senão, prometo-te que no dia em que queimarem o rapaz de Dalla o teu morre também.

— *Morre* — guinchou o corvo do Velho Urso. — *Morre, morre, morre.*

A rapariga ficou encolhida e enrolada sobre si própria, a fitar a chama da vela, com lágrimas a cintilar nos olhos. Por fim, Jon disse:

— Tens a minha licença para saíres. Não fales disto, mas trata de estar pronta para partir uma hora antes da primeira luz da aurora. Os meus homens ir-te-ão buscar.

Gilly pôs-se em pé. Partiu pálida e sem palavras, sem lhe deitar um olhar. Jon ouviu os seus passos a atravessar apressadamente o armeiro. Ia quase a correr.

Quando foi fechar a porta, Jon viu que o Fantasma estava estendido ao lado da bigorna, a roer o osso de um boi. O grande lobo gigante branco ergueu os olhos quando se aproximou.

— Já era mais que tempo de estares de volta. — Regressou à sua cadeira, para voltar a reler a carta do Mestre Aemon.

Samwell Tarly apareceu alguns momentos mais tarde, agarrado a uma pilha de livros. Assim que ele entrou, o corvo de Mormont voou para ele exigindo milho. Sam fez o que pôde para lhe cumprir a vontade, oferecendo alguns grãos tirados do saco que estava ao lado da porta. O corvo fez o que pôde para lhe trespassar a palma da mão com uma bicada. Sam soltou um uivo, a ave voou para longe, o milho espalhou-se pelo chão.

— Esse patife rompeu-te a pele? — perguntou Jon.

Sam descalçou cuidadosamente a luva.

— Rompeu. Estou a *sangrar*.

— Todos derramamos o nosso sangue pela Patrulha. Usa luvas mais grossas. — Jon empurrou uma cadeira para ele com um pé. — Senta-te e dá uma olhadela a isto. — Entregou o pergaminho a Sam.

— O que é?

— Um escudo de papel.

Sam leu-o lentamente.

— Uma carta para o Rei Tommen?

— Em Winterfell, Tommen lutou com o meu irmão Bran com espadas de madeira — disse Jon, recordando. — Estava tão almofadado que parecia um ganso estufado. Bran atirou-o ao chão. — Foi até à janela e abriu as portadas. O ar lá fora estava frio e tonificante, embora o céu mostrasse um cinzento monótono. — Mas Bran está morto, e o rechonchudo Tommen de cara rosada está sentado no Trono de Ferro, com uma coroa aninhada entre os seus caracóis dourados.

Aquilo obteve um olhar estranho de Sam, o qual por um momento pareceu querer dizer qualquer coisa. Mas, em vez disso, engoliu em seco e voltou a virar-se para o pergaminho.

— Não assinaste a carta.

Jon abanou a cabeça.

— O Velho Urso suplicou ajuda ao Trono de Ferro uma centena de vezes. Enviaram-lhe Janos Slynt. Nenhuma carta fará com que os Lannister gostem mais de nós. Em especial, depois de ouvirem dizer que temos ajudado Stannis.

— Só a defender a Muralha, não na sua rebelião. É o que aqui *diz*.

— A diferença pode escapar ao Lorde Tywin. — Jon voltou a agarrar na carta. — Porque haveria de nos ajudar agora? Nunca o fez antes.

— Bem, ele não quererá que se diga que Stannis correu em defesa do reino enquanto o Rei Tommen estava a brincar com os seus brinquedos. Isso faria cair o escárnio sobre a Casa Lannister.

— O que eu quero fazer cair sobre a Casa Lannister é a morte e a

destruição, não o escárnio. — Jon leu um trecho da carta. — *A Patrulha da Noite não participa nas guerras dos Sete Reinos. Os nossos juramentos são prestados ao reino, e o reino encontra-se agora em terrível perigo. Stannis Baratheon ajuda-nos contra os inimigos vindos do além-Muralha, embora nós não sejamos seus homens...*

Sam torceu-se na cadeira.

— Bem, e *não* somos. Somos?

— Eu dei a Stannis alimentos, abrigo e Fortenoite, além de autorização para instalar algum povo livre na Dádiva. É tudo.

— O Lorde Tywin dirá que foi demasiado.

— Stannis diz que não é o suficiente. Quanto mais deres a um rei, mais ele quererá. Estamos a percorrer uma ponte de gelo com um abismo de cada lado. Agradar a um rei já é bastante difícil. Agradar a dois é praticamente impossível.

— Sim, mas... se os Lannister prevalecerem e o Lorde Tywin decidir que traímos o rei ao ajudarmos Stannis, isso poderá significar o fim da Patrulha da Noite. Ele tem os Tyrell atrás de si, com todo o poderio de Jardim de Cima. E derrotou o Lorde Stannis na Água Negra.

— A Água Negra foi uma batalha. Robb venceu todas as suas batalhas e perdeu na mesma a cabeça. Se Stannis for capaz de levantar o norte...

Sam hesitou, depois disse:

— Os Lannister têm os seus próprios nortenhos. O Lorde Bolton e o seu bastardo.

— Stannis tem os Karstark. Se conseguir conquistar Porto Branco...

— Se — sublinhou Sam. — Se não... senhor, até um escudo de papel é melhor do que nenhum.

— Suponho que sim. — *Tanto ele como Aemon.* Tivera alguma esperança de que Sam Tarly pudesse ver o assunto de forma diferente. *É só tinta e pergaminho.* Resignado, pegou na pena e assinou. — Traz-me a cera de selar. — *Antes que eu mude de ideias.* Sam apressou-se a obedecer. Jon afixou o selo do Senhor Comandante e entregou-lhe a carta. — Leva isto ao Mestre Aemon quando saíres e diz-lhe para despachar uma ave para Porto Real.

— Fá-lo-ei. — Sam pareceu aliviado. — Senhor, se posso perguntar... vi Gilly a sair. Ia quase a chorar.

— Val enviou-a outra vez para suplicar por Mance — mentiu Jon, e conversaram durante algum tempo sobre Mance, Stannis e Melisandre de Asshai, até que o corvo comeu o último grão de milho e gritou:

— *Sangue!*

— Vou mandar Gilly embora — disse a Sam. — A ela e ao rapaz. Teremos de arranjar outra ama-de-leite para o seu irmão de leite.

— Leite de cabra pode servir, até que a encontreis. É melhor para um bebê do que o de vaca. — Era claro que falar sobre seios deixava Sam desconfortável, e de súbito desatou a falar de história e de rapazes comandantes que tinham vivido e morrido centenas de anos antes. Jon interrompeu-o com:

— Diz-me algo de útil. Fala-me do nosso inimigo.

— Os Outros. — Sam lambeu os lábios. — São mencionados nos anais, embora não com tanta frequência como eu esperava. Isto é, nos anais que encontrei e vasculhei. Sei que há mais que ainda não encontrei. Alguns dos livros mais antigos estão a cair aos bocados. As páginas desfazem-se quando tento virá-las. E os livros *realmente* velhos... ou se desfizeram por completo ou estão enterrados em algum sítio onde ainda não procurei, ou... bem, pode acontecer que esses livros não existam e nunca tenham existido. As histórias mais antigas que temos foram escritas depois dos ândalos chegarem a Westeros. Os Primeiros Homens só nos deixaram runas em pedras, de modo que tudo o que julgamos saber acerca da Era dos Heróis e da Era da Alvorada vem de relatos escritos por septões milhares de anos mais tarde. Há arquimeistres na Cidadela que questionam tudo isso. Essas velhas histórias estão cheias de reis que reinaram por centenas de anos, e cavaleiros que andaram por aí mil anos antes de *haver* cavaleiros. Conheceis as histórias, Brandon, o Construtor, Symeon Olhos de Estrela, o Rei da Noite... dizemos que sois o nongentésimo nonagésimo oitavo Senhor Comandante da Patrulha da Noite, mas a lista mais antiga que encontrei mostra seiscentos e setenta e quatro comandantes, o que sugere que foi escrita durante...

— Há muito tempo — interrompeu Jon. — E os Outros?

— Encontrei menções a vidro de dragão. Os filhos da floresta costumavam oferecer à Patrulha da Noite cem punhais de obsidiana todos os anos, durante a Era dos Heróis. A maior parte das histórias concorda que os Outros vêm quando está frio. Ou então fica frio quando eles vêm. Por vezes aparecem durante tempestades de neve e somem-se quando os céus se limpam. Escondem-se da luz do sol e emergem à noite... ou então a noite cai quando emergem. Algumas histórias falam deles montados nos cadáveres de animais mortos. Ursos, lobos gigantes, mamutes, cavalos, não importa, desde que o animal esteja morto. Aquele que matou o Paul Pequeno estava montado num cavalo morto, portanto, essa parte é claramente verdade. Alguns relatos falam também de aranhas gigantes de gelo. Não sei o que elas são. Homens que caem em batalha contra os Outros têm de ser queimados, caso contrário os mortos voltarão a erguer-se como seus servos.

— Já sabíamos tudo isso. A questão é: como os combatemos?

— A armadura dos Outros é à prova da maior parte das lâminas co-

mun, se é possível crer nas histórias, e as espadas que eles usam são tão frias que estilhaçam o aço. Mas o fogo desencoraja-os, e são vulneráveis à obsidiana. Encontrei um relato da Longa Noite que falava do último herói a matar Outros com uma lâmina de aço de dragão. Supostamente não conseguiam resistir-lhe.

— Aço de dragão? — o termo era novo para Jon. — *Aço valiriano?*

— Foi também essa a minha primeira ideia.

— Então se eu conseguir convencer os senhores dos Sete Reinos a darem-nos as suas lâminas valirianas, tudo será salvo? Isso não há de ser difícil. — *Não será mais difícil do que pedir-lhes para entregarem o dinheiro e os castelos.* Soltou uma gargalhada amarga. — Descobriste quem os Outros são, de onde vêm, o que querem?

— Ainda não, senhor, mas pode ser que tenha simplesmente andado a ler os livros errados. Há centenas que ainda não folheei. Dai-me mais tempo, e encontrarei tudo o que houver para encontrar.

— Não há mais tempo. Tens de juntar as tuas coisas, Sam. Vais com Gilly.

— Vou? — Sam olhou-o de boca aberta, como se não compreendesse o significado da palavra. — Eu vou? Para Atalaialeste, senhor? Ou... para onde...

— Vilavelha.

— *Vilavelha?* — repetiu Sam, num guincho agudo.

— Aemon também.

— Aemon? O *Meistre* Aemon? Mas... ele tem cento e dois anos de idade, senhor, ele não pode... estais a mandá-lo a ele e a mim? Quem tratará dos corvos? Se adoecerem ou se ferirem, quem...

— Clydas. Ele está com Aemon há anos.

— Clydas é só um intendente, e está a perder a visão. Precisais de um *meistre*. O *Meistre* Aemon está tão fraco que uma viagem marítima... isso pode... ele é velho, e...

— A sua vida estará em risco. Estou consciente disso, Sam, mas o risco aqui é maior. Stannis sabe quem Aemon é. Se a mulher vermelha precisar de sangue real para os seus feitiços...

— Oh. — A cor pareceu escoar-se das bochechas gordas de Sam.

— Daeron juntar-se-á a vós em Atalaialeste. A minha esperança é que as suas canções nos conquistem alguns homens no sul. O *Melro* desembarcar-vos-á em Bravos. A partir daí, arranjareis vós a passagem para Vilavelha. Se ainda quiseres assumir o bebé de Gilly como teu bastardo, manda-a e à criança para Monte Chifre. Se não, Aemon encontrará para ela um lugar de criada na Cidadela.

— Meu b-b-bastardo. Sim, eu... a minha mãe e irmãs ajudarão Gilly

a criar a criança. Daeron podia levá-la para Vilavelha tão bem como eu. Eu sou... tenho andado a treinar o tiro com arco todas as tardes com Ulmer, conforme ordenastes... bem, menos quando estou nas caves, mas dissestes-me para descobrir coisas sobre os Outros. O arco faz-me doer os ombros e faz-me crescer bolhas nos dedos. — Mostrou a mão a Jon. — Mas continuo a treinar. Agora já são mais as vezes que acerto no alvo do que as que não acerto, mas continuo a ser o pior arqueiro que alguma vez curvou um arco. Mas gosto das histórias de Ulmer. Alguém tem de as escrever e de as pôr num livro.

— Faz tu isso. Têm pergaminhos e tinta na Cidadela, e também têm arcos. Conto que continues com o teu treino. Sam, a Patrulha da Noite tem centenas de homens capazes de disparar uma seta, mas só uma mancheia sabe ler ou escrever. Preciso que te tornes no meu novo mestre.

— Senhor, eu... o meu trabalho é aqui, os livros...

— ... ainda cá estarão quando voltares para nós.

Sam levou uma mão à garganta.

— Senhor, a Cidadela... lá obrigam-nos a cortar cadáveres. Não posso usar uma corrente.

— Podes. Usarás. O Mestre Aemon está velho e cego. As suas forças estão a abandoná-lo. Quem tomará o seu lugar quando morrer? O Mestre Mullin, da Torre Sombria, é mais guerreiro do que erudito, e o Mestre Harmune de Atalaialeste passa mais tempo bêbado do que sóbrio.

— Se pedirdes mais mestres à Cidadela...

— Tenciono pedir. Teremos falta de todos os que nos mandarem. Mas não é assim tão fácil substituir Aemon Targaryen. — *Isto não está a correr como eu esperava.* Soubera que Gilly seria difícil, mas partira do princípio de que Sam ficaria contente por trocar os perigos da Muralha pelo calor de Vilavelha. — Estava convencido de que isto te agradaria — disse, confuso. — Há tantos livros na Cidadela que ninguém pode ter a esperança de os ler a todos. Dar-te-ás bem por lá, Sam. Eu sei que sim.

— Não. Podia ler os livros, mas... um m-mestre tem de ser um curandeiro e o s-s-sangue faz-me desmaiar. — A mão tremeu-lhe para demonstrar a verdade do que dizia. — Sou Sam, o Assustado, não Sam, o Matador.

— Assustado? Com quê? As censuras de velhos? Sam, tu viste as criaturas a atacarem o Punho, uma maré de mortos-vivos com mãos negras e brilhantes olhos azuis. Mataste um Outro.

— Foi o vidro de d-d-d-dragão, não fui eu.

— Cala-te — exclamou Jon. Depois de Gilly, não tinha paciência para os medos do gordo. — Mentiste, maquinaste e conspiraste para fazer de mim senhor comandante. Irás obedecer-me. Irás para a Cidadela e forjarás

uma corrente, e se tiveres de abrir cadáveres, que seja. Pelo menos em Vila-velha os cadáveres não levantarão objeções.

— O senhor meu p-p-p-pai, o Lorde Randyll, ele, ele, ele, ele, ele... a vida de um mestre é uma vida de *servidão*. Nenhum filho da Casa Tarly alguma vez usará uma corrente. Os homens de Monte Chifre não se dobram nem se vergam perante senhores insignificantes. Jon, não posso desobedecer ao meu *pai*.

*Mata o rapaz*, pensou Jon. *O rapaz em ti, e o rapaz nele. Mata-os a ambos, maldito bastardo.*

— Tu não tens pai. Só irmãos. Só nos tens a nós. A tua vida pertence à Patrulha da Noite, por isso, vai enfiar a tua roupa num saco, com o que quer que queiras levar para Vila-velha. Partireis uma hora antes do nascer do Sol. E eis outra ordem. Deste dia em diante, *não* chamarás cobarde a ti próprio. Enfrentaste mais coisas neste último ano do que a maioria dos homens enfrenta no tempo de uma vida. Podes enfrentar a Cidadela, mas irás enfrentá-la como Irmão Ajuramentado da Patrulha da Noite. Não te posso ordenar que sejas valente, mas *posso* ordenar-te que escondas os teus medos. Proferiste as palavras, Sam. Lembras-te?

— Eu... eu vou tentar.

— Não vais tentar. Vais obedecer.

— *Obedecer*. — O corvo de Mormont bateu as suas grandes asas pretas.

Sam pareceu fraquejar.

— Às vossas ordens, senhor. O... o Mestre Aemon sabe?

— Isto foi tanto ideia dele como minha. — Jon abriu-lhe a porta. — Nada de despedidas. Quanto menos pessoas souberem disto, melhor. Uma hora antes da primeira luz da aurora, junto ao cemitério.

Sam fugiu dele, tal como Gilly fugira.

Jon estava cansado. *Preciso de dormir*. Estivera a pé metade da noite a examinar mapas, a escrever cartas e a fazer planos com o Mestre Aemon. Mesmo depois de tropeçar para dentro da sua estreita cama, o descanso não chegara facilmente. Sabia o que enfrentaria naquele dia, e dera por si a mexer-se irrequieto enquanto matutava nas últimas palavras do Mestre Aemon.

— Permite-me dar ao meu senhor um último conselho — dissera o velho — o mesmo conselho que dei em tempos ao meu irmão quando nos separámos pela última vez. Ele tinha trinta e três anos quando o Grande Conselho o escolheu para subir ao Trono de Ferro. Um homem feito com filhos seus, mas em alguns aspetos ainda um rapaz. Egg tinha em si uma inocência, uma doçura que todos amávamos. *Mata o rapaz em ti*, disse-lhe eu no dia em que embarquei para a Muralha. *É preciso um homem para*

*governar. Um Aegon, não um Egg. Mata o rapaz e deixa que o homem nasça.* — O velho apalpara a cara de Jon. — Vós tendes metade da idade que o Egg tinha, e temo que o vosso fardo seja mais cruel. Obtereis poucas alegrias com o vosso comando, mas acho que tendes em vós a força necessária para fazer aquilo que tem de ser feito. Matai o rapaz, Jon Snow. O inverno já quase chegou. Matai o rapaz e deixai que o homem nasça.

Jon envervou o manto e saiu a passos largos. Fazia uma ronda por Castelo Negro todos os dias, visitando os homens de vigia e ouvindo em primeira mão os relatórios, observando Ulmer e os seus subordinados nos alvos para arqueiros, conversando tanto com homens da rainha como com homens do rei, percorrendo o gelo no topo da Muralha para dar uma olhadela à floresta. O Fantasma seguia atrás dele, uma sombra branca a seu lado.

Kedge Olhobranco estava encarregado da Muralha quando Jon fez a sua ascensão. Kedge vira quarenta e tal dias do seu nome, trinta dos quais passados na Muralha. O seu olho esquerdo era cego, o direito era maldoso. Nas zonas selvagens, sozinho com machado e garrano, era tão bom patrulheiro como qualquer outro na Patrulha, mas nunca se dera bem com os outros homens.

— Um dia sossegado — disse a Jon. — Nada a relatar, exceto os patrulheiros do lado errado.

— Os patrulheiros do lado errado? — perguntou Jon.

Kedge fez um sorriso.

— Um par de cavaleiros. Partiram a cavalo há uma hora, para sul ao longo da estrada de rei. Quando Dywen os viu a dar à sola disse que os palermas sulistas estavam a cavalgar no sentido errado.

— Estou a ver — disse Jon.

Ficou a saber mais através do próprio Dywen, enquanto o velho patrulheiro sorvia uma tigela de caldo de cevada nas casernas.

— Pois, s'nhor, vi-os. Eram o Horpe e o Massey. Disseram que o Stannis os mandou lá p'a fora, mas nã disseram p'ra onde nem p'ra quê nem quando é que voltam.

Sor Richard Horpe e Sor Justin Massey eram ambos homens da rainha, e ocupavam posições elevadas no conselho do rei. *Um par de comuns cavaleiros livres teria servido se Stannis só tivesse em mente bater o terreno,* refletiu Jon Snow, *mas cavaleiros são mais adequados para agir como mensageiros ou emissários.* Cotter Pyke mandara de Atalaialeste a notícia de que o Cavaleiro da Cebola e Salladhor Saan tinham zarpado para Porto Branco, a fim de negociar com o Lorde Manderly. Fazia sentido que Stannis enviasse outros mensageiros. Sua Graça não era um homem paciente.

Se os patrulheiros do lado errado regressariam ou não era outra questão. Até podiam ser cavaleiros, mas não conheciam o norte. *Haverá olhos*

*ao longo da estrada de rei, e nem todos serão amigáveis. Mas aquilo não dizia respeito a Jon. Que Stannis fique com os seus segredos. Os deuses bem sabem que eu tenho os meus.*

O Fantasma dormiu aos pés da cama nessa noite, e por uma vez Jon não sonhou que era um lobo. Mesmo assim, dormiu aos arrancos, mexendo-se durante horas na cama antes de deslizar para um pesadelo. Gilly entrava nele, chorando, suplicando-lhe que deixasse os seus bebés em paz, mas ele arrancou-lhe as crianças dos braços e cortou-lhes as cabeças, após o que as trocou e lhe disse para as voltar a coser.

Quando acordou, foi encontrar Edd Tollett em pé por cima dele na escuridão do seu quarto.

— S'nhor? Está na hora. Na hora do lobo. Deixastes ordens para seres acordado.

— Traz-me qualquer coisa quente. — Jon atirou as mantas para o lado.

Edd regressou na altura em que Jon acabava de se vestir, enfiando-lhe uma chávena fumegante nas mãos. Jon esperava vinho quente com especiarias, e ficou surpreendido por descobrir que era sopa, um caldo fino que cheirava a alho-porro e cenoura, mas parecia não ter nem alho-porro nem cenoura. *Os cheiros são mais fortes nos meus sonhos de lobo*, refletiu, *e a comida também sabe melhor. O Fantasma está mais vivo do que eu*. Deixou a chávena vazia em cima da forja.

Era o Barricas quem estava à sua porta naquela manhã.

— Vou querer falar com Bedwyck e com Janos Slynt — disse-lhe Jon. — Trá-los cá à primeira luz da aurora.

No exterior, o mundo estava negro e imóvel. Frio, mas não perigosamente frio. *Ainda não. Ficaré mais quente quando o Sol surgir. Se os deuses forem bons, a Muralha pode chorar*. Quando chegaram ao cemitério, a coluna já se formara. Jon entregara ao Jack Preto Bulwer o comando da escolta, com uma dúzia de patrulheiros a cavalo às suas ordens e duas carroças. Uma levava uma grande pilha de arcas, caixotes e sacas, provisões para a viagem. A outra tinha um teto rígido de couro fervido para manter o vento afastado. O Mestre Aemon estava sentado na parte de trás, aconchegado a uma pele de urso que o fazia parecer pequeno como uma criança. Sam e Gilly estavam ali perto, em pé. Os olhos dela estavam vermelhos e inchados, mas tinha o rapaz nos braços, bem entrouxado. Não podia ter a certeza se era o filho dela ou o de Dalla. Só vira os dois juntos algumas vezes. O filho de Gilly era mais velho, o de Dalla mais robusto, mas eram suficientemente próximos em idade e tamanho para que ninguém que não os conhecesse bem conseguisse distingui-los facilmente um do outro.

— Lorde Snow — chamou o Mestre Aemon — deixei-vos um livro

nos meus aposentos. O *Compêndio de Jade*. Foi escrito pelo aventureiro volantino Colloquo Votar, que viajou até ao oriente e visitou todas as terras do Mar de Jade. Há uma passagem que podeis achar interessante. Disse a Clydas para vo-la marcar.

— Certamente que a lerei.

O Mestre Aemon limpou o nariz.

— O conhecimento é uma arma, Jon. Armai-vos bem antes de partirdes para a batalha.

— Fá-lo-ei. — Jon sentiu algo de húmido e frio na cara. Quando ergueu os olhos, viu que estava a nevar. Um mau presságio. Virou-se para o Jack Preto Bulwer. — Fazei o melhor tempo que puderdes, mas não corrais riscos disparatados. Tendes um velho e um bebé de peito convosco. Tratai de os manter quentes e bem alimentados.

— Fazei o mesmo, s'nhor. — Gilly não parecia ter pressa nenhuma de subir para a carroça. — Fazei o mesmo com o outro. Encontrai outra ama de leite, como dissestes. Prometestes-me isso. O rapaz... o rapaz de Dalla... o principezinho, quer dizer... arranjai uma boa mulher qualquer, p'ra que ele cresça grande e forte.

— Tendes a minha palavra quanto a isso.

— Não lhe deis nome. Não façais isso até ele ter mais de dois anos. Dá azar dar-lhes nome quando ainda 'tão ao peito. Vós, os corvos, podeis não saber isso, mas é verdade.

— Às vossas ordens, senhora.

— Não me chameis isso. Eu sou uma mãe, não uma senhora. Sou mulher de Craster e filha de Craster e uma *mãe*. — Entregou o bebé ao Edd Doloroso quando trepou para a carroça e se cobriu com peles. Quando Edd lhe devolveu a criança, Gilly levou-a ao seio. Sam afastou os olhos da cena, corado, e içou-se para cima da sua égua.

— *Vamos a isto* — ordenou o Jack Preto Bulwer, fazendo estalar o chicote. As carroças rolaram em frente.

Sam deixou-se ficar por um momento.

— Bem — disse — até à vista.

— Até à vista, Sam — disse o Edd Doloroso. — Não é provável que o teu navio se afunde, parece-me. Os navios só se afundam quando eu vou a bordo.

Jon estava a recordar.

— Da primeira vez que vi Gilly, ela estava encostada à parede da Fortaleza de Craster, esta rapariga magricela de cabelo escuro com a sua grande barriga, encolhida com medo do Fantasma. Ele tinha-se metido no meio dos coelhos dela, e parece-me que tinha receio que a abrisse e devorasse o bebé... mas não era do lobo que ela devia ter tido medo, pois não?

— Ela tem mais coragem do que julga — disse Sam.

— E tu também, Sam. Faz uma viagem rápida e segura, e cuida dela, de Aemon e da criança. — Os pingos frios que lhe escorriam pela cara fizeram lembrar a Jon o dia em que se despedira de Robb em Winterfell, sem saber que seria pela última vez. — E puxa o capuz para cima. Os flocos de neve estão a derreter-se no teu cabelo.

Quando a pequena coluna minguou à distância, o céu oriental já passara de negro a cinzento e a neve caía em grande quantidade.

— O Gigante deve estar à espera das ordens do senhor comandante — fez-lhe lembrar o Edd Doloroso. — Janos Slynt também.

— Sim. — Jon Snow ergueu os olhos para a Muralha, que se erguia acima deles como uma falésia de gelo. *Cem léguas de ponta a ponta e duzentos metros de altura.* A força da Muralha residia na sua altura; o comprimento da Muralha era a sua fraqueza. Jon lembrou-se de uma coisa que o pai dissera um dia. *Uma muralha só tem a força dos homens que a defendem.* Os homens da Patrulha da Noite eram bastante corajosos, mas eram muito menos do que tinham de ser para a tarefa que os aguardava.

O Gigante esperava no armeiro. O seu verdadeiro nome era Bedwyck. Com pouco mais de metro e meio, era o homem mais pequeno da Patrulha da Noite. Jon foi direito ao assunto.

— Precisamos de mais olhos ao longo da Muralha. De castelos intermédios onde as nossas patrulhas se possam abrigar do frio e encontrar comida quente e uma montada repousada. Vou pôr uma guarnição em Marcagelo e vou-te dar o comando dela.

O Gigante enfiou a ponta do seu mindinho na orelha para limpar a cera.

— Comando? Eu? O s'nhor sabe que eu sou só filho dum caseiro e 'tou na Muralha por caça furtiva?

— És patrulheiro há uma dúzia de anos. Sobreviveste ao Punho dos Primeiros Homens e à Fortaleza de Craster e voltaste para contar a história. Os homens mais novos olham-te de baixo.

O pequeno homem riu-se.

— Só anões me olham de baixo. Não sei ler, s'nhor. Num dia bom, consigo escrever o meu nome.

— Mandei uma mensagem para Vilavelha pedindo mais mestres. Terás dois corvos para quando as tuas necessidades forem urgentes. Quando não forem, envia cavaleiros. Até termos mais mestres e mais aves, pretendo estabelecer uma linha de torres sinaleiras ao longo do topo da Muralha.

— E quantos pobres tolos irei eu comandar?

— Vinte, da Patrulha — disse Jon — e metade desse número de ho-

mens de Stannis. — *Velhos, verdes ou feridos.* — Não serão os seus melhores homens, e nenhum vestirá o preto, mas obedecerão. Usa-os como puderes. Quatro dos irmãos que vou enviar contigo serão portorrealenses que vieram para a Muralha com o Lorde Slynt. Mantém esse grupo debaixo de um olho, e fica atento a trepadores com o outro.

— Podemos vigiar, s'nhor, mas se suficientes trepadores chegarem ao topo da Muralha, trinta homens não vão bastar p'ra os atirar lá p'ra baixo.

*Trezentos podem não ser suficientes.* Jon guardou essa dúvida para si. Era verdade que os trepadores estavam desesperadamente vulneráveis durante a ascensão. Podia-se fazer chover sobre eles pedras, lanças e potes de piche a arder, e tudo o que eles podiam fazer era agarrarem-se desesperadamente ao gelo. Às vezes, a própria Muralha parecia sacudi-los, como um cão sacudiria pulgas. Jon vira isso pessoalmente, quando um lençol de gelo se soltara sob o amante de Val, Jarl, atirando-o para a morte.

Contudo, se os trepadores atingissem o topo da Muralha sem serem detetados tudo mudava. A seu tempo podiam estabelecer uma testa-de-ponete lá em cima, erguendo fortificações próprias e fazendo descer cordas e escadas para centenas de outros subirem depois deles. Fora assim que Raymun Barbavermelha o fizera, o Raymun que fora Rei-para-lá-da-Muralha nos tempos do avô do seu avô. Jack Musgood fora o senhor comandante nesses tempos. “Alegre Jack” era como lhe chamavam antes de Barbavermelha cair sobre o norte; “Dorminhoco Jack” depois disso e para sempre. A hoste de Raymun encontrara um fim sangrento nas margens do Lago Longo, apanhada entre o Lorde Willam de Winterfell e o Gigante Bêbado, Harmond Umber. O Barbavermelha fora morto por Artos, o Implacável, irmão mais novo do Lorde Willam. A Patrulha chegara tarde demais para combater os selvagens, mas a tempo de os enterrar, tarefa essa que Artos Stark lhes atribuíra em fúria enquanto chorava o corpo decapitado do seu irmão caído.

Jon não pretendia ser lembrado como Dorminhoco Jon Snow.

— Trinta homens terão melhores hipóteses do que nenhum — disse ao Gigante.

— É bem verdade — disse o pequeno homem. — Então é só Marcagelo, ou o s'nhor vai também abrir os outros fortes?

— Tenciono guarnecê-los a todos, a seu tempo — disse Jon — mas de momento será só Marcagelo e Guardagris.

— E o s'nhor já decidiu quem vai comandar em Guardagris?

— Janos Slynt — disse Jon. *Que os deuses nos protejam.* — Um homem não ascende ao comando dos mantos dourados se não tiver qualidades. O Slynt nasceu filho de um carneiro. Era capitão do Portão de Ferro quando Manly Stokeworth morreu, e Jon Arryn promoveu-o e pôs a defesa

de Porto Real nas suas mãos. O Lorde Janos não pode ser um idiota tão grande como parece. — *E eu quero-o bem longe de Alliser Thorne.*

— Pode ser que sim — disse o Gigante — mas eu continuava a preferir mandá-lo p'rás cozinhas p'ra ajudar o Hobb Três-Dedos a cortar os nabos.

*Se o fizesse nunca mais me atreveria a comer um nabo.*

Metade da manhã se passou até que Lorde Janos se apresentasse conforme ordenado. Jon estava a limpar Garralonga. Alguns homens teriam entregado tal tarefa a um intendente ou a um escudeiro, mas o Lorde Eddard ensinara os filhos a cuidar das próprias armas. Quando o Barricas e o Edd Doloroso chegaram com Slynt, Jon agradeceu-lhes e disse ao Lorde Janos para se sentar.

Isso ele fez, embora com fraca elegância, cruzando os braços, franzindo o sobrolho e ignorando o aço nu nas mãos do senhor comandante. Jon fez deslizar o oleado ao longo da sua espada bastarda, observando o jogo que a luz da manhã fazia com as ondulações, pensando em quão facilmente a lâmina deslizaria por pele, gordura e tendões para separar a feia cabeça de Slynt do seu corpo. Todos os crimes de um homem eram anulados quando envergava o negro, e todas as suas lealdades também, mas Jon achava difícil pensar em Janos Slynt como num irmão. *Há sangue entre nós. Este homem ajudou a matar o meu pai, e fez também o melhor que pôde para me matar a mim.*

— Lorde Janos — Jon embainhou a espada. — Vou dar-vos o comando de Guardagris.

Aquilo surpreendeu Slynt.

— Guardagris... Guardagris foi onde subiste a Muralha com os teus amigos selvagens.

— Pois foi. O forte está num estado lastimável, admito. Ireis restaurá-lo o melhor possível. Começai por desbastar a floresta junto à Muralha. Tirai pedras das estruturas que ruíram para reparar as que continuam em pé. — *O trabalho será duro e brutal, podia ter acrescentado. Vais dormir em cama de pedra, demasiado exausto para te queixares ou conspirares, e depressa te esquecerás de como era estares quente, mas pode ser que te lembres de como era seres um homem.* — Tereis trinta homens. Dez daqui, dez da Torre Sombria, e dez emprestados à Patrulha pelo Rei Stannis.

A cara de Slynt ficara da cor de uma ameixa. As suas papadas carnudas começaram a estremecer.

— Julgas que eu não vejo o que estás a fazer? Janos Slynt não é homem para ser intrujado assim tão facilmente. Fui encarregado da defesa de Porto Real quando tu estavas a sujar as fraldas. Fica com a tua ruína, bastardo.

*Estou a dar-vos uma hipótese, senhor. É mais do que destes ao meu pai.*

— Estais a compreender-me mal, senhor — disse Jon. — Aquilo foi uma ordem, não uma oferta. São quarenta léguas até Guardagris. Embalai as armas e a armadura, fazei as vossas despedidas, e aprontai-vos para partir à primeira luz da aurora.

— Não. — O Lorde Janos pôs-se em pé de um salto, fazendo a cadeira cair para trás. — Eu *não* partirei docilmente para congelar e morrer. Nenhum bastardo de traidor dá ordens a Janos Slynt! Não sou desprovido de amigos, aviso-te. Aqui, e também em Porto Real. Fui Senhor de Harrenhal! Dá a tua ruína a um dos idiotas cegos que depositaram uma pedra por ti, eu não a aceito. Estás a ouvir-me, rapaz? *Eu não a aceito!*

— Aceitareis.

Slynt não se dignou a responder àquilo e pontapeou para longe a cadeira ao partir.

*Ainda me vê como um rapaz*, pensou Jon, *um rapazinho verde, intimidável por palavras zangadas*. Só podia esperar que uma noite de sono trouxesse juízo ao Lorde Janos.

A manhã seguinte provou que essa esperança era vã.

Jon foi encontrar Slynt a quebrar o jejum na sala comum. Sor Alliser Thorne estava com ele, bem como vários dos seus compinchas. Estavam a rir-se de qualquer coisa quando Jon desceu a escada com o Emmett de Ferro e o Edd Doloroso e, atrás, Mully, o Cavalo, o Jack Vermelho Crabb, Rusty Flowers e o Owen Idiota. O Hobb Três-Dedos estava a servir conchadas de papas que tirava da panela. Homens da rainha, homens do rei e irmãos negros sentavam-se nas suas mesas separadas, alguns dobrados sobre tigelas de papas de aveia, outros a encher as barrigas com pão frito e bacon. Jon viu Pyp e Grenn a uma mesa, Bowen Marsh a outra. O ar cheirava a fumo e gordura, e o tinir de facas e colheres ecoava no teto abobadado.

Todas as vozes morreram imediatamente.

— Lorde Janos — disse Jon — vou dar-vos uma última hipótese. Pousai essa colher e ide aos estábulos. Mandei selar e ajaezar o vosso cavalo. A estrada até Guardagris é longa e dura.

— Então é melhor pores-te a caminho, rapaz. — Slynt riu-se, fazendo pingar papas sobre o peito. — Estou aqui a pensar que Guardagris é um bom sítio para gente como tu. Bem longe das pessoas decentes e piedosas. Tens em ti o sinal da besta, bastardo.

— Estais a recusar-vos a obedecer à minha ordem?

— Podes enfiar a tua ordem no teu cu de bastardo — disse Slynt, com os queixos a tremer.

Alliser Thorne esboçou um fino sorriso, com os olhos negros fixos em Jon. Noutra mesa, o Godry Mata-Gigantes começou a rir.

— Como quiserdes. — Jon dirigiu um aceno ao Emmett de Ferro. — Por favor, leva o Lorde Janos para a Muralha...

... e confina-o a uma cela de gelo, poderia ele ter dito. Jon não duvidava de que um ou dez dias apertado dentro do gelo o deixaria a tremer, febril e a suplicar libertação. *E no momento em que sair, ele e Thorne recomearão a conspirar.*

... e ata-o ao cavalo, poderia ele ter dito. Se Slynt não desejava ir para Guardagris como comandante, podia ir como cozinheiro. *Mas então seria só uma questão de tempo até desertar. E quantos mais levaria consigo?*

— ... e enforca-o — concluiu Jon.

A cara de Janos Slynt ficou branca como leite. A colher deslizou-lhe de entre os dedos. Edd e Emmett atravessaram a sala, fazendo ressoar os passos no chão de pedra. A boca de Bowen Marsh abriu-se e fechou-se, embora nenhuma palavra tivesse saído. Sor Alliser Thorne estendeu a mão para o cabo da espada. *Continua*, pensou Jon. Tinha Garralonga a tiracolo. *Mostra o teu aço. Dá-me um motivo para fazer o mesmo.*

Metade dos homens no salão estava de pé. Cavaleiros e homens-de-armas sulistas, leais do Rei Stannis ou à mulher vermelha ou a ambos, e Irmãos Ajuramentados da Patrulha da Noite. Alguns tinham escolhido Jon para ser o seu senhor comandante. Outros tinham depositado pedras por Bowen Marsh, por Sor Denys Mallister, por Cotter Pyke... e alguns por Janos Slynt. *Centenas deles, se bem me lembro.* Jon perguntou a si próprio quantos desses homens estariam na adega naquela altura. Por um momento, o mundo equilibrou-se no gume de uma espada.

Alliser Thorne tirou a mão da espada e afastou-se para deixar Edd Tollett passar.

O Edd Doloroso pegou em Slynt por um braço, o Emmett de Ferro pelo outro. Juntos içaram-no do banco.

— Não — protestou o Lorde Janos, com salpicos de papas de aveia a voar dos lábios. — Não, largai-me. Ele é só um rapaz, um *bastardo*. O pai era um traidor. Tem nele o sinal da besta, aquele seu lobo... *Largai-me!* Ides arrepender-vos do dia em que pusestes as mãos em Janos Slynt. Tenho amigos em Porto Real. Aviso-vos... — Ainda estava a protestar quando o levaram, meio andando, meio arrastado, pelos degraus acima.

Jon seguiu-os até lá fora. Atrás de si, a cave esvaziou-se. Junto da gaiola, Slynt conseguiu soltar-se por um momento e tentou fugir, mas o Emmett de Ferro agarrou-o pela garganta e atirou-o contra as barras de ferro até que ele desistiu. Por essa altura, todo o Castelo Negro tinha vindo para fora a fim de assistir. Até Val estava à sua janela, com a longa trança dourada por sobre um ombro. Stannis estava em pé nos degraus da Torre do Rei, rodeado pelos seus cavaleiros.

— Se o rapaz julga que consegue assustar-me, está enganado — ouviram o Lorde Janos dizer. — Ele não se atreverá a enforcar-me. Janos Slynt tem amigos, amigos *importantes*, vereis... — O vento varreu o resto das suas palavras.

*Isto está mal*, pensou Jon.

— Parai.

Emmett virou-se para trás, franzindo o sobrolho.

— Senhor?

— Não o quero enforcar — disse Jon. — Trazei-o para aqui.

— Oh, que os Sete nos salvem — ouviu Bowen Marsh gritar.

O sorriso que o Lorde Janos Slynt fez então tinha toda a doçura de manteiga rançosa. Até que Jon disse:

— Edd, vai-me buscar um cepo — e desembainhou Garralonga.

Durante o tempo que demoraram para encontrar um cepo adequado, o Lorde Janos foi recuando até se enfiar na gaiola do guincho, mas Emmett de Ferro entrou atrás dele e arrastou-o para fora.

— Não — gritou Slynt, quando Emmett o obrigou a atravessar o pátio, em parte puxando, em parte empurrando. — Largai-me... não podeis... quando Tywin Lannister ouvir falar disso, arrepender-vos-eis todos...

Emmett tirou-lhe o apoio das pernas com um pontapé. Edd Doloroso plantou-lhe um pé nas costas para o manter de joelhos enquanto Emmett lhe metia o cepo debaixo da cabeça.

— Isto será mais fácil se ficardes quieto — prometeu-lhe Jon Snow. — Se vos mexerdes para evitar o golpe, morrereis na mesma, mas a vossa morte será mais feia. Esticai o pescoço, senhor. — O pálido sol da manhã percorreu-lhe a lâmina de cima a baixo quando Jon agarrou no cabo da espada bastarda com ambas as mãos e a ergueu bem alto. — Se tendes últimas palavras, agora é a altura de as dizerdes — disse, esperando uma última praga.

Janos Slynt torceu o pescoço para o fitar.

— Por favor, senhor. Misericórdia. Eu vou, vou mesmo, eu...

*Não*, pensou Jon. *Tu fechaste essa porta*. Garralonga desceu.

— Posso ficar com as botas dele? — perguntou o Owen Idiota quando a cabeça de Janos Slynt partiu a rolar pelo terreno lamacento. — São quase novas, aquelas botas. Forradas de pele.

Jon olhou de relance para Stannis. Por um instante, os olhos dos dois cruzaram-se. Depois, o rei fez um aceno com a cabeça e regressou para dentro da sua torre.

## TYRION

Acordou sozinho e descobriu que a liteira estava parada.

Uma pilha de almofadas esmagadas permanecia para mostrar o local onde Illyrio estivera deitado. O anão sentia a garganta seca e áspera. Sonhara... que sonhara ele? Não se lembrava.

Lá fora, vozes estavam a conversar numa língua que não conhecia. Tyrion ultrapassou as cortinas com as pernas e saltou para o chão, indo encontrar o Magíster Illyrio em pé junto dos cavalos com dois cavaleiros a erguerem-se acima dele. Ambos usavam camisas de couro desgastado por baixo de mantos de lã castanha escura, mas tinham as espadas embainhadas e o gordo não parecia estar em perigo.

— Preciso de dar uma mija — anunciou o anão. Bamboleou-se até sair da estrada, desatou as bragas e aliviou-se para dentro de um emaranhado de espinhos. Demorou um tempo considerável.

— Ele mija bem, pelo menos — observou uma voz.

Tyrion sacudiu as últimas gotas e guardou o membro.

— Mijar é o menor dos meus talentos. Devas ver-me cagar. — Virou-se para o Magíster Illyrio. — Estes dois são vossos conhecidos, magíster? Parecem fora-da-lei. Deverei ir buscar o meu machado?

— O teu machado? — exclamou o mais alto dos cavaleiros, um homem musculoso com uma barba hirsuta e um matagal de cabelo cor de laranja. — Ouviste aquilo, Haldon? O homenzinho quer lutar connosco!

O companheiro do homem era mais velho, estava escanhado e tinha uma cara enrugada e ascética. O cabelo fora puxado para trás e preso num nó atrás da cabeça.

— É frequente que os homens pequenos sintam necessidade de demonstrar a sua coragem com gabarolices impróprias — declarou. — Duvido que ele seja capaz de matar um pato.

Tyrion encolheu os ombros.

— Vai buscar o pato.

— Se insistes. — O cavaleiro olhou o companheiro de relance.

O homem musculoso desembainhou uma espada bastarda.

— Eu sou o Pato, seu penicozinho linguarudo.

*Oh, pela bondade dos deuses.*

— Tinha um pato mais pequeno em mente.

O grandalhão rugiu, às gargalhadas.

— Ouviste, Haldon? Ele quer um Pato *mais pequeno!*

— Eu de bom grado aceitaria um mais silencioso. — O homem chamado Haldon estudou Tyrion com frios olhos cinzentos antes de se voltar a virar para Illyrio. — Tens umas arcas para nós?

— E mulas para as carregar.

— Mulas são lentas demais. Temos cavalos de carga, mudamos as arcas para eles. Pato, trata disso.

— Porque é que é sempre o Pato a tratar das coisas? — o grandalhão voltou a enfiar a espada na bainha. — De que tratas *tu*, Haldon? Quem é aqui o cavaleiro, tu ou eu? — mas afastou-se na mesma, batendo com os pés, na direção das mulas de carga.

— Como passa o nosso rapaz? — perguntou Illyrio enquanto as arcas eram presas. Tyrion contou seis, arcas de carvalho com ferrolhos de ferro. O Pato mudava-as com bastante facilidade, transportando-as em cima de um ombro.

— Está já tão alto como o Griff. Há três dias atirou o Pato para dentro de uma manjedoura.

— Não fui *atirado*. Cai lá dentro só para o fazer rir.

— O teu stratagemma foi um sucesso — disse Haldon. — Eu próprio me ri.

— Há um presente para o rapaz numa das arcas. Um pouco de gengibre cristalizado. Ele sempre gostou disso. — Illyrio parecia estranhamente triste. — Pensei talvez prosseguir até Ghoyan Drohe convosco. Um banquete de despedida antes de começardes a descer o rio...

— Não temos tempo para banquetes, senhor — disse Haldon. — O Griff quer partir rio abaixo no instante em que regressarmos. Têm havido notícias a subir o rio, nenhuma delas boa. Foram vistos dothraki a norte do Lago Adaga, batedores do *khalasar* do velho Motho, e o Khal Zekko não vem muito atrás dele, deslocando-se através da Floresta de Qohor.

O gordo soltou um ruído malcriado.

— Zekko visita Qohor a cada três ou quatro anos. Os qohoritas dão-lhe uma saca de ouro e ele volta a virar para leste. E quanto a Motho, os seus homens são quase tão velhos como ele, e há menos todos os anos. A ameaça é...

— ... Khal Pono — concluiu Haldon. — Motho e Zekko estão a fugir dele, se as histórias forem verdadeiras. Os últimos relatórios põem Pono perto das nascentes do Selhoru com um *khalasar* de trinta mil pessoas. O Griff não se quer arriscar a ser apanhado na travessia se Pono decidir arriscar o Roine. — Haldon olhou de relance para Tyrion. — O teu anão monta tão bem como mija?

— Ele monta — interrompeu Tyrion, antes de o senhor do queijo ter

tempo de responder por ele — embora monte melhor com uma sela especial e um cavalo que conheça bem. E também fala.

— Realmente fala. Eu sou o Haldon, o curandeiro no nosso pequeno bando de irmãos. Há quem me chame Semimeistre. O meu companheiro é Sor Pato.

— Sor Rolly — disse o grandalhão. — Rolly Campopato. Qualquer cavaleiro pode armar um cavaleiro e Griff armou-me a mim. E tu, anão?

Illyrio interveio rapidamente.

— Chamam-lhe Yollo.

*Yollo? Yollo parece qualquer coisa que se pode chamar a um macaco.* Pior, era um nome pentoshi, e qualquer idiota conseguia ver que Tyrion não era pentoshi.

— Em Pentos sou Yollo — disse depressa, para consertar o que fosse possível — mas a minha mãe chamou-me Hugor Hill.

— E és um reizinho ou um bastardinho? — perguntou Haldon.

Tyrion apercebeu-se de que faria bem em ser cauteloso nas imediações de Haldon Semimeistre.

— Todos os anões são bastardos aos olhos dos pais.

— Sem dúvida. Bem, Hugor Hill, responde-me a isto. Como foi que Serwyn do Escudo Espelhado matou o dragão Urrax?

— Aproximou-se por trás do escudo. Urrax só viu o seu próprio reflexo até que Serwyn saltou e lhe mergulhou a lança num olho.

Haldon não se mostrou impressionado.

— Até o Pato conhece essa história. Sabes dizer-me o nome do cavaleiro que tentou usar o mesmo estratagema com Vhagar durante a Dança dos Dragões?

Tyrion sorriu.

— Sor Byron Swann. Foi assado pelo incómodo... só que o dragão foi Syrax, não Vhagar.

— Temo que te enganes. Em *A Dança dos Dragões, Um Relato Verdadeiro*, o Mestre Munkun escreve...

— ... que foi Vhagar. O *Grande* Mestre Munkun erra. O escudeiro de Sor Byron viu o seu amo morrer, e escreveu à filha descrevendo a forma como ele morreu. O seu relato diz que foi Syrax, a dragoa de Rhaenyra, o que faz mais sentido do que a versão de Munkun. Swann era filho de um senhor das marcas, e Ponta Tempestade apoiava Aegon. Vhagar era montado pelo Príncipe Armond, irmão de Aegon. Porque haveria Swann de querer matá-lo?

Haldon projetou os lábios.

— Tenta não cair do cavalo. Se caíres, o melhor é bamboleares-te de

volta para Pentos. A nossa tímida donzela não esperará nem por homens, nem por anões.

— Donzelas tímidas são o meu tipo preferido. À parte as descaradas. Diz-me, para onde vão as rameiras?

— Tenho ar de ser um homem que frequenta rameiras?

O Pato soltou uma gargalhada irónica.

— Não se atreva. A Lembre obrigava-o a rezar por perdão, o rapaz iria querer ir também, e o Griff talvez lhe cortasse a picha e lha enfiasse pela goela abaixo.

— Bem — disse Tyrion — um mestre não precisa de picha.

— Mas Haldon é só meio mestre.

— Pareces achar o anão divertido, Pato — disse Haldon. — Ele pode seguir montado contigo. — Fez a montada dar meia volta.

O Pato demorou mais alguns momentos a prender as arcas de Illyrio aos três cavalos de carga. Por essa altura, já Haldon desaparecera. O Pato não pareceu preocupado. Saltou para a sela, agarrou em Tyrion pelo colarinho e içou o homenzinho para a sua frente.

— Agarra-te bem ao arção e não terás problemas. A égua tem um belo passo agradável, e a estrada dos dragões é lisa como um cu de donzela. — Agarrando as rédeas com a mão direita e as arreatas com a esquerda, Sor Rolly partiu a trote vivo.

— Boa sorte — gritou Illyrio atrás deles. — Diz ao rapaz que tenho pena de não estar com ele para o casamento. Juntar-me-ei a vós em Westeros. Isso juro, pelas mãos da minha doce Serra.

Quanto Tyrion Lannister viu pela última vez Illyrio Mopatis, o magister estava em pé ao lado da liteira vestido com as suas vestes de brocado, com os maciços ombros descaídos. À medida que a sua silhueta ia diminuindo na poeira que levantavam, o senhor do queijo foi parecendo quase pequeno.

O Pato apanhou Haldon Semimeistre a um quarto de milha de distância. Daí em diante, os cavaleiros avançaram lado a lado. Tyrion agarrava-se ao arção elevado da sela, com as pernas curtas abertas desajeitadamente para fora, sabendo que o esperavam bolhas, cãibras e esfoladuras de sela.

— Pergunto a mim próprio o que os piratas do Lago Adaga acharão do nosso anão — disse Haldon enquanto avançavam.

— Bom para fazer guisado de anão? — sugeriu o Pato.

— Urho, o Imundo, é o pior deles — confidenciou Haldon. — Basta o fedor que deita para matar um homem.

Tyrion encolheu os ombros.

— Felizmente, eu não tenho nariz.

Haldon concedeu-lhe um sorriso fino.

— Se encontrarmos a Senhora Korra no *Dentes da Bruxa*, podem vir a faltar-te em breve outros bocados também. Korra, a Cruel, é como lhe chamam. O navio é tripulado por belas e jovens donzelas que castram todos os machos que capturam.

— Aterrorizador. Posso bem mijar-me nas bragas.

— É melhor não — avisou o Pato, sombrio.

— Como quiseres. Se encontrarmos essa Senhora Korra, limito-me a enfiar-me numa saia e digo que sou Cersei, a famosa beldade barbuda de Porto Real.

Daquela vez o Pato riu-se e Haldon disse:

— Que tipinho engraçado que tu és, Yollo. Diz-se que o Senhor Amortalhado concede uma mercê a qualquer homem que consiga fazê-lo rir. Sua Graça Cinzenta talvez te escolha para ornamentar a sua pétrea corte.

O Pato deitou um relance inquieto ao companheiro.

— Não é bom brincar sobre esse, especialmente estando nós tão perto do Roine. Ele ouve.

— Sabedoria vinda de um pato — disse Haldon. — Peço perdão, Yollo. Não vale a pena ficares tão pálido, estava só a brincar contigo. O Príncipe das Mágoas não concede o seu beijo cinzento com ligeireza.

*O seu beijo cinzento.* A ideia encheu-o de pele de galinha. A morte perdera o seu terror para Tyrion Lannister, mas a escamagris era outra coisa. *O Senhor Amortalhado é só uma lenda*, disse a si próprio, *não é mais real do que o fantasma de Lann, o Esperto, que alguns afirmam que assombra o Rochedo Casterly.* Mesmo assim, conteve a língua.

O súbito silêncio do anão passou despercebido, pois o Pato começara a regalá-lo com a história da sua vida. O pai fora armeiro em Pontamarga, segundo disse, portanto ele nascera com o som do aço a ressoar-lhe nos ouvidos e dedicara-se à esgrima numa idade precoce. Um rapaz tão grande e promissor atraía a atenção do velho Lorde Caswell, que lhe oferecera um lugar na sua guarnição, mas o rapaz quisera mais. Vira o filho fracote de Caswell ser nomeado pajem, escudeiro e finalmente cavaleiro.

— Era um cobardolas esgalgado de cara chupada, mas o velho senhor tinha quatro filhas e só aquele filho, de modo que ninguém podia dizer uma palavra contra ele. Os outros escudeiros quase nem se atreviam a pôr um dedo nele no pátio de treinos.

— Mas tu não eras tão receoso. — Tyrion via com bastante facilidade para onde aquela história se dirigia.

— O meu pai fez-me uma espada longa para assinalar o décimo sexto dia do meu nome — disse o Pato — mas Lorent gostou tanto do aspeto dela que ficou com a espada para si, e o sacana do meu pai não se atreveu a dizer-lhe que não. Quando me queixei, Lorent disse-me na cara que a

minha mão tinha sido feita p'ra pegar num martelo, não numa espada. De modo que fui buscar um martelo e dei-lhe com ele até ficar com os dois braços e metade das costelas partidas. Depois disso tive de sair da Campina o mais depressa possível. Consegui atravessar o mar até à Companhia Dourada. Passei alguns anos como aprendiz de ferreiro, mas depois o Sor Harry Strickland recebeu-me como escudeiro. Quando o Griff mandou dizer rio abaixo que precisava de alguém que ajudasse a treinar o filho com as armas, o Harry enviou-me a mim.

— E o Griff armou-te cavaleiro?

— Um ano depois.

O Haldon Semimeistre fez um sorriso astuto.

— Porque é que não contas ao nosso pequeno amigo como arranjaste o nome?

— Um cavaleiro precisa de mais do que só o nome próprio — insistiu o grandalhão — e, bem, estávamos num campo quando ele me armou cavaleiro, e eu olhei para cima e vi uns patos, de modo que... ora, não te rias.

Logo depois do pôr-do-sol abandonaram a estrada para descansar num pátio coberto de ervas daninhas ao lado de um velho poço de pedra. Tyrion saltou para o chão, a fim de fazer desaparecer as cãibras das barrigas das pernas enquanto o Pato e Haldon davam de beber aos cavalos. Uma erva dura e castanha e árvores daninhas brotavam dos espaços entre as pedras, e das paredes cobertas de musgo do que em tempos poderia ter sido uma enorme mansão de pedra. Depois de terem cuidado dos animais, os cavaleiros partilharam um jantar simples de porco salgado e feijão branco e frio, empurrado para baixo com cerveja. Tyrion achou a comida simples uma mudança agradável em relação à comida rica que comera com Illyrio.

— Estas arcas que vos trouxemos — disse enquanto mastigavam. — A princípio pensei que fosse ouro para a Companhia Dourada, até ver Sor Rolly içar uma delas para cima de um ombro. Se estivesse cheia de dinheiro, nunca lhe teria pegado tão facilmente.

— São só armaduras — disse o Pato, encolhendo os ombros.

— E também roupa — interrompeu Haldon. — Roupa de corte, para todo o nosso grupo. Boas lãs, veludos, mantos de seda. Uma pessoa não se apresenta a uma rainha com roupa maltrapilha... nem de mãos vazias. O magíster teve a bondade de nos fornecer presentes adequados.

Ao nascer da Lua estavam de volta às selas, trotando para leste sob um manto de estrelas. A velha estrada valiriana cintilava à frente deles como uma longa fita de prata serpenteando através de bosques e vales. Durante algum tempo, Tyrion Lannister sentiu-se quase em paz.

— O Lomas Longstrider disse a verdade. A estrada é uma maravilha.

— Lomas Longstrider? — perguntou o Pato.

— Um escriba, há muito morto — disse Haldon. — Passou a vida a viajar pelo mundo e a escrever sobre as terras que visitou em dois livros a que chamou *Maravilhas* e *Maravilhas Feitas Pelo Homem*.

— Um tio meu ofereceu-mos quando eu era rapaz — disse Tyrion. — Li-os até se desfazerem em bocados.

— *Os deuses fizeram sete maravilhas, e os mortais fizeram nove* — citou o Semimeistre. — Foi bastante ímpio da parte dos mortais fazerem mais duas do que os deuses, mas pronto. As estradas de pedra de Valíria eram uma das nove do Longstrider. A quinta, creio eu.

— A quarta — disse Tyrion, o qual decorara todas as dezasseis maravilhas em rapaz. O tio Gerion gostava de o fazer subir para cima da mesa durante os banquetes e de o pôr a recitá-las. *Gostava bastante daquilo, não gostava? Estar ali em pé entre as bandejas com todos os olhos postos em mim, demonstrando como era um anãozinho esperto.* Ao longo de anos, mais tarde, acarinhara o sonho de um dia viajar pelo mundo e ver pessoalmente as maravilhas de Longstrider.

O Lorde Tywin pusera fim a essa esperança dez dias antes do décimo sexto dia do nome do seu filho anão, quando Tyrion pedira para fazer uma viagem pelas Nove Cidades Livres como os tios tinham feito na mesma idade.

— Podia-se confiar nos meus irmãos para não trazerem a vergonha à Casa Lannister — respondera o pai. — Nunca nenhum se casou com uma rameira. — E quando Tyrion lhe fizera lembrar que dentro de dez dias seria um homem feito, livre para viajar para onde quisesse, o Lorde Tywin dissera: — Nenhum homem é livre. Só as crianças e os tolos pensam o contrário. Vai, à vontade. Usa roupa de retalhos e faz o pino para divertir os senhores das especiarias e os reis do queijo. Basta que trates de pagar as tuas passagens e que ponhas de parte quaisquer ideias que possas ter sobre regressar. — Perante aquilo, o desafio do rapaz ruíra. — Se é ocupação útil que tu queres, será ocupação útil que terás — dissera o pai. E, portanto, para assinalar a sua passagem à idade adulta, Tyrion fora encarregado de todos os escoadouros e cisternas no interior do Rochedo Casterly. *Ele se calhar esperava que eu caísse nalgum.* O Lorde Tywin, nisso, ficara desapontado. Os escoadouros nunca escoaram tão bem como quando estiveram sob a sua responsabilidade.

*Preciso de uma taça de vinho, para lavar da boca o sabor a Tywin. Um odre de vinho servir-me-ia ainda melhor.*

Cavalgaram a noite inteira, com Tyrion a dormir aos arrancos, dormitando contra o arção e acordando de repente. De vez em quando, começava a deslizar da sela para o lado, mas Sor Rolly deitava-lhe uma mão e

voltava a endireitá-lo. Pela madrugada, as pernas do anão doíam e as suas nádegas estavam esfoladas e em carne viva.

Foi só no dia seguinte que chegaram ao local de Ghoyan Drohe, mesmo ao lado do rio.

— O lendário Roine — disse Tyrion, quando vislumbrou o lento e verde curso de água do cume de uma elevação.

— O Pequeno Roine — disse o Pato.

— É isso, sim. — *Um rio bastante agradável, suponho, mas o ramo mais pequeno do Tridente tem o dobro da largura e todos os três correm mais depressa.* A cidade não era mais impressionante. Ghoyan Drohe nunca fora grande, segundo Tyrion recordava das suas histórias, mas fora um lugar bonito, verde e florescente, uma cidade de canais e fontanários. *Até à guerra. Até à chegada dos dragões.* Mil anos mais tarde, os canais estavam afogados em ervas daninhas e lama, e lagoas de água estagnada geravam enxames de moscas. As pedras quebradas de templos e palácios estavam a afundar-se de regresso à terra, e velhos salgueiros nodosos cresciam densos ao longo das margens do rio.

Algumas pessoas ainda continuavam a viver naquela miséria, cuidando de pequenos jardins entre as ervas daninhas. O som de cascos de cavalos a ressoar na velha estrada valiriana pôs a maioria a precipitar-se de regresso aos buracos de onde tinham saído, mas as mais ousadas deixaram-se ficar ao sol durante tempo suficiente para fitar os cavaleiros de passagem com olhos mortíços e incuriosos. Uma rapariga nua com lama até aos joelhos não parecia ser capaz de tirar os olhos de Tyrion. *Ela nunca tinha visto um anão*, compreendeu. *Muito menos um anão sem nariz.* Fez uma careta e deitou a língua de fora, e a rapariga desatou a chorar.

— O que foi que lhe fizeste? — perguntou o Pato.

— Soprei-lhe um beijo. Todas as raparigas choram quando as beijo.

Atrás dos salgueiros emaranhados, a estrada terminava abruptamente e viraram para norte, para um curto percurso, cavalgando ao lado da água até que a vegetação rasteira desapareceu e deram por si num velho cais de pedra, meio submerso e rodeado de altas e castanhas ervas daninhas.

— *Pato!* — soou um grito. — *Haldon!* — Tyrion espetou a cabeça para um lado e viu um rapaz em pé no telhado de um edifício baixo de madeira, a acenar com um chapéu de palha de aba larga. Era um jovem ágil e bem feito, com uma constituição esguia e uma cabeleira azul escura. O anão estimou-lhe a idade em quinze, dezasseis anos, ou tão perto disso que não faria diferença.

O telhado sobre o qual o rapaz se encontrava veio a revelar-se a cabina da *Tímida Donzela*, um velho e decrépito barco de varejo com um só mastro. Era largo e de baixo calado, ideal para abrir caminho pe-

los mais pequenos dos cursos de água e para caranguejar por cima de bancos de areia. *Uma feia donzela*, pensou Tyrion, *mas às vezes as mais feias são as mais famintas quando caem na cama*. Os barcos de varejo que percorriam regularmente os rios de Dorne eram com frequência pintados em cores berrantes e cobertos de talha requintada, mas aquela donzela não. A sua pintura era de um castanho acinzentado de lama, manchada e a descascar, a sua grande e curva cana do leme era simples e sem adornos. *Parece um bocado de terra*, pensou, *mas sem dúvida que é esse o objetivo*.

Por essa altura, já o Pato respondia às saudações. A égua fez esparrinhar água nos baixios, espezinhando os juncos. O rapaz saltou do teto da cabina para o convés do barco de varejo e o resto da tripulação da *Tímida Donzela* fez a sua aparição. Um casal mais idoso com uma qualidade roinar nas feições estava ao lado da cana do leme, ao passo que uma bonita septã vestida com um suave traje branco atravessou a porta da cabina e afastou dos olhos uma madeixa de cabelo castanho escuro.

Mas Griff era inconfundível.

— Já chega de gritaria — disse. Um súbito silêncio caiu sobre o rio.

*Este vai dar sarilhos*, compreendeu Tyrion de imediato.

O manto de Griff fora feito com a pele e a cabeça de um lobo vermelho do Roine. Sob a pele usava couro castanho enrijecido com anéis de ferro. A cara escanhoadada também era coriácea, com rugas nos cantos dos olhos. Embora o cabelo fosse tão azul como o do filho, tinha raízes ruivas e sobrancelhas ainda mais ruivas. À anca pendia uma espada e um punhal. Se estava contente por ter o Pato e Haldon de volta, escondia-o bem, mas não se preocupou em ocultar o desprazer que sentiu ao ver Tyrion.

— Um anão? O que é isto?

— Eu sei, estavas à espera de uma rodela de queijo. — Tyrion virou-se para o Jovem Griff e dirigiu ao rapaz o seu sorriso mais desarmante. — Cabelo azul pode servir-te bem em Tyrosh, mas em Westeros as crianças atirar-te-iam pedras e as raparigas rir-se-iam na tua cara.

O rapaz foi apanhado de surpresa.

— A minha mãe foi uma senhora de Tyrosh. Pinto o cabelo em sua memória.

— Que criatura é esta? — exigiu saber Griff.

Haldon respondeu.

— Illyrio mandou uma carta a explicar.

— Então quero-a. Leva o anão para a minha cabina.

*Não gosto dos olhos dele*, refletiu Tyrion quando o mercenário se sentou na sua frente na relativa escuridão do interior do barco, com uma mesa cheia de marcas e uma vela de sebo entre ambos. Eram de um azul de gelo,

claros, frios. O anão não gostava de olhos claros. Os olhos de Tywin tinham sido verdes claros, e pintalgados de dourado.

Observou o mercenário enquanto lia. Que *soubesse* ler já dizia algo em si mesmo. Quantos mercenários se podiam gabar de tal coisa? *Ele quase nem mexe os lábios*, refletiu Tyrion.

Por fim, Griff ergueu os olhos do pergaminho e aqueles olhos claros estreitaram-se.

— Tywin Lannister está morto? Às *tuas* mãos?

— Ao meu dedo. Este. — Tyrion ergueu-o para que Griff o admirasse. — O Lorde Tywin estava sentado numa latrina, portanto, espetei-lhe um dardo de besta nas tripas para ver se ele cagaria mesmo ouro. Não cagava. Uma pena, algum ouro podia ter-me sido útil. E também matei a minha mãe, algo mais cedo. Oh, e o meu sobrinho Joffrey, envenenei-o no banquete de casamento e vi-o sufocar até à morte. O queijeiro esqueceu-se dessa parte? Pretendo acrescentar o meu irmão e a minha irmã à lista antes de acabar, se agradar à tua rainha.

— *Agradar-lhe?* Terá Illyrio perdido o juízo? Porque é que ele imagina que Sua Graça aceitará os serviços de um confesso regicida e traidor?

*Uma questão pertinente*, pensou Tyrion, mas o que disse foi:

— O rei que matei estava sentado no trono dela, e todos aqueles que traí eram leões, por isso, parece-me que já prestei à rainha bons serviços. — Coçou o toco do nariz. — Não tenhas medo, não te vou matar, não és da minha família. Posso ver o que o queijeiro escreveu? Tenho um fraquinho por ler a meu respeito.

Griff ignorou o pedido. Em vez de lhe dar resposta levou a carta à chama da vela e ficou a observar o pergaminho a enegrecer, enrolar e incendiar-se.

— Há sangue entre Targaryen e Lannister. Porque haverias tu de apoiar a causa da Rainha Daenerys?

— Por ouro e pela glória — disse o anão num tom alegre. — Oh, e por ódio. Se tivesses conhecido a minha irmã, compreenderias.

— Eu compreendo o ódio bastante bem. — Pelo modo como Griff disse a palavra, Tyrion compreendeu que aquilo era verdade. *Este também jantou ódio. Foi aquecendo-o durante a noite ao longo de anos.*

— Então temos isso em comum, sor.

— Não sou cavaleiro nenhum.

*Não só és mentiroso, como és mau mentiroso. Isso foi desastrado e estúpido, senhor.*

— E, no entanto, o Sor Pato diz que o armaste cavaleiro.

— O Pato fala demais.

— Alguns poderiam espantar-se por um pato conseguir falar de

todo. Não importa, *Griff*. Não és cavaleiro nenhum e eu sou Hugor Hill, um monstinho. O *teu* monstinho, se quiseres. Tens a minha palavra, tudo o que desejo é ser um leal servo da tua rainha dos dragões.

— E como é que propões servi-la?

— Com a língua. — Lambeu os dedos, um por um. — Posso dizer a Sua Graça como a minha querida irmã pensa, se é que é possível chamar àquilo pensar. Posso dizer aos seus capitães qual a melhor maneira de derrotar o meu irmão Jaime em batalha. Sei quais dos senhores têm coragem e quais são cobardes, quais são leais e quais são venais. Posso entregar-lhe aliados. E sei muitíssimo sobre dragões, como o teu semimeistre te dirá. E também sou divertido, e não como muito. Considera-me o vosso leal duende.

Griff refletiu naquilo por um momento.

— Compreende o seguinte, anão. És o último e o menos importante do nosso grupo. Domina a língua e faz o que te é dito, senão depressa de-sejarás tê-lo feito.

*Sim, pai*, quase disse Tyrion.

— Como quiserdes, senhor.

— Não sou senhor nenhum.

*Mentiroso.*

— Era uma cortesia, meu amigo.

— Também não sou teu amigo.

*Não és cavaleiro, não és senhor, não és amigo.*

— É pena.

— Poupa-me à tua ironia. Levo-te até Volantis. Se te mostrares obediente e útil, poderás ficar connosco, para servir a rainha o melhor que puderes. Se mostrares que dás mais sarilhos do que os que vales, podes seguir o teu próprio caminho.

*Sim, e o meu caminho irá levar-me ao fundo do Roine com peixes a mordiscar o que me resta de nariz.*

— *Valar dohaeris.*

— Podes dormir no convés ou no porão, como preferires. A Ysilla vai arranjar-te mantas.

— Que bondade a dela. — Tyrion fez uma vénia bamboleante, mas ao chegar à porta da cabina virou-se para trás. — E se encontrarmos a rainha e descobirmos que esta conversa de dragões não passou da fantasia ébria de um marinheiro qualquer? O vasto mundo está cheio desse tipo de histórias loucas. Gramequins e *snarks*, fantasmas e vampiros, sereias, demónios das rochas, cavalos alados, porcos alados... leões alados.

Griff fitou-o, franzindo o sobrolho.

— Avisei-te lealmente, Lannister. Ou controlas a língua ou a perdes. Há aqui reinos em risco. As nossas vidas, os nossos nomes, a nossa honra. Isto não é nenhum jogo que estamos a jogar para teu divertimento.

*Claro que é, pensou Tyrion. O jogo dos tronos.*

— Às vossas ordens, capitão — murmurou, voltando a fazer uma vénia.